



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

**OS MULTIMEIOS A SERVIÇO DA
EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado

Maria Helena Duarte Oliveira

FLORIANÓPOLIS

MARÇO 2002

Maria Helena Duarte Oliveira

**OS MULTIMEIOS A SERVIÇO DA
EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, área de concentração em Mídia e Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis, março de 2002.

Maria Helena Duarte Oliveira

**AS NOVAS TECNOLOGIAS À SERVIÇO DA
EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração Mídia e Conhecimento, e aprovada em sua forma final pelo programa de Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 22 de março de 2002.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção

Banca Examinadora:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Orientador

Prof.^a Araci Hack Catapan, Dr.^a

Prof.^a Cristiane Coelho de Souza Reinisch, Dr.^a

"Prometeu – diz o mito – nos deu o fogo, nos trouxe a razão e nos ensinou todas as arte. Com ele aprendemos a construir casa, trabalhar a madeira, navegar os oceanos e extrair os preciosos metais ocultos sob a terra. Passamos a conhecer o alfabeto, a matemática, a conservar a memória das coisas e regular nossas vidas pelo ritmo dos céus. O fogo roubado por Prometeu, está na origem da indústria, das ciências e dos engenhos que permitem ao frágil ser humano modificar sua condição de nudez e desamparo, vencer o medo e descobrir esperança no futuro. Em sua honra foram instituídos os jogos, em que os participantes corriam carregando tochas. Ganhariam aqueles que, com a chama acesa, primeiro atingisse a linha de chegada.

Para Francis Bacon, a saga de Prometeu narra a aventura em que a limitada inteligência humana se liberta dos preconceitos, dos erros tradicionais, dos idola que obstruem o seu funcionamento. É da cerimônia das tochas ardentes que Bacon retira a sua famosa reflexão sobre o aprendizado e a transmissão das técnicas: "... aquele fogo (...) traz em si uma advertência plena de sabedoria: o aperfeiçoamento das ciências e das artes deve se fundar na sucessão dos esforços e não na habilidade do indivíduo... A ciência não deve depender da trêmula e agitada tocha de uma única pessoa"

Para Bacon, o saber técnico e científico não é fruto de instituições solitárias, mas resulta, pelo contrário, do aprendizado do trabalho cooperativo, de uma profunda reforma do modo de pensar e falar dos homens, e diz respeito às próprias estruturas de suas vidas em comum".

Evandro Mirra de Paula Silva (Ensino Tecnológico e Universidade, 1992, p.2)

*À Deus, que tudo pode.
Dedico também esta minha conquista
ao meu querido esposo Osmere de Oliveira, que com paciência
e compreensão, soube demonstrar seu amor e companheirismo,
para que mais este sonho em minha vida se concretizasse.
Obrigada por me ajudar.*

*E aos meus filhos, Gustavo e Gabriela
que pelas minhas muitas horas de ausência,
estejam certos de que vocês são a minha força.*

*E aos meus pais, Wilson e Therezinha,
que me passaram esta inquietude e esta ânsia pelos desafios.*

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho, meu carinhoso e paciente orientador.

À Business School FAE - Centro de Desenvolvimento Empresarial (CDE) em especial ao Prof. Dr. Judas Tadeu.

Ao Colégio Bom Jesus Água Verde, representado pela sua Gestora Maria Inês Bonatto e Assessora Silvia Ivan Lozza.

Ao Colégio Estadual Jayme Canet, representado pela sua Diretora Prof.^a Maria.

À minha querida equipe de trabalho no Mestrado composta por: Adriana, Andrea, Ana Maria, Maria Regina, Silvana e Thais.

E a minha avó Angela Vigari (in memoriam) juntamente com o meu devoto Santo Antonio, que sempre estiveram ao meu lado.

Obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Justificativa	2
1.2 Problemas de Pesquisa	5
1.3 Hipótese	6
1.4 Objetivos	6
1.4.1 Gerais	6
1.4.2 Específicos	6
1.5 Delimitação do Estudo	7
1.6 Estrutura da Dissertação	8
2 UM PARALELO ENTRE O AVANÇO TECNOLÓGICO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL	10
2.1 Na Idade Antiga	10
2.2 Na Idade Média	11
2.3 Na Idade Moderna	11
2.4 Na Idade Contemporânea	12
3 A ESCOLA INSERIDA NESTA REALIDADE TECNOLÓGICA QUE SE APRESENTA	24
4 O PAPEL DO PROFESSOR DO SÉCULO XXI	34
5 A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA	43
6 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS MULTIMEIOS	47
6.1 O Livro	48
6.2 O Computador	48
6.3 A Televisão	51
6.4 O Cinema	54
6.5 O Jornal	55
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS	92
8.1 Sugestões para Trabalhos Futuros	94

REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA E PARTICULAR.....	101
ANEXO 1 - RECORTES DE JORNAIS PERTINENTES A PESQUISA EM PAUTA	106

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Helena Duarte. **Os multimeios a serviço da educação no ensino fundamental**. Florianópolis, 2002. 116f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

Este trabalho mostra a importância das novas *tecnologias educacionais* em nossa sociedade e principalmente na escola. Enfatizando que cada vez mais, computadores, multimídia e internet, entre outros, são termos que fazem parte da rotina de nossos estudantes e a eles, novos ídolos, os mestres tem agora que reverenciar, tornando-se mediadores entre o novo e o antigo, assumindo seu papel de conduzir o aprendizado, e não mais os donos de toda informação a ser transmitida. Reflete sobre algumas experiências, bem ou mal sucedidas, de como está ocorrendo a *informatização* nas escolas, avaliando-as e sugerindo alternativas para este processo. São discutidos temas influentes no processo como a formação de *professores*, influência da informática no aprendizado, introdução da informática no currículo escolar, produção, avaliação e escolha dos *softwares* educacionais. Sugere como a infra-estrutura poderá ser organizada para não sair do curso proposto. Para tanto, analisa resultados de pesquisa de campo que compara duas realidades, a escola pública e a escola particular. Apresenta ao final, sugestões para que o trabalho possa continuar, levando-se a campo as descobertas adquiridas e as que se possa adquirir a partir de novas pesquisas.

Palavras-chave: tecnologias educacionais; informatização; professores.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Maria Helena Duarte. **Os multimeios a serviço da educação no ensino fundamental**. Florianópolis, 2002. 116f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento - ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

This work shows the importance of the new educational technologies in our society and mainly in the school. Emphasizing that more and more, computers, multimass and internet, among other, are terms that are part of our students' routine and to them, new idols, the masters have now to reverence, becoming mediators between the new and the old, assuming your role of leading the learning, and not more the owners of all information to be transmitted. It is contemplates on some experiences, well or badly happened, of as it is happening the computation in the schools, evaluating them and suggesting alternatives for this process. Influential themes are discussed in the process as the teachers' formation, influence of the computer science in the learning, introduction of the computer science in the school curriculum, production, evaluation and choice of the educational softwares. It is suggests as the infrastructure it can be organized for not leaving of the proposed course. For so much, it analyzes results of field research that compares two realities, the public school and the private school. He/she/you presents at the end, suggestions so that the work can continue, being taken to field the acquired discoveries and the ones that one can acquire starting from new researches.

Key-words: educational technologies; computation; teachers.

1 INTRODUÇÃO

*Aventurar-se causa ansiedade mas deixar de arriscar-se é perder a si mesmo (...) e aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente toma consciência de si próprio.
(Kierkegaard)*

A educação brasileira atual tem assumido características muito distintas da educação ministrada em décadas anteriores. Enquanto os anos 70 e 80 consagram escolas centradas no ensino giz, lousa e garganta. O computador, a globalização, as Tvs por assinatura, a Internet e a qualidade total passaram a exigir que a escola mudasse. GARDNER designou os anos 90 como a "década do cérebro".

Raciocínio rápido, formação eclética e inteligência são as regras do momento. Regras que determinam à vida de um jovem nova-iorquino ou do sertão nordestino. Essa revolução nas propostas de educação não aconteceram como fruto de competição entre as escolas. Surgiram com imperativo social e econômico.

Agora, o jovem que quer ter sucesso precisa ter mais do que disposição para o estudo. Precisa estar pronto para responder à situações diversas. A chave do sucesso não está apenas nas boas universidades, mas também nos cursos fundamentais e médios.

Partindo dessa idéia de continuação VYGOTSKY (1988) postula que o *desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva*, isto é, para além do momento atual, com referência ao que está por acontecer na trajetória do indivíduo.

Tendo uma boa formação, o ingresso nas melhores universidades e o sucesso na carreira serão uma consequência natural. O que se percebe é que a fase do aluno silencioso acabou. A nova ordem agora é participar. Perguntas e respostas então, são atividades coletivas; dentro e fora da sala de aula.

O grande desenvolvimento de tecnologias pessoais, móveis, mais baratas e cada vez mais interativas está propiciando mudanças significativas nas formas de educar, de lazer, de trabalhar, de se comunicar com as pessoas próximas e

distantes. Modificam-se as concepções de espaço e de tempo, do que é real e virtual, do que é tradicional e inovador.

Um dos grandes desafios da gestão educacional de nossos tempos implica introduzir na escola as novas tecnologias que vêm se tornando mais presentes no nosso dia-a-dia. Há um consenso geral de que o êxito no casamento entre a educação e os modernos recursos da comunicação e da informática podem proporcionar saltos de qualidade na educação.

O desafio passa a ter um significado especial, pois permite reduzir as grandes diferenças que o separam hoje dos sistemas educacionais dos países ricos. O tema não é trivial, pois há bem pouco tempo, mesmo no mundo desenvolvido, contavam-se poucos casos de sucesso no uso das novas tecnologias na educação. Hoje, já se acumulam experiências exitosas em número suficiente para apontar o caminho a seguir.

A educação defronta-se com desafios colocados pela emergência de uma nova configuração cultural, de abrangência transnacional, cujos padrões atravessam as fronteiras dos Estados-nação.

Segundo SANTOS (1996, p.129).

A cultura mundializada envolve processos com a globalização do consumo e da publicidade, a potencialização dos recursos da comunicação e da informática, a proliferação de espaços, imagens e práticas sociais desterritorializadas. *Shopping-centers*, realidade virtual e *fast food* constituem aspectos de uma dinâmica cultural irredutível embora não associada à internacionalização do capital ou ao avanço tecnológico.

1.1 Justificativa

"Uma boa aula só acontece quando existe um bom professor e alunos motivados".

Esta dissertação foi redigida principalmente com a intenção de explicitar alguns pontos angustiantes para os professores que se encontram assustados perante a realidade escolar que se impõe. Através da opinião de muitos autores, de

discussões entre os colegas de profissão e uma grande pesquisa realizada entre os alunos, abordaram-se alguns pontos cruciais deste "problema".

As discussões acaloradas, assim como os comentários nas reuniões com profissionais com quem se tem a oportunidade de trabalhar, criou a possibilidade de uma revisão constante nos temas problematizados, que não se findam com este trabalho, pois são um assunto longo e com muitas possibilidades.

Segundo ASSMANN (1998, p.17):

A transição desde organizações sociais relativamente pequenas a sociedades amplas e complexas acontece em menos de três séculos. Em menos de um século inverteu-se completamente a proporção entre o rural e o urbano como "nicho vital" da espécie humana. E agora, em poucas décadas mergulhamos na sociedade de informação. E ela veio para ficar e intensificar-se. Ela não espera por ninguém. A profundidade e a rapidez da penetração das tecnologias da informação e da comunicação está transformando muitos aspectos da vida cotidiana. Isso constitui uma das principais marcas do atual período histórico. Ao longo de toda a evolução da espécie humana, nunca houve mutações tão profundas e rápidas.

Aloisio MERCADANTE (1997 - Folha de S. Paulo) afirma que:

O final do século XX foi marcado pela emergência de um novo padrão tecnológico que impulsiona uma "terceira revolução industrial", pelo peso crescente do capital financeiro que mobiliza diariamente cerca de US\$ 1,5 trilhão no sistema interligado do mercado de capitais e pela centralização cada vez maior do avanço tecnológico e do comércio internacional nas grandes empresas transnacionais, que concentram 2/3 do comércio mundial, basicamente no interior da tríade EUA-Japão-CEE.

Neste cenário, a globalização é uma etapa superior do processo de internacionalização a economia, que subordina os destinos dos povos e nações ao interesse das grandes empresas e bancos da economia transnacionalizada, concentrando cada vez mais poder nas grandes potências industrializadas".

Por outro lado, está também o envelhecimento rápido de qualquer profissionalização. Isto determina que o diploma não significa mais uma conclusão, mas apenas o reconhecimento de que um estágio se encerra, enquanto outros se

iniciam, sem fim. No fundo, garante somente que se realizou uma etapa considerada, sobretudo do ponto de vista formal e jurídico, importante. Todavia, quem não se renovar permanentemente, perde o trem e pode mesmo sair do mercado. Diplomar-se e voltar sempre a estudar possuem hoje o mesmo peso da competência profissional e garante a empregabilidade.

O papel da educação será ainda mais decisivo no século XXI. É muito grande a responsabilidade da escola e dos professores. Os nacionalismos mesquinhos deverão dar lugar ao universalismo; os preconceitos étnicos e culturais à tolerância, à compreensão e ao pluralismo, o totalitarismo deverá ser substituído pela democracia em suas variadas manifestações e um mundo dividido, em que a tecnologia é apanágio de alguns e dará lugar a um mundo tecnologicamente unido.

Mudou muito hoje em dia o perfil da competência profissional, mesmo que esteja atrelada à face formal. Num primeiro momento, trata-se da própria definição de competência, que encontra na capacidade de permanente recuperação seu dinamismo maior e típico. Engloba por isso os desafios do saber pensar e do "aprender a aprender". Não cabe mais a noção de ciência como estoque de conhecimentos disponíveis, acessíveis pela via da simples transmissão. Em vez desta noção, prevalece o processo permanente de inovação, por conta da própria lógica inovadora. O conhecimento inova tanto, porque se inova constantemente. O questionamento ininterrupto é sua alma. Assim como não é coerente supor um questionamento inquestionável, é absurdo partir de um conhecimento inovador que pare de inovar-se.

Segundo SANCHO (1998, p.11):

Neste mundo cada vez mais artificial e dominado pelos objetos feitos industrialmente, os indivíduos e os grupos, mais do que desenvolver e utilizar as tecnologias para adaptar o meio às suas necessidades, têm que desenvolver ou adquirir capacidade e habilidades cada vez mais complexas para entender minimamente seu próprio ambiente. Na atualidade, em um mundo em que ainda existe uma alta porcentagem de analfabetismo, já não só é preciso dominar a língua oral e escrita. Para poder tomar uma posição crítica e de valor e não só de consumo indiscriminado, precisa-se

entender as chaves das linguagens audiovisuais e informáticas, ter capacidade para saber aprender, critério para selecionar e situar a informação e um mínimo conhecimento básico para dar-lhe sentido e convertê-la em conhecimento pessoal, social e profissional.

MORAN (1998, p.68) afirma que: Há um novo reencantamento pelas tecnologias porque participamos de uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual. Há um novo reencantamento porque estamos numa fase de reorganização em todas as dimensões da sociedade, do econômico ao político, do educacional ao familiar.

Uma grande mudança vem se acentuando nos últimos anos, é a necessidade de comunicação através de sons, imagens, e textos, integrando mensagens e tecnologias multimídia. O cinema, a televisão, o computador que está integrando todas as telas antes dispersas, tornando-se, simultaneamente, um instrumento de trabalho, de comunicação e de lazer.

1.2 Problemas de Pesquisa

Uma das grandes preocupações das Instituições escolares no momento, é a necessidade de recursos humanos.

Estão cada vez mais escassos os profissionais de educação motivados e capacitados para se inserir neste mercado tão delicado e que exige tantas qualificações.

São muitas as angústias do professor, como por exemplo:

- Como pode o professor aliar-se a essa nova realidade tecnológica que se apresenta?
- Como preparar-se para uma juventude tão inquieta?
- Como deve ser o perfil da Instituição que deseja um profissional tão capacitado?
- Que meios utilizar para tornar a aula mais proveitosa e agradável?
- Qual a importância real da educação para a empregabilidade hoje?

1.3 Hipótese

A hipótese dessa dissertação pode ser resumida em:

O panorama de estupefação perante esta nova realidade tecnológica que se apresenta ao quadro docente, pode ser revertido em esperança e harmonia se houver uma mudança na postura pessoal dos professores com relação à tecnologia e à metodologia empregada em sala de aula, assim como, maior disponibilidade dos multimeios por parte das Instituições para que a "aprendizagem prazerosa" aconteça.

1.4 Objetivos

1.4.1 Gerais

Esta dissertação trata do ensino e de como melhorá-lo, e visa proporcionar aos profissionais a área da educação e a quem interessar este trabalho, uma fonte de consulta para esclarecer dúvidas, orientar e desmistificar o processo de informatização do ensino.

1.4.2 Específicos

- Através de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e na Internet, mostrar alguns projetos de informatização já realizados.
- Avaliar os aspectos positivos e negativos de alguns itens projetados pela pesquisa, propondo novos caminhos para que o ensino-aprendizagem dentro do curso fundamental seja mais prazeroso para docentes e discentes.
- Mostrar como o uso correto da informática no ensino pode melhorar o processo ensino-aprendizagem, comparando o acesso aos multimeios da escola pública e particular
- Salientar como a formação de professores tem papel fundamental no processo de informatização e recomendar o trabalho neste sentido.

- Sugerir uma possível estratégia de como a informática poderá ser introduzida na escola e no currículo escolar, adaptando os alunos para uma sociedade tecnológica, cujas principais características são a cooperação e a criatividade.
- Recomendar a infra-estrutura ideal para a concretização do processo.

1.5 Delimitação do Estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de Curitiba, Paraná, abrangendo 300 alunos do Ensino Fundamental do Colégio Bom Jesus - Unidade Água Verde, e 200 alunos do Ensino Fundamental e médio do Colégio Estadual Jayme Canet.

Apesar do campo de aplicação da pesquisa feita ser muito amplo, este trabalho, em função da metodologia adotada, limita-se ao uso puramente estatístico e pedagógico, diretamente endereçado para a área educacional. Entretanto, os resultados encontrados poderão servir de base para estudos semelhantes em outras áreas de estudo e futuras pesquisas.

A pesquisa que atingiu alunos e a equipe técnico-pedagógica das instituições envolvidas, foi desenvolvida durante o mês de outubro de 2001.

Na rede particular, foram pesquisados 200 alunos do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Jayme Canet, localizado na periferia da cidade de Curitiba, Paraná, no bairro Capão Raso, onde moram pessoas de baixo poder aquisitivo.

Já na escola particular, foram entrevistados 300 alunos do Ensino Fundamental do Colégio Bom Jesus "Água Verde", localizado num bairro classe média-alta da cidade de Curitiba, Paraná, chamado Água Verde.

O nível sócio-econômico dos dois colégios é contrastante, o que muito favoreceu a análise dos resultados da pesquisa., que abrangeu alunos de idade que variava entre 10 e 17 anos.

A pesquisa foi aplicada pela própria pesquisadora, no decorrer de suas aulas, com a devida autorização das supervisões, desta maneira pode-se esclarecer com os alunos as suas dúvidas e também observar dados muito importantes sobre os assuntos propostos.

A partir da pesquisa pronta, após a autorização da gestora, da assessora e diretora dos respectivos estabelecimentos citados, iniciou-se a aplicação dos questionários. Foram sete quintas séries, três sextas séries, três oitavas séries do Ensino Fundamental e dois primeiros anos do Ensino Médio. Perfazendo um total de 500 alunos.

Devido ao alto grau de interesse por parte dos alunos (principalmente da escola pública), durante a pesquisa, conclui-se que seria muito interessante ter-lhes informado os resultados em forma de gráficos e discussões. Mas, pela delimitação do tempo para poder fazer a análise das informações recolhidas (final de semestre), não foi possível dar o retorno para os alunos dentro do ano letivo de 2001, fato este que se pretende concluir no primeiro bimestre de 2002.

1.6 Estrutura da Dissertação

Definindo-se qual seria o objeto de estudo, realizou-se (em aproximadamente 16 meses), a pesquisa e seleção do material bibliográfico necessário para a construção do referencial teórico em Educação, Tecnologia, Informática, Pedagogia, Sociologia e Psicologia, necessários para o trabalho.

Este trabalho está organizado em 09 capítulos, a saber:

- Neste primeiro capítulo apresenta o que este trabalho pretende investigar, qual o problema da pesquisa, quais as hipóteses a serem trabalhadas, quais os objetivos que se pretende alcançar, como também os argumentos que justificam a sua realização.
- No segundo capítulo apresenta uma comparação histórica entre a evolução da educação e tecnologia do Brasil.
- No terceiro capítulo apresenta uma explanação sobre como a educação brasileira está inserida no contexto tecnológico atual.
- No quarto capítulo mostra-se qual é o papel do professor na sala de aula do século XXI.

- No quinto capítulo faz uma abordagem psicológica do perfil do aluno, suas relações familiares e educacionais nos dias atuais.
- No sexto capítulo apresentam-se algumas ferramentas didáticas para a construção do conhecimento no século XXI.
- No sétimo capítulo é apresentada a pesquisa realizada com alunos da rede pública e particular que visa mostrar as semelhanças e diferenças entre estas Instituições em termos de como chegam as informações, como se dá aprendizagem, etc.
- No oitavo capítulo, apresentam-se os gráficos demonstrativos sobre a pesquisa efetuada, resultados e discussão sobre a mesma.
- No nono capítulo são apresentadas as conclusões finais e propostas para realização de futuros trabalhos sobre o assunto que foi explorado.
- No décimo capítulo demonstram-se as referências bibliográficas que fundamentam o trabalho e, alguns anexos pertinentes.

2 UM PARALELO ENTRE O AVANÇO TECNOLÓGICO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

"A utopia propõe o retorno à comunidade. Para realizá-la é preciso que a comunidade a defenda como defende o acesso aos eletrodomésticos, ao transporte, ao esgoto, ao asfalto, à moradia, ao trabalho... enfim, que ela defenda a educação como fundamental para a qualidade de vida".

Moacir Gadotti

A história da humanidade é marcada pela forma de organização social com os segmentos "dominante e dominado", por meio de variados modos de composição, tais como estamentos, classes. Tem variado de composição, mas não o de organização da sociedade.

Desde o momento em que a comunidade primitiva, baseada nos laços de sangue, foi cedendo lugar a uma organização social mais hierarquizada, uma parte da população (a sua maior parte) foi sendo excluída do acesso ao "saber significativo". Na medida em que a sociedade se estruturou em segmento dominante e dominado, o saber significativo passou a ser propriedade e segredo do segmento dominante.

2.1 Na Idade Antiga

Em Esparta o saber militar pertencia aos espaciatras, segmento mais alto na estrutura da organização social; em Atenas e Roma, a arte da oratória pertencia aos denominados cidadãos atenienses e romanos, pois escravos e plebeus não podiam ter acesso a essa formação; a oratória destinava-se àqueles que poderiam ter acesso ao poder, uma vez que teriam que dirigir-se aos seus pares e convencê-los com seus argumentos. Explicita-se ainda que, nem todos os indivíduos eram cidadãos. Em Atenas, quem necessitava trabalhar com as próprias mãos para sobreviver não era digno do nome "cidadão ateniense", conforme definição de Aristóteles no seu livro *Política*. Os sujeitos do segmento dominado nessas sociedades podiam aprender muitas coisas, menos os conhecimentos que eram considerados significativos; no caso de Esparta, a arte militar e, no de Atenas e Roma, a oratória.

2.2 Na Idade Média

Durante muitos anos, o processo de produção evoluiu muito calmamente. O sistema dominante era o artesanal e o conhecimento se transmitia de pai para filho. O tradicionalismo ou o conhecimento a partir do já conhecido era o modelo dominante.

O sistema educacional, por sua vez, contemplava as elites hegemônicas e ao artesão incumbia, entre outras, a tarefa de ensinar o ofício, provocando uma natural hierarquia entre este e seus aprendizes, que passavam quase que uma vida inteira na ânsia de aprender o "saber fazer" e para aperfeiçoar suas habilidades profissionais. Entretanto, com o enfraquecimento do feudo e o fortalecimento da burguesia provocados pela invenção de máquinas para substituir o trabalho humano, diminuiu ainda mais a função dos artesãos. Com as máquinas vieram as fábricas com sua organização eficiente e a divisão do trabalho.

2.3 Na Idade Moderna

No Brasil, a ação educacional dos jesuítas, cujo início ocorreu em 1549 com a chegada dos religiosos trazidos pelo primeiro governador-geral, deveu-se no âmbito da contra-reforma e da política organizadora e mercantil da Coroa portuguesa. Política que, fundada particularmente na monocultura agroexportadora, em extensos latifúndios e na mão-de-obra escrava, acarretou o enriquecimento da burguesia e da realeza e o empobrecimento de grande parte da população metropolitana e colonial.

Segundo NEMI (1996, p.9):

Na raiz histórica de todos os brasileiros, encontram-se, sem dúvida, a participação da Igreja Católica. Os colonizadores que se apossaram do nosso território a partir de 1500 utilizaram-se da força da cruz e da espada para "convencer" os nativos das vantagens da vida "civilizada" que eles queriam ensinar. A "descoberta" dessa civilização seria, na visão dos conquistadores, o caminho para a felicidade e para a salvação diante de Deus.

Durante séculos, esse "pensamento cristão" influenciou toda a prática pedagógica colonial. Tanto para os que podiam estudar de fato quanto aqueles que apenas recebiam informações elementares, a figura do padre foi a imagem sagrada que lidava com o saber. Mesmo depois da tentativa do Marques de Pombal de laicizar o ensino, mantiveram-se os moldes educacionais implantados pelos "padres colonizadores".

2.4 Na Idade Contemporânea

O nascimento do Brasil como Estado independente foi marcado por dois fatos que anteciparam significativamente a "democracia" que viria pela frente: a declaração de Independência pelo herdeiro do trono português e o fechamento da Assembléia Constituinte pelo monarca, que presenteou ao país uma Constituição outorgada, um verdadeiro "cavalo de Tróia" para o povo brasileiro.

Segundo PILETTI (1995, p. 26):

No campo estritamente educacional prevalecia a mesma distância entre os dispositivos legais e as condições objetivas: garantia-se instrução primária e gratuita a todos os cidadãos (art. 179, XXXII), excluídos os escravos, naturalmente, mas não se construía escolas nem se preparava os professores que pudessem oferecer tal instrução; previa-se a fundação de universidades onde fossem ensinados elementos de ciências, letras e artes (art. 179, XXXIII), mas foi só um século depois que começaram a surgir as primeiras instituições universitárias brasileiras.

Segundo AZEVEDO (1971):

Para que se tenha uma idéia da pouca importância atribuída ao ensino técnico-profissional, durante o Império, basta que se atente para o número de alunos que o freqüentavam: em 1864, para 8.600 alunos do ensino secundário existentes no país, havia apenas 116 inscritos em estabelecimentos de ensino técnico:

- 53 no Instituto Comercial do Rio de Janeiro,
- 25 no Curso Comercial de Pernambuco,
- 24 na Escola de Agricultura do Pará e
- 14 na Escola de Agricultura do Maranhão.

Com a introdução das máquinas geradas por ocasião da Revolução Industrial, assistimos a uma grande modificação no sistema de produção de toda a Europa. Seus reflexos rapidamente foram percebidos em todo o mundo que, ansiosamente, absorveu todas as novidades, deixando de lado, em pouquíssimo tempo, as dificuldades que o sistema artesanal apresentava.

Acompanhando essas grandes modificações, os países europeus desenvolveram seus sistemas educacionais de forma a atender às necessidades deste novo modelo social.

No Brasil, entretanto, acostumado à condição de Colônia e, portanto, de dependência, a introdução destas modernidades se fez de maneira mais lenta, pois não interessava, naquele momento (e nem era possível), a industrialização. Ao contrário, era importante para todo o mundo que continuássemos a ser o "celeiro do mundo".

A proclamação da República em 1889 trouxe a separação entre a Igreja e Estado. As idéias de uma escola leiga, pública e dirigida a toda a população ganharam corpo e conquistaram muitos defensores. O desenvolvimento industrial e a formação de um operariado desejoso de interferir no processo político do país contribuíram para a divulgação dos ideais liberais, de acordo com os quais a escola era um espaço para a formação do eleitorado.

O sistema educacional brasileiro preocupou-se com os aspectos relacionados às necessidades prementes e reais do mercado, sem, contudo se preocupar em formar recursos capazes de mudar a nossa situação de dependência ou mesmo capaz de produzir a sua própria tecnologia.

Todas as nossas pedagogias foram sendo uma a uma, importadas e introduzidas apenas com pequenas adaptações frente a um novo e diferente contexto. Nessa seqüência de cópias, esquecem-se de procurar o nosso próprio caminho, ou, encarado sob outro ângulo, talvez não se tenha permitido pensar de maneira independente.

Segundo ROMANELLI (1989, p.46):

Paralelamente, a indústria nacional crescia, mas sem contar com o suporte ideológico operacional de desenvolvimento, pois até então considerava-se a difusão da cultura cafeeira intrinsecamente vantajosa e chave do progresso material. Por essa razão, todos os esforços na área educacional eram desvinculados de qualquer compromisso de mudança do sistema de produção capitalista que se instalava com força total.

Segundo SANTOS (1985, p.38):

A Academia Real Militar, criada em 1810, e em 1839 transformada em Escola Militar com frequência aberta a civis foi em 1879 transformada em Escola Politécnica do Rio de Janeiro, tendo sido, por longo período, o único Centro de Treinamento em Engenharia, Ciências Exatas e Ciências Naturais. Ela visava apenas atender às necessidades específicas de formação de artilharia e engenharia, engenheiros geográficos e topográficos para dirigir as minas, caminhos, pontes, sempre atrelados aos problemas de segurança nacional, muito longe, portanto, de atender às necessidades das indústrias que surgiam.

Nessa mesma linha, de 1835 a 1850, funcionou o "Gabinete Topográfico", que também objetivava formar medidores de terra e engenheiros de estrada, visando atender em especial as necessidades da Província e, como consequência, dos senhores possuidores de terra que necessitavam de meios para transportar o seu produto de exportação até os portos.

Somente em 1894 é que a primeira escola com objetivos profissionalizantes foi instalada no país. Tratava-se da Escola Politécnica de São Paulo, criada oficialmente através da Lei Estadual n.º 191, de 24 de agosto de 1894.

Já por volta de 1920, o país passava por um processo de transformação cultural bastante significativo após a intensificação de suas relações comerciais e financeiras com os Estados Unidos, quando houve a interferência direta dos costumes e cultura norte-americana no cotidiano dos brasileiros, influência esta, que se deu através da imprensa, dos livros, da literatura e que chegou também ao campo educacional e pedagógico, principalmente através de John Dewey e Willian Kilpatrick.

Em 1928, criou-se o Ciesp (Centro das Indústrias do estado de São Paulo), em 1931, surgiram o Idort (instituto de Organização Racional do Trabalho) e a Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo).

MONARCHA (1991) afirma que:

Após 1930, já com a contribuição de John Deewey, que influenciou diretamente a pedagogia nacional, "*o ideal de homem culto foi suplantado pelo ideal de homem prático*" e surgiu a figura do homem novo. A pedagogia escolanovista, baseada em Dewey e Herbert, apontava para a "construção de um interesse único, sendo a modernidade identificada como processo de industrialização e este com os interesses da Nação.

Essa influência deu origem ao que se convencionou chamar de *otimismo pedagógico* que, por sua vez, somado ao *entusiasmo pela educação*, provocou a realização da Conferência Brasileira de Educação, realizada pela ABE (Associação Brasileira de Educação). Na verdade, esse movimento teve um caráter mais quantitativo que qualitativo, pois, se preocupou com a expansão da rede escolar e com a (des)analfabetização do povo, numa época em que o país sofria profundas revoluções ao nível material. Instalaram-se as redes telegráficas, os portos, as ferrovias, etc., provocando uma urbanização significativa acoplada ao fim do regime de escravidão e adoção do trabalho assalariado. Esses dois movimentos, no entanto, não conseguiram grandes vitórias no sentido de aumentar a quantidade de escolas (*entusiasmo pela educação*) ou melhorar a qualidade das aulas (*otimismo pedagógico*).

No plano da economia, a evolução de um modelo exclusivamente agrário-exportador para um modelo parcialmente urbano/industrial afetou o equilíbrio estrutural dos fatores influentes no sistema educacional, pela inclusão de novas e crescentes necessidades de recursos humanos para ocupar funções nos setores secundário e terciário da economia em emergência, e passou, então a fazer solicitações à escola.

Para o desenvolvimento do setor secundário e terciário da economia, era imprescindível que o sistema educacional fornecesse recursos aptos a ajudar na modificação desse quadro baseado até então, num modelo exclusivamente agrário/exportador.

Escreve NEMI (1996, p.11):

Que a organização da rede oficial de ensino, durante a década de 30, foi bastante influenciada pelo *Manifesto dos Pioneiros de 1932*, que deu origem ao movimento da **Escola Nova**. O governo conservador, mediante a constituição outorgada de 1937, não apenas separou o ensino secundário (para as elites) do profissionalizante (para as classes populares), como também expandiu a rede oficial com base no clientelismo político. Os movimentos trocavam a escola reivindicada pelo apoio eleitoral sugerido por representantes partidários

Diga-se, fato comum ainda hoje na prática política brasileira.

Somente a partir de 1934 a lei maior passou a incluir um capítulo sobre educação e a cultura, segundo artigo 149: A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite eficientes fatores de vida moral e econômica da nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Este fato tem se mantido praticamente desde o período colonial, quando se esteve dependentes primeiramente dos catequizadores ligados à Igreja. Desde então o padrão não se alterou mudando-se apenas os personagens principais, chegando até 1930 quando o sistema educacional, incipiente e quase inexistente, foi direcionado apenas para o consumo e não para a produção.

Também a partir de 1934 criou-se a Universidade Técnica Federal, projeto que nunca saiu do papel, mas que previa a instalação de mais oito institutos de pesquisas e que deveria congrega a Escola Politécnica, a Nacional de Química do Rio de Janeiro e de Minas e Metalurgia de Ouro Preto.

Segundo HILST (1994, p. 24):

Com a promulgação da Constituição Federal de 1934, a educação passou a ser direito de todos e dever do Estado, numa vitória do movimento reformador. No entanto na Constituição Federal de 1937, houve um retrocesso no que diz respeito ao dever do Estado como educador, pois preferiu proclamar a liberdade da iniciativa privada na educação. Ao estabelecer ainda que o ensino pré-vocacional profissional deveria ser destinado aos pobres, reafirmou a condição de que aos ricos cabia a

educação propedêutica e aos "menos favorecidos" restava a educação profissionalizante, para que os mesmos, pudessem atender às necessidades das oligarquias, frente à industrialização, que no decorrer dos 30 anos que se seguiu ao estabelecimento da República, acabou por se tornar um segmento econômico tão importante quanto ao das elites rurais e mercantis que o período envolveu.

Ainda sobre o assunto escreve LUCKESI (1995, p.124):

No Brasil, até bem recentemente, tínhamos dois tipos de escola plenamente distintos para atender, de um lado, descendentes do segmento dominante e, do outro, descendentes do segmento dominado. Para os pobres, destinavam-se os Liceus de Artes e Ofícios, as escolas preparadoras de mão-de-obra para a indústria e para o Comércio, os cursos técnicos de contabilidade, administração e secretariado. Para os descendentes dos segmentos dominantes haviam os cursos colegiais voltados para "as humanidades" e os cursos científicos voltados para as ciências exatas e da saúde; ambos garantiam acesso à universidade. Houve um tempo em que os egressos dos cursos técnicos não tinham direito de entrar na Universidade; passar por um curso técnico de nível médio significava encerrar a carreira no processo de formação acadêmica do cidadão.

Assim, por uma necessidade emergente do mercado de trabalho, surgiram os sistemas de formação profissional paralelos. Em 1942, criou-se o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), mantido e administrado pelos industriais, através da Confederação Nacional da Indústria e da Federação das Indústrias dos Estados. A exemplo disso, o setor terciário da economia contou, a partir de 1946, como o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), financiado e dirigido por empresários da Confederação Nacional do Comércio e das Federações do Comércio dos Estados.

Segundo PETEROSI (1980):

Ainda em 1942 chegaram os técnicos norte-americanos no país, através da *Missão Cooke* com a incumbência de estudar as possibilidades de desenvolvimento industrial do país. Assim, em 1946, o Brasil, através do Ministério da Educação e Cultura, e os Estados Unidos, através do "*Institute of Inter-American Affairs*", assinaram um acordo

destinado a promover o intercâmbio e o treinamento de brasileiros e americanos especializados em ensino exclusivamente industrial. Do acordo resultou a Comissão Brasileira-Americana de Educação Industrial (CBAI), também denominada Comissão Mista, que passaria a ser o órgão integrante do Ministério da Educação. Mais uma vez, houve influência da tecnologia e da ideologia norte-americana, o que perdurou até 1948, quando a missão *Abbinco*, também de técnicos norte-americanos, veio ao Brasil para retomar os trabalhos da *Missão Cooke*.

A redemocratização do Brasil, no período que se estendeu de 1945 a 1964, trouxe consigo a divulgação das teses nacional-populares que buscavam democratizar a cultura por meio da erradicação do analfabetismo. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961) e a conseqüente possibilidade de desviarem recursos públicos para as escolas particulares, essas teses ganharam forma de movimentos socioeducacionais, atuando fora do âmbito do Congresso Nacional e questionando a estrutura social vigente no país.

Surgiram na década de 60 os cursos de Tecnologia, como cópia dos modelos alemães (*Tachhochschulen*) e franceses (*Instituts Universitaires de Technologie - TUTs*), enquanto proposta para a solução dos problemas decorrentes da inexistência de áreas de pesquisas tecnológicas do país, através da formação de mão-de-obra rápida destinada a atender a necessidade das indústrias. Isto evidenciava uma tremenda contradição, pois pesquisa demanda, além de tempo e recursos financeiros, uma cultura profunda nas áreas das ciências, metas, portanto, impossível de se alcançar a curto prazo, até porque o país não se encontrava preparado para esta nova fase (não havia base).

Segundo NEMI (1996, p. 19):

O golpe militar de 1964 freou os movimentos populares em sua luta pela democratização do acesso ao saber, implantando novamente um modelo elitista de educação. O objetivo era garantir o alinhamento do Brasil aos interesses do capitalismo internacional. Acreditavam os governantes de então que a escola secundária deveria preparar o estudante para ocupar um lugar no mercado de trabalho segundo as necessidades da indústria em expansão. Em 1971, a Lei n.º

5.692 orientou o ensino de 1.º grau para uma postura mais técnico-profissionalizante, favorecendo o mercado de trabalho em detrimento da formação geral do educando. O "ensino para todos" voltou-se, definitiva e claramente, para a subserviência aos interesses do capital internacional e às nossas elites. E a partir da recessão dos anos 80, provocada pelo endividamento externo e pela diminuição das taxas de crescimento, chegou-se à abertura política e a novas mobilizações populares no campo da educação.

Como conseqüência da 5.692, autorizou-se o funcionamento de instituições que ofereciam cursos superiores com mensalidades acessíveis às classes médias, que não conseguiam ter acesso à universidade pública.

Assim, rapidamente, a população conseguiu alcançar um alto grau de escolaridade sem que, contudo houvesse uma procura equivalente no mercado de trabalho. Desta forma, o nível de escolaridade foi aumentando na mesma proporção em que houve oferta demasiada desta mão-de-obra.

Segundo PARO (1979, p.18):

Obviamente, quando há oferta abundante de mão-de-obra, para o exercício de determinada ocupação, as empresas procuram recrutar seus empregados dentre aqueles que apresentem nível mais elevado de escolaridade. (...) Ao se recrutarem pessoas com instrução acima daquela que seria de fato necessária para o desempenho da ocupação a que são destinadas, estaria havendo, de certa forma, um "**consumo conspícuo**" de capital humano.

Além disso, a maior oferta de profissionais de nível superior, no mercado de trabalho, tem provocado uma queda na procura dos formados em nível de segundo grau. A conseqüente queda no salário deste último (nível secundário) e o aumento do risco de ficarem desempregados tem feito cair o custo de oportunidade de freqüentarem escolas, diminuindo, portanto, os custos totais da educação Universitária.

Quando o governo militar assumiu o poder após o golpe de 1964, introduziu no sistema educacional um novo caminho, segundo esse enfoque, a solução para os problemas apontados revelou uma tendência tecnicista, que levou a atrelar a

educação aos interesses econômicos de produção e costume e consumo adequados ao novo modelo econômico que se impunha.

Outro ponto de sustentação onde se assentaram as bases do ensino tecnológico no país foi, sem dúvida alguma, o resultado dos acordos MEC-Usaid, que identificaram o baixo nível de qualidade de mão-de-obra formada no Brasil e iniciaram a necessidade de adequar a educação ao desenvolvimento.

Já a Constituição de 1967, artigo 168 dizia:

"A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se na princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e de solidariedade humana".

Em 1969, novas definições sobre a educação, conforme o artigo 176:

"A educação inspirada no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e solidariedade humana, é direito de todos e deve do Estado, e será dada no lar e na escola".

Para MENEZES (1984): a troca do princípio de liberdade pelo princípio de unidade nacional, na Constituição de 1967-1969, não é só um jogo de palavras: "Uma educação que tem como regra a unidade nacional é substancialmente diferente da que tem como regra a liberdade. Consentaneamente com a ditadura de segurança nacional, que produziu instrumentos rígidos de controle, a educação também passa a ter sua filosofia autoritária, sua política autoritária e sua administração autoritária".

É claro que o sistema autoritário repercute nos mais distantes órgãos do poder e assim, as escolas, os diretores e os professores cumprem a Constituição na medida em que atuam autoritariamente. A escola democrática não tem lugar neste contexto, e a educação, como prática de liberdade, é impossível.

Depois da intervenção militar e estando o país num processo que requer mais dinamismo, atendendo aos interesses da globalização, novas posturas estão à

caminho na área da educação. O debate educacional nos dias de hoje, parece preocupar-se com os problemas referentes a conteúdos e métodos e com a questão da organização política dos educandos.

"Não é causal o nosso pauperismo historiográfico em educação". Míriam Jorge Warde (1991, p.9)

Quando trata de pobreza histórica em educação, Míriam Jorge Warde subentende um sistema educacional usado como um agente de controle no interesse dos grupos oligárquicos e uma educação usada como instrumento de reconstrução social e estabilidade política. Discorre ela sobre um sistema educacional ornamental, orientado para consumo e não para a produção, muito embora, os autores da Escola Nova tenham tentado passar a imagem ideal de homem, ou como sendo ele próprio o objeto da educação.

Desta forma, o sistema educacional brasileiro sempre tem funcionado para as camadas superiores da sociedade, para que as camadas dominantes pudessem se espelhar, orientando o seu comportamento através de modelos estrangeiros e mantendo completa dependência em relação aos países hegemônicos que, indiretamente, acabam impondo soluções inadequadas para os problemas nacionais.

Há uma tendência de que se generalizem idéias surgidas nos países do primeiro mundo, classificando-as como ótimas enquanto que poucos pesquisadores que se atrevem a inovar têm que se preocupar em provar que as suas idéias não só são viáveis, mas são muito mais adequadas à nossa realidade. Isso tudo sem considerar que não existem recursos para a pesquisa, vez que os problemas sociais atingem tal proporção que não resta outra forma senão a de tentarmos minimizá-los através de programas ou projetos paliativos. Disso é exemplo a situação em que se encontram a saúde e a educação fundamental no país.

É relevante que os centros de preparação de tecnólogos se articulem melhor com o mercado de trabalho e com os centros de pesquisa e desenvolvimento do país. Dessa forma, não só estarão se familiarizando com as necessidades do

mercado, associadas a um intenso processo de importação e adequação de tecnologias estrangeiras, como estarão levando e recebendo estímulos dos centros nacionais responsáveis pela articulação dessas tecnologias e do seu desenvolvimento para atender às necessidades econômicas e sociais do Brasil.

Os dados sobre a qualidade de ensino no Brasil indicam ser uma das piores do mundo. Em 1990, o programa chamado Sistema de Avaliação do Ensino Básico do MEC (SAEB) realizou testes em mais de 100 mil alunos em todo o Brasil: os alunos aprendem, em média, 48,15% do que deveriam aprender e o Estado com maior média foi Santa Catarina (53,4%), que é um escore muito baixo. Em 1991, O *Educational Testing Services*, em Nova Jersey (ETS), realizou testes em alunos de 20 países: somente se conseguiu melhor desempenho do que Moçambique, um dos países mais pobres da África, assolado por uma guerra civil e varrido por uma crise que o Brasil jamais conheceu.

Segundo MENDES (1999):

Dá para festejar os 500 anos, de um país com mais de 30 milhões de analfabetos? Esse fato agrava-se ainda mais quando se vê os que os governos (nos três níveis) fizeram com a escola pública, em especial o ensino fundamental e ensino médio. Há 30 anos, as boas escolas eram as públicas. Hoje, as famílias de classe média fazem um grande esforço financeiro para colocar seus filhos em escolas privadas a fim de garantir-lhes um futuro melhor. Um dado que é estarrecedor: no Brasil, gastam-se nas escolas públicas de ensino fundamental e médio apenas R\$ 340,00 por aluno/ano, o que significa dizer que os governos investem menos de um real/aluno/ano. Nos Estados Unidos, a média é superior a US\$5.000 aluno/ano. Aliás, lembro-me de que, quando assumi a direção da Fundepar em 1988, mais de 300 escolas públicas paranaenses não ofereciam nem as quatro horas de aula/dia, previstas em lei, porque tinham de ofertar quatro turnos por dia. Em todos os países desenvolvidos, sem exceção, as escolas públicas funcionam em tempo integral (manhã e tarde), e praticamente não há escolas privadas nos níveis fundamental e médio. Para complicar ainda mais, as universidades públicas brasileiras destinam-se fundamentalmente às elites (classe média-alta), cujos filhos estudaram nas melhores escolas (privadas) nos primeiros anos.

Só como comparativo, coloco ainda que um presidiário custa ao Estado uma média de R\$ 45,00 por dia. Não seria muito mais econômico investir em educação ao invés de ficar construindo presídios?

A política neo-liberal adotada no Brasil privilegia os favorecidos econômica, intelectual e emocionalmente. Quanto mais bens alguém tem, mais fácil se torna conseguir ainda mais. E os outros? O sistema econômico esquece os marginalizados, os deficientes físicos, os que tem problemas emocionais, distúrbios psíquicos. Enquanto houver tantas pessoas à margem, teremos como sociedade, muito por fazer. Um país que quer evoluir não pode ignorar brutal desigualdade.

3 A ESCOLA INSERIDA NESTA REALIDADE TECNOLÓGICA QUE SE APRESENTA

"... E aqui está minha filha, o meu bem dizer, minha bênção, meu melhor desejo: que você seja, com todas as crianças, da alegria sempre uma aprendiz, que a escola seja este espaço onde se servem às nossas crianças os aperitivos do futuro, em direção ao qual os nossos corpos se inclinam e nossos sonhos voam..."

(Rubem Alves 1984, p.108)

Há mudanças violentas no mundo do trabalho. As empresas estão substituindo todas as tarefas de rotina, previsíveis, por programas de computação ou por robôs. Pessoas perdem o emprego; mas outras, mais preparadas, mais criativas, que saibam resolver problemas, que trabalhem bem tanto individualmente como em grupo estão cada vez mais galgando novos degraus.

Cresce o número de pessoas que trabalham em casa, conectadas através de redes eletrônicas com outros departamentos e pessoas, participando ativamente de projetos, sem necessariamente estar presente fisicamente.

Segundo MORAN (1998, p.48):

A tecnologia muda patamares de interação com a realidade. Cada inovação tecnológica bem-sucedida modifica as maneiras de lidar com a realidade anterior, muda o patamar de exigências do uso. O fax, o telefone celular, *pager*, a Internet eram desconhecidos há poucos anos. Neste momento tornam-se objetos de consumo. Com isso criamos novas formas de acesso à comunicação de serviços, de mobilidade informativa. Podemos ser alcançados, se quisermos, em qualquer lugar, na cidade, no campo ou na praia, de dia e de noite.

As tecnologias são cada vez mais "multimídias". Não basta só escrever de modo atraente. As pessoas querem imagens, movimento, sons; querem rapidez, flexibilidade, interatividade. Aumenta a exigência por mídias cada vez mais compatíveis, integradas, interativas, de acesso instantâneo a qualquer hora, em

qualquer lugar. Conectar-se com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo deixou de ser uma exceção para começar a tornar-se corriqueiro. Pesquisar algum assunto em grandes bancos de dados é feito por estudantes e qualquer pessoa que tem acesso à Internet.

A humanidade sempre aprendeu a conviver com inovações, mas atualmente a sucessão delas é alucinante e a quantidade de implicações freqüentemente é desconhecida. A sociedade está mudando em todos os países, em todas as instituições, em todos os campos.

É muito complexa as relações entre a educação e a empregabilidade hoje. São várias as possíveis causas do atual desemprego, por exemplo a correlação entre a falta de oportunidades e a revolução industrial, e mais modernamente (anos 50/90), o forte crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho. Aliás, não é sem motivo que se é hoje, propriamente, a maioria nos bancos universitários.

Os avanços tecnológicos, a hegemonia da informática e a automação têm desbancado muitas profissões, que vão se tornando obsoletas para esse "maravilhoso mundo moderno". Já não se fala de uma verdadeira "lista negra" das profissões, na qual se alencam aquelas que estão fatalmente em rápido processo de extinção? Ao mesmo tempo, têm-se criado novas habilidades, para as quais grande parte das pessoas não está preparada. Muitos perdem seus empregos por essas causas, incapazes de se adaptarem, com a devida rapidez e competência, às novas exigências do mercado.

Por isso, as instituições educacionais estão tendo de ficar atentas a essa realidade: repensar seus cursos, refocar sua clientela, procurar novas parcerias. Um enorme *outdoor* na cidade de Curitiba confirma isso com a seguinte propaganda de uma nova faculdade:

"Você não é descartável. Você é reciclável!"

Se essa problemática toda do desemprego atinge direta e cruelmente os adultos de hoje, infelizmente ela se coloca como cinzento horizonte para as novas

gerações. Cabe à sociedade e a educação repensar e redefinir seus valores, conceitos e objetivos, porque o mundo do trabalho não está vislumbrando muitas esperanças. Que o digam os 50 milhões de miseráveis que vivem no Brasil neoliberal e globalizado.

Pode-se dizer, em sentido mais amplo, que a educação definida como processo de transmissão de cultura, está presente em todas as instituições. Entretanto, em sociedades como a brasileira, há uma instituição cuja função específica é a transmissão da cultura – esta instituição é a escola. Ela é o espaço de transmissão sistemática do saber historicamente acumulado pela humanidade, com o objetivo de formar indivíduos, capacitando-os a participar como agentes na construção desta sociedade.

Em cada sociedade a estrutura da organização do trabalho configura de modo peculiar o processo educativo, a tarefa da educação escolar. A sociedade capitalista se caracteriza por ter sua organização numa contradição básica – aquela que se dá entre o capital e o trabalho – e que provoca a divisão de seus membros em duas classes antagônicas: a classe burguesa e classe trabalhadora. Não se pretende explorar aqui as características daquela contradição e da divisão de classes. Entretanto, não se pode deixar de apontar seus "efeitos" no campo da prática dos educadores. Na sociedade capitalista, a escola enquanto instituição tem sido o espaço de inserção dos sujeitos nos valores e crenças da classe dominante.

Entretanto, o que se observa é que uma grande parcela da população brasileira ainda se encontra excluída de escola, e outra parcela, que a frequenta não tem se apropriado das condições de inserção nesta nossa sociedade. Passa-se sempre a idéia de que a escola representa uma "alavanca social", mas a quem ela serve?

Os dados de repetência, evasão escolar e analfabetismo demonstram o quanto o sistema educacional brasileiro dentro das escolas públicas, está pouco atento às efetivas carências educacionais do país. Há anos são feitas campanhas para a erradicação do analfabetismo, contudo, as taxas continuam altas. Os

qualitativos de conclusão de escolaridade básica e de segundo grau também são proporcionalmente muito reduzidos e, de fato, não são tomadas medidas necessárias e satisfatórias para sanear esses problemas.

Só para se ter um referencial numérico, ao final do ano de 2001 o Conselho de Classe do Colégio Estadual Jayme Canet havia reprovado 65% dos alunos que o freqüentaram. Enquanto na escola particular, as reprovadas, não chegaram a 1% do quadro discente.

Observa-se também, que é motivo de muita comemoração, quando alunos da rede pública conseguem ser aprovados no vestibular (qualquer que seja este).

As inovações que marcaram todo o século XX, quer se trate do disco, do rádio, da televisão, da gravação audiovisual, da informática ou da transmissão por cabo ou por satélite, revestiram uma dimensão não puramente tecnológica, mas essencialmente econômica e social. A maior parte destes sistemas tecnológicos, hoje miniaturizados e a preço acessível, invadiu uma boa parte dos lares do mundo industrializado e é utilizada por um número cada vez maior de pessoas no mundo em desenvolvimento.

As sociedades atuais são pois todas, pouco ou muito, sociedades da informação, nas quais o desenvolvimento das tecnologias pode criar um ambiente cultural e educativo suscetível de diversificar as fontes do conhecimento e do saber. Por outro lado, as tecnologias caracterizam-se pela sua complexidade crescente e pela gama cada vez mais ampla de possibilidades que oferecem. Porém, em especial, combinar uma capacidade elevada de armazenagem de informação com modos de acesso quase individualizados e uma distribuição em grande escala. Contudo estas possibilidades por maiores que sejam em teoria deveriam ser enquadradas num contexto social e econômico preciso. Percebe-se consciente dos contrastes profundos entre países industrializados e países em desenvolvimento, em matéria de capacidade de investimento, de potencial de pesquisa e concepção, de resultados comerciais ou de taxas de rentabilidade. Acrescente-se a isto o fato dos

países em desenvolvimento terem também prioridades educativas diferentes, por terem níveis de escolarização menos elevados e infra-estruturas menos desenvolvidas. As prioridades em matéria de utilização das tecnologias na educação serão também diferentes: nos países em desenvolvimento, o interesse mais imediato é a possibilidade de aumentar e de realizar economias de escala e não o acesso individualizado à interatividade; no mundo industrializado dá-se o inverso, dado que a distribuição e o acesso estão quase assegurados e que a individualização pode contar muito mais.

Segundo LIBÂNEO (1996):

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência passadora de informações e transformar-se num lugar de análise, crítica e produção de informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (na TV, rádio, jornal, livros didáticos, vídeos, Internet, no bate-papo, etc.) e os elementos cognitivos para analisar essa informação criticamente e darem-lhe um significado pessoal. Para isso, cabe-lhe prover a formação cultural básica fundamentada no desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. A escola fará, assim uma síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos) e a cultura experimentada.

Esta nova escola, concebida como espaço de síntese, estaria buscando atingir ao menos quatro objetivos de uma educação básica de qualidade:

- formação geral e preparação para o uso da tecnologia;
- desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas;
- formação para o exercício da cidadania crítica; e
- formação ética.

Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para busca de informação, mas também para a criação de informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação mas também de produzi-la, a partir do aluno como sujeito de seu próprio conhecimento.

PIAGET(1969, p.165), aponta os três grandes problemas na educação hoje:

- o aumento vertiginoso do número de alunos, devido a um acesso muito mais geral às diversas formas de ensino;

- a dificuldade quase correlativa de recrutamento de um pessoal docente suficientemente formado e,
- o conjunto das necessidades novas, sobretudo econômicas, técnicas e científicas, das sociedades em que a instrução pública está sendo organizada.

Ensinar é uma arte, e nada pode substituir a riqueza do diálogo pedagógico. Contudo a revolução mediática abre ao ensino vias inexploradas. As tecnologias informáticas multiplicaram por dez as possibilidades de busca de informações e os equipamentos interativos e multimídia colocam à disposição dos alunos um manancial inesgotável de informações:

- computadores de qualquer capacidade e complexidade;
- programas de televisão educativa por cabo ou satélite;
- equipamento multimídia;
- sistemas interativos de troca de informações incluindo correio eletrônico e acesso direto a bibliotecas eletrônicas e a bancos de dados;
- simuladores eletrônicos;
- sistemas de realidade virtual em três dimensões, etc.

Munidos destes novos instrumentos, os alunos tornam-se pesquisadores. Os professores ensinam aos alunos a avaliar e gerir, na prática, a informação disponível. Este processo revela-se muito mais próximo da vida real do que os métodos tradicionais de transmissão do saber. Começam a surgir nas salas de aula novos tipos de relacionamentos.

A instituição escolar está muito atrasada em relação aos avanços científicos, pois ensina-se o que já foi está aceito, cristalizado. Está atrasada também, na adoção de tecnologias, porque são vistas com desconfiança. Também são muito caras, e há, ainda, medo de que venham a ocupar o lugar do professor. Alguns as adotam de forma acrítica, pensando que podem resolver muitos problemas, servem mais como propaganda do que como meios de avançar no ensino-aprendizado. A maioria porém, vai adiando o máximo que pode o domínio das tecnologias ou costuma utilizá-las de forma superficial. A escola se coloca, também, numa perspectiva de futuro, mas tem

dificuldades em encará-lo porque é difícil prever as mudanças que os alunos terão de enfrentar em todas as dimensões das suas vidas no futuro.

Segundo DELORS (1998, p.154): "Tendo assim perdido, em grande parte, a preeminência que tinham na educação, professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação".

E os problemas da sociedade envolvente, por outro lado, não podem ser deixados à porta da escola: pobreza, fome, violência, droga entram com os alunos nos estabelecimentos de ensino, quando até há pouco tempo ainda ficavam de fora com as crianças não escolarizadas. Espera-se que o ambiente escolar seja capaz, não só de enfrentar estes problemas e esclarecer os alunos sobre um conjunto de questões sociais desde o desenvolvimento da tolerância ao controle da natalidade, mas também que obtenham sucesso em áreas em que pais, instituições religiosas e poderes públicos falharam muitas vezes. Deve ainda encontrar o justo equilíbrio entre tradição e modernidade, entre as idéias e atitudes próprias da criança e o conteúdo dos programas.

E escola não está fora da sociedade, ela faz parte dela, portanto traz consigo todas as contradições desta mesma sociedade ao mesmo tempo em que interfere nestas mesmas contradições. Pois leva até os jovens as informações necessárias para despertar-lhes a vontade de alterar o rumo das coisas.

Segundo ASSMANN (1998, p.19):

Seria absurdo negar a relevância da educação para conseguir emprego no mundo hoje. Não se trata de questionar se a educação é uma condição imprescindível para a empregabilidade. Portanto, tampouco se trata de questionar a urgência de novas ambientações e novas formas pedagógicas para fazer emergir experiências de aprendizagem nas quais estejam integradas as novas tecnologias, não como meros instrumentos, mas como elementos co-estruturantes. A equação *educação/ empregabilidade/ superação de exclusão*, além de simplista, torna-se claramente ideológica quando não vem acompanhada de propostas de implementação de políticas para garantir que a dinâmica do mercado obedeça a prioridades sociais.

Quando se trabalha em escolas de periferia, com alunos de baixo poder aquisitivo, percebe-se claramente este efeito. Pois o jovem das classes menos abastadas e principalmente seus familiares, ainda trazem em si a esperança de um "futuro melhor" graças a educação.

ASSMANN (1998, p.29):

Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Informar e instruir acerca de saberes já acumulados pela humanidade é um aspecto importante da escola, que deve ser, neste aspecto, uma central de serviços qualificados. Mas a experiência de aprendizagem implica, além da instrução informativa, a reinvenção e construção personalizada do conhecimento, E nisso o prazer representa uma dimensão-chave. Reencontrar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, a atenção à morfogênese (surgimento das formas) do conhecimento nos conduz a temas como os seguintes:

- aprender é um processo criativo que se auto-organiza;
- todo conhecimento tem uma inscrição corporal do conhecimento;
- dinâmica da vida e dinâmica do conhecimento estão unidas;
- prazer como dinamizador do conhecimento;
- urge curar e re-flexibilizar as linguagens pedagógicas.

FREINET (1966) fugia às regras preestabelecidas, de temperamento audacioso e inconformado com a realidade da escola do seu tempo, procurava colher na vida das crianças elementos para seu trabalho pedagógico:

Quando a criança entra na escola, precisa encontrar aí a continuação da sua vida no lar e não outro mundo, diferente, cheio de horários e deveres, com outro ritmo, outras regras às quais tem que se adaptar. As crianças convertem-se em sujeitos orientados exclusivamente sob o ponto de vista escolar. Ao invés de assimilar os conhecimentos por si mesmas, fazem-nos por meio do professor ou para o professor.

Segundo GARDNER (1995, p.16) a escola ideal seria:

O planejamento da minha escola ideal do futuro baseia-se em duas suposições. A primeira delas é a de que nem todas as pessoas tem os mesmos interesses e habilidades; nem todos aprendem da mesma maneira. A segunda suposição é uma que nos faz mal: é a suposição de que, atualmente, ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido.

Uma escola centrada no indivíduo seria rica na avaliação das capacidades e tendências individuais. Ela procuraria adequar os indivíduos não apenas a áreas curriculares, mas também a maneiras particulares de ensinar esses assuntos. E depois dos primeiros anos, a escola também procuraria adequar os indivíduos aos vários tipos de vida e de opções de trabalho existentes em sua cultura.

Dentre as propostas educacionais pesquisadas coloca-se uma abordagem, que é muito coerente com a forma de pensar e muito próxima da "escola ideal" que se idealiza:

Segundo FIALHO (2001): "Na perspectiva cognitiva o ensino deverá ser organizado de tal forma que evite a formação de hábitos, contribuindo mais para o desenvolvimento de mecanismos intelectuais que permitirão ao aluno adquirir novos conceitos, estabelecer relações, levantar hipóteses e apresentar soluções aos novos problemas que lhe serão apresentados".

Ao **professor** caberá, então, evitar a rotina, as respostas padronizadas, os hábitos. Deverá propor problemas aos alunos, sem, contudo apresentar as soluções, oferecendo-lhe ampla liberdade de trabalho para que eles elaborem suas próprias conclusões. Ao **estudante** deve restar muito a fazer, pois só assim ele será capaz de resolver, sozinho, futuros problemas.

Uma **metodologia** coerente com essa abordagem deverá promover a investigação, a pesquisa, a experimentação e a solução de problemas, levando o aluno a adquirir tanta experiência pelo trabalho autônomo quanto possível.

Vive-se na chamada era pós-industrial que, para a cronologia histórica, nasceu com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a mudança da economia e com a propagação de novas tecnologias. Esta nova

sociedade caracteriza-se por não ser mais baseada na produção agrícola, nem na indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética.

Se na Era Industrial o que realmente tinha valor era a eficiência da força física no trabalho, no período que se segue isso não é mais importante. O homem mudou e com ele as prioridades. O trabalho manual cedeu espaço à criatividade e ao trabalho intelectual. Hoje o setor de serviços absorve cerca de 60% da mão-de-obra total, mais que a indústria e a agricultura juntas, pois a criatividade é mais importante que a simples execução de tarefas.

As tarefas executivas do tipo repetitivo são progressivamente delegadas às máquinas automáticas e eletrônicas, enquanto que aos trabalhadores, sempre mais intelectualizados e escolarizados. São reservadas tarefas difíceis em certos casos e criativas em outros.

Nesta sociedade pós-industrial, o que interessa é a qualidade de idéias produzidas, a capacidade de realizá-las, a atitude de adaptar-se a situações sempre novas, a velocidade em atualizar-se profissionalmente, uma ótica internacional dos problemas, a capacidade de comunicação, a seriedade, a ética e a estética.

A escola hoje, e por conseqüência, a preparação do futuro do homem, têm de ser inteiramente reformulados. É extremamente necessário, que o educador nunca se isole. Deve trocar com os colegas as dúvidas, as incertezas, mas, também, os resultados, a forma que encontrou para ajudar, enriquecer, complementar e respeitar o pensamento de cada criança, sem transformá-la em um "robot". Tem-se, então, um grande projeto público para transformar, por dentro, a escola e a prática social e também, porque não, a atual realidade histórico-social brasileira.

4 O PAPEL DO PROFESSOR DO SÉCULO XXI

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

Rubem Alves (1984)

Tudo está girando a uma velocidade vertiginosa. O trânsito está um caos, as pessoas se agitam incessantemente, sempre atrasadas e muito ocupadas. Em casa, dezenas de canais de televisão lutam pela nossa atenção dia e noite. Todos estão sempre preocupados e muito cansados. Não sobra mais tempo para nada. Tudo está mudando: as pessoas, os bairros, as relações homem-mulher, as famílias, as formas de trabalho, as empresas, as tecnologias de comunicação, as formas de divertir-se e de estudar.

Tenta-se entender como fica o papel do professor dentro deste contexto tão agitado em que se encontra.

É fácil de perceber que os professores estão descontentes. Cresce um forte senso de fracasso na sala de aula, ao verem que a aprendizagem de seus alunos é medíocre e que isso aparece claramente nas avaliações externas. Conseqüentemente, aparece o sentimento de impotência diante dos problemas que levam a ver o ensino como "missão impossível". Cada vez mais os professores pensam em deixar a profissão, tornando-se também mais complicado recrutar novos. Entretanto, um dos problemas mais apontados é a tensão latente entre aprender e controlar, ou seja, de um lado existe a pressão de fora que, por vezes, a tudo determina ou interrompe as atividades para preencher formulários ou realizar avaliações, enquanto do outro estão os professores que buscam realizar a aprendizagem do aluno. Torna-se complicado administrar o que chamam de mudança natural (aquela

que emerge, naturalmente, dos pais, da sociedade e do mercado) e de mudança construída (aquela deliberada). O professor sente-se prensado entre tais movimentos, também porque nem sempre convergem.

Nesta reflexão sobre a formação e o desempenho do educador procura-se relacionar a *qualidade do trabalho* desenvolvido, a questão da *competência* para tal função e a presença de uma *dimensão ética* nesta competência.

Segundo RIOS (1995, p. 9):

O fato de se estabelecer uma polêmica com relação à competência já revela uma preocupação com o *dever ser* do desempenho do educador. Se analisarmos a expressão *saber fazer bem* como explicitadora do que é necessário ao educador para que ele "ocupe o lugar que lhe compete" na organização social, vamos verificar que o advérbio bem indica algo que diz respeito tanto à *verdade*, do ponto de vista *conhecimento*, como ao *valor*, do ponto de vista da *atitude* que se exige do educador. Se competente é *saber fazer bem o dever*. Ao dever se articulam, além do saber, o querer e o poder. Pois é fundamental um *saber*, o domínio dos conteúdos a serem transmitidos e das técnicas para articular esse conteúdo às características dos alunos e do contexto, mas esse saber perde seu significado se não está ligado a uma vontade política, a um *querer* que determina a intensidade do gesto educativo. Este gesto não se exerce com seu sentido real de práxis, de trabalho, se não contar com a liberdade, enquanto *poder* de direcionamento do processo.

A dimensão ética da competência não está apenas na competência *do educador*. Ela faz parte da *competência profissional*, qualquer que seja o espaço de atuação dos indivíduos".

DELORS (1998, p.192) afirma que:

O desenvolvimento das novas tecnologias não diminui em nada o papel dos professores, antes pelo contrário; mas modifica-o profundamente e constitui para eles uma oportunidade que devem aproveitar. Numa sociedade da informação, o professor já não pode, com certeza ser considerado como o único detentor de um saber que apenas lhe basta transmitir. Torna-se, de algum modo, parceiro de um saber coletivo, que lhe compete organizar situando-se, decididamente, na vanguarda do processo de

mudança. É também indispensável que a formação inicial, e mais ainda a formação contínua dos professores, lhes confira um verdadeiro domínio destes novos instrumentos pedagógicos. A experiência, de fato, tem demonstrado que a tecnologia mais avançada não tem qualquer utilidade para o meio educativo se o ensino não estiver adaptado à sua utilização. Há, pois, que elaborar conteúdos programáticos que façam com que estas tecnologias se tornem verdadeiros instrumentos de ensino, o que supõe, da parte dos professores, vontade de questionar as suas práticas pedagógicas. Além disso, devem ser sensíveis também às modificações profundas que estas novas tecnologias provocam nos processos cognitivos. Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender, têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si as informações, revelando espírito crítico. Tendo em conta a quantidade enorme de informações que circulam atualmente nas redes de informação, ser capaz de se orientar no meio dos saberes tornou-se um pré-requisito do próprio saber, e necessita daquilo que alguns já chamam de *nova alfabetização*. Esta "alfabetização informática é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Ela constitui, assim, uma vida privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comporta-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido.

Afirma ainda que:

Encara-se o século XXI como um tempo em que, por toda a parte, indivíduos e poderes públicos consideram a busca do conhecimento, não apenas como meio para alcançar um fim, mas como fim em si mesmo. Todos vão ser encorajados a aproveitar as ocasiões de aprender que se lhes oferecem ao longo da vida e terão possibilidade de o fazer. O que significa que se espera muito dos professores, que se lhes irá exigir muito, pois depende deles, em grande parte, a concretização desta aspiração. A contribuição dos professores é crucial para preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-los eles mesmos de maneira determinada e responsável. É desde o ensino primário e secundário que a educação deve tentar vencer estes novos desafios:

- contribuir para o desenvolvimento;
- ajudar a compreender;

- de algum modo, dominar o fenômeno da globalização; e
- favorecer a coesão social.

Os professores têm um papel determinante na formação de atitudes – positivas ou negativas – perante o estudo. Devem:

- despertar a curiosidade;
- desenvolver a autonomia;
- estimular o rigor intelectual; e
- criar as condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente.

Nesta nova escola haverá lugar para o professor. Sua presença torna-se indispensável para a criação de condições cognitivas e afetivas que ajudarão ao aluno atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas de intervenção educativa urbana. O valor da aprendizagem está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência através de mediações cognitivas e interações providas pelo professor.

Segundo THOMPSON (1995):

Para melhorar a qualidade da educação é preciso antes de mais nada:

- melhorar o recrutamento;
- a formação;
- estatuto social; e
- as condições de trabalho dos professores.

Pois estes não poderão responder ao que deles se espera se possuírem os conhecimentos e as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas".

Segundo GATES (1996, p.234):

Embora uma sala de aula vá continuar a ser uma sala de aula, a tecnologia transformará uma porção de detalhes. O aprendizado na sala de aula incluirá apresentações de multimídia e as lições para casa compreenderão a exploração de documentos eletrônicos tanto quanto os livros escolares, talvez mais ainda. Os

estudantes serão estimulados a seguir áreas de interesse específico e lhes será fácil fazê-lo. Cada aluno poderá ter suas questões respondidas simultaneamente com as de outros alunos. A turma passará uma parte do dia no microcomputador explorando informações individualmente ou em grupos.

E ainda acrescenta:

Depois, os estudantes levarão suas idéias e questões sobre as informações que descobriram ao professor, que decidirá para quais questões deverá chamar a atenção de toda a classe. Enquanto os alunos estiverem nos computadores, o professor estará livre para trabalhar os indivíduos ou grupos pequenos e concentra-se menos em falar e mais na resolução de problemas

Os **educadores**, como tantos profissionais na economia atual, são entre outras coisas, **facilitadores**. Como muitos outros trabalhadores, terão de se adaptar à mudança de condições. Porém, ao contrário de outras profissões, o **futuro** do magistério parece extremamente **promissor**. À medida que as inovações melhoram o padrão de vida, houve um crescimento da força de trabalho dedicada à educação. Os educadores que trouxeram energia e criatividade para a sala de aula prosperaram. O mesmo acontecerá com os professores que estabeleceram relações fortes com as crianças, pois elas aulas com adultos que se preocupam genuinamente com elas.

O professor é o mediador. Dá-se a impressão de que o aluno é o centro do processo. Mas o que se quer explicitar é a diferença dos papéis, já que os papéis de professor e de aluno são totalmente diferentes, garantido a especificidade e articulação destes.

Segundo CHAUI (1980, p.39):

O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trata com o seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.

Para esta nova escola os professores são necessários, sim. E enfatiza que: Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria no mínimo de:

- sólida cultura geral;
- capacidade de aprender a aprender;
- competência para saber agir na sala de aula;
- habilidades comunicativas;
- domínio da linguagem informacional;
- saber usar os meios de comunicação e,
- articular as aulas com as mídias e multimídias.

Segundo DEMO (1998, p. 110):

Questão de extrema importância é o apoio por parte da instrumentação eletrônica, desde teleducação em seu sentido já comum, até recurso à informática e a meios audiovisuais. Embora se possa superdimensionar o sentido pedagógico deles, dentro do necessário espírito crítico constituem-se em expedientes de extraordinária motivação. Em termos mais concretos, passarão a assumir, no tempo, a função ensino/aprendizagem, e socialização do conhecimento.

Nestes termos, grande parte das aulas poderá ser substituída, especialmente em seu lado instrucional, informativo, discente, com a vantagem de construir um meio facilmente manipulável e recriável. Embora possa influir negativamente no saber pensar, por colocar conteúdos à disposição de modo mecânico (problema típico da calculadora), seu sentido é contrário, ou seja, motivar o aprender a aprender, à medida que facilita o aprender.

Sua relevância é ainda maior em disciplinas consideradas complicadas, chatas, cercadas de muitos dados que dependem de memorização, porque pode facilitar o acesso a exercícios, a demonstrações mais detalhadas e compreensíveis, a experiências mais atraentes, e assim por diante. O risco do expectador passivo, sempre possível, precisa ser contornado pela atuação de professores capazes de incitar o

aprender, que sempre passa pela exigência de presença viva, reconstrução com as próprias mãos, ensaios de pesquisa preliminar, feitura de exercícios e experiências.

A muitos preocuparia este mundo eletrônico, porque, de fato, pode incidir na lei do menor esforço: não se aprende mais tabuada, tabela atômica, acidentes geográficos, teoremas, porque tudo já está no vídeo, disquete, disco-laser. Este problema encontra equacionamento mais adequado na figura do professor, porque é ele que pode definir o que, nesta história, é motivação da aprendizagem e o que é saber pensar. Com tal cautela, parece claro que este tipo de apoio pode ser de extraordinária eficácia.

Como regra inexistente esse cuidado na formação dos professores, tendo como uma das razões mais fortes o fato de que são formados em entidades nas quais seus professores não sabem manejar o conhecimento com autonomia. São reprodutores e especializam-se em reproduzir. Daí o apego à aula reprodutiva e a artimanha de querer enfeitá-la, em vez de superá-la. Tenta-se de tudo para manter a aula centrada no professor: arma-se o circo para manter a atenção do aluno, usa-se tecnologia eletrônica para efeitos especiais, apela-se para o computador como ambiente mais lúdico, todo mundo pode perguntar, a prova pode ser com consulta. Tudo para esconder o problema básico: o aluno aprende muito mal, porque o professor também aprende mal. Por isso, vale dizer: quem sabe, aprende; quem não sabe, dá aula. O erro não está, em si, em dar aula, mas em que a aula é transformada em centro do professor. Esse centro é a aprendizagem do aluno. A experiência dos japoneses em educação é clara: existe aula, extremamente valorizada e cuidadosa, mas só tem um sentido – garantir a aprendizagem do aluno. Os estudos de uma lição também possuem somente esse norte. Esta é a obsessão dos japoneses, não a aula em si. O papel do professor continua essencial, mais do que nunca. Porém, sua função é educativa, não instrucionista. A nova geração possivelmente vai dar um basta às aulas reprodutivas, para o susto de muitos professores.

Pode-se observar o papel estratégico do professor, cuja desenvoltura, liderança e exemplo são o capital fundamental da escola qualitativa, apta a

fundamentar a expectativa sobre educação. Atitude construtiva, sempre inspirada na pesquisa, capacidade de elaboração própria, atualização constante emergem como paradigma da relação nova fundada no aprender a aprender. O risco de submergir na mera instrumentalização eletrônica, para comunicar o vazio ou alienar ainda mais, só pode ser contornado pela competência ostensiva no manejo profissional.

A fala do professor vai muito além do conteúdo programático. Ela passa a sua visão sobre uma série de valores que, muitas vezes, foge de sua capacidade de gerenciamento. Por mais que se queira ser apolítico, é impossível dentro de algumas situações. Daí decorre o desconhecimento, que alguns educadores tem, da força da sua palavra. Tem-se uma grande "arma" pode ser para o bem ou para o mal, daí a ética de saber utilizá-la.

Há quem pense que o **intelectual orgânico** (GRAMSCI, 1978) é só aquele que está no partido, só aquele que está no sindicato ou que está no Congresso. Não só esse é o intelectual orgânico, mas a maioria, senão todos, são intelectuais orgânicos, na medida em que o trabalho se realiza, as idéias, os valores, os ideais em questão, entram na máquina da sociedade, no jogo das classes sociais, na produção, no discurso desta ou daquela classe e, mais freqüentemente, na produção do discurso do poder. Nesse sentido, em grande parte, os intelectuais que estão na atividade da docência e pesquisa, e mesmo em atividades técnicas estão, por assim dizer, determinados pela condição de intelectuais orgânicos; no sentido de que entram ou na produção cultural de valores, idéias, padrões, visões do mundo que entram na máquina da sociedade e fazem o jogo das forças sociais em luta, no âmbito da sociedade, com relação à reforma agrária, habitacional, universitária, à ditadura, democracia, ao capitalismo e socialismo.

Segundo GOLEMAN (1999):

Atualmente, no trabalho, o constante são as mudanças. As pessoas que carecem de adaptabilidade são dominadas pelo medo, pela ansiedade e por um profundo desconforto pessoal diante de mudanças. Se há alguma competência que os tempos atuais exijam, é a adaptabilidade. Os campeões nessa competência adoram as mudanças e se entusiasmam com as inovações. São abertos a novas informações e conseguem

abandonar antigos pressupostos e, assim, adaptar sua forma de operar. Sentem-se à vontade com a ansiedade muitas vezes causada pelo novo ou pelo desconhecido, e estão prontos a se arriscar com uma nova maneira de fazer as coisas.

As substâncias químicas do cérebro que geram o entusiasmo a partir de um desafio são diferentes das que respondem ao estresse e à ameaça. Funcionam quando a pessoa encontra-se com a energia alta, num esforço máximo e numa atitude positiva. A bioquímica desses estados produtivos gira em torno da ativação do sistema nervoso simpático e das glândulas de adrenalina que secretam as substâncias químicas chamadas cotecolaminas.

Existem portanto dois tipos de estresse, o bom e o mau e dois sistemas biológicos distintos em funcionamento. Existe também um ponto de equilíbrio, quando o sistema nervoso simpático está em ação (mas não em excesso); então o estado de ânimo da pessoa e sua capacidade de pensar e reagir encontram-se no ponto ótimo. Aqui se situa o melhor desempenho da pessoa.

DETERMINAÇÃO, é esta a qualidade que faz a diferença!

Trata-se da capacidade de se manter engajado, de se sentir no controle da situação e de se considerar desafiado em vez de ameaçado pelo estresse. Foi provado que aqueles que reagem ao estresse com determinação, encarando trabalho como extenuante porém excitante, e as mudanças como uma oportunidade para desenvolver-se, em vez de vê-las como um inimigo, suportam muito melhor a carga de estresse, e com menor incidência de enfermidades.

A qualidade do ensino deve ser a parte frontal e o centro dos esforços para melhorar a aprendizagem dos alunos. É preciso estar inventando a todo momento, estratégias de ensino totalmente engajadas na aprendizagem dos alunos, porque tal aprendizagem depende, antes de tudo, da qualidade do ensino dos professores, ou da capacidade de aprender permanentemente destes.

A aprendizagem na escola não será profundamente melhorada, a não ser que seja dado aos professores a oportunidade e o suporte de que necessitam para avançar em sua profissão.

5 A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA

*Vós sois estéreis.
Esta é a razão porque não tendes fé.
Mas todos aqueles que tiveram de criar
tiveram também os seus sonhos proféticos e sinais astrais -
é fé na fé.*

Friedrich Nietzsche

Está claro que os meios de comunicação exercem papel significativo nas diversas facetas do comportamento de risco e ajuste da atual geração. Com isso não se quer dizer, que os meios de comunicação são a fonte de todos os nossos problemas, mas que, ao invés disso, deseja-se utilizar as evidências presentes para garantir que as influências prejudiciais sejam claramente reconhecidas, como um passo na direção de uma programação mais informada e adequada. Para esse fim, várias soluções serão propostas para que o impacto dos meios de comunicação sobre os jovens seja positivo.

Outro aspecto particularmente alarmante na mídia é a possibilidade de que, à medida que a quantidade de violência como entretenimento aumenta em programas de TV, filmes, músicas, etc., as pessoas tornam-se cada vez mais dessensibilizadas para o sofrimento alheio na vida real.

STRASBURGER e BROWN (1991) escreveram:

Os adolescentes não são nem crianças grandes nem adultos pequenos. Eles têm sua própria fisiologia e psicologia únicas. Assim, eles podem ser singularmente suscetíveis à influência da TV e outros meios de comunicação.

Os adultos, ocasionalmente, esquecem que em um período de tempo muito curto os adolescentes devem dominar um imenso número de tarefas:

Estabelecer um senso de identidade.

Estabelecer sua independência em relação aos pais.

Aprender a estabelecer relacionamentos com os próprios companheiros e com o sexo oposto.

Terminar a escolarização formal.

Começar a avaliar o próprio lugar na sociedade moderna e formular planos para uma carreira ou emprego.

O domínio dessas tarefas envolve a obtenção de *input* e orientação de quaisquer oportunidades que possam surgir, quer sejam oficialmente sancionadas (programas de educação sobre sexo ou drogas nas escolas ou igreja) ou meramente disponíveis com facilidade (o grupo de companheiros). Embora pesquisas mais recentes indiquem que até 80% dos adolescentes sobrevivem à sua adolescência como um tumulto mínimo ou nenhum tumulto (Offer, Ostrov & Howard, 1989), esses anos ainda causam confusão a muitos jovens. Virtualmente, todas as tarefas anteriores formam uma única questão: Como (e quando) serei um adulto?

Segundo MARCONDES (1994, p.13):

A juventude atual mantém por princípio o mesmo tipo de relação com a perda de modelos orientadores, que a geração de seus pais ou avós. Para ela, a ausência de padrões gerais de conduta e pensamento é uma marca da sua época. Ela a vê, contudo, descarregada do valor emocional que atinge muito mais as gerações anteriores. Não obstante, ela sofre, também, por tabela, a repercussão da crise, na medida em que lhe faltam objetos em que investir seu interesse, sua força, sua criatividade.

Se os jovens, especialmente nos anos 60 e 70, concentravam seus entusiasmos, sua força de atuação em certas bandeiras, em geral políticas e sociais, e nisso viam sentido na vida, hoje, com a inexistência dessas bandeiras, a sensação é de falta de um ideal para lutar".

Os jovens, assim encontram-se diante de uma situação que tem dois lados. São os primeiros a vivenciar plenamente este novo mundo em que o homem se despe de todos aqueles poderes fantásticos que se haviam incrustado em sua mente. Ao mesmo tempo, são testemunhas da expansão extraordinária dos meios tecnológicos de comunicação e informação, que possibilitam um contato, uma ligação nunca antes imaginada, bem mais rápida, eficiente e impessoal, com o mundo inteiro.

Segundo DELORS (1998, p.153):

Assiste-se por todo lado, desde há alguns anos, a um desenvolvimento espetacular da informação, quer no que diz respeito às fontes, que à capacidade de difusão. Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo - real

ou fictício - que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas - lúdicas, informativas, publicitárias - transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens surgem sempre organizadas em rápidas seqüências o que, em numerosas regiões do mundo, tem uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos e, portanto, sobre as relações na aula. Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação, que não lhes exige nenhum esforço, e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola.

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) realizou em 1993, através do seu Núcleo de Estudos Psicológicos, um amplo estudo sobre televisão e criança. Desse trabalho resultou um relatório técnico no qual se salienta o efeito, até mesmo junto ao adulto, da supervelocidade com que as imagens se sucedem no vídeo:

A velocidade com que as mensagens são transmitidas e até justapostas, excede normalmente o ritmo necessário à percepção consciente. Daí que a mente do telespectador tende a armazenar as informações valendo-se de catalogação rápida em categorias já preexistentes, uma vez que não há tempo para examiná-las criticamente, perceber os traços de novidade, hierarquizá-las pela relevância, coerência ou outros critérios...

Também existe o fato, percebido até por leigos, de que a velocidade de apreensão cognitiva de uma mensagem varia de acordo com o telespectador. Na TV isso não é respeitado, como o é na leitura, onde o leitor é quem define seu ritmo de apreensão, dando espaço para uma leitura crítica quando isto se faz necessário.

O relatório da UNICAMP, já citado, analisa do ponto de vista médico o impacto negativo das cenas eróticas *in genere* sobre o telespectador infantil:

Crianças de 6 a 10 anos... encontram-se na fase que, em Psicanálise, é chamada de **latência** (ou seja, período de reorganização e preparo para a puberdade)... A estimulação e a exposição precoce ao erotismo leva a criança a "queimar uma etapa", ou seja, a passar pela latência sem elaboração e organização. Na prática clínica, especialmente, temos visto conseqüências negativas dessa inadequação dos programas oferecidos às crianças.

Desta forma a televisão é uma concorrente desleal para o professor, enquanto a escola inculca aplicação, exige o hábito da reflexão e o exercício da memória, da sensibilidade, da responsabilidade. A TV oferece sensações irrefletidas, emoções repetidas, novidades espetaculares, não exigindo do adolescente nem esforço, nem análise.

Segundo RUFO(1995):

O sistema televisivo é montado em torno da idéia de show, de espetáculo. Tudo é continuamente espetáculo....A criança...espera (e o adulto também) que tudo em torno de si seja apresentado em termos de espetáculo. Sem o que, nada lhe interessará, mesmo se se tratar de coisas essenciais para a vida. Algumas crianças são mesmo incapazes de cumprir seus exercícios de casa sem ter a televisão ligada diante delas. É um fenômeno de intoxicação certamente curioso, a analisar... Damos bem conta da verdadeira agressão que representa o exame escolar para essa criança, para esse jovem estudante? Aquilo que lhe é exigido é em tudo e por tudo antitelevisão. A TV não pede ao telespectador que fale... Ela não lhe pede que se comunique... No dia seguinte, um esforço inaudito: é solicitado a ele, na escola, que se comunique; a ele, que vê o professor ou o instrutor como um espetáculo a mais, é pedido que participe, que responda às perguntas, que memorize, que reflita... É necessário que ele crie, invente, sintetize. Verdadeiramente, é todo um outro mundo!

Segundo a Comissão de Estudos da revista O Amanhã de Nossos Filhos (1993):

"Os traços psicológicos próprios à geração de **teledependentes** serão forçosamente: fragilidade de alma, instabilidade, superficialidade, tirania dos caprichos. Quando não – e às vezes em tenra idade – amargura, impulsividade irritadiça e neurose precoce".

A criança aprende principalmente pelo contato, pelo estímulo pelo afeto, pela valorização, por sentir-se amada, aceita, querida. Interagir de forma física e emocional é imprescindível para que ela construa formas ricas de ligação com a realidade, para que multiplique suas conexões cerebrais mais rapidamente. Estímulos, afeto, comunicação positiva são os ingredientes necessários para desenvolver a nossa mente.

6 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS MULTIMEIOS

"Não é mais possível, fugir desta nova realidade que nos engole e dilui. O professor e a escola são partes integrantes do processo de socialização do indivíduo e preparação para a vida produtiva. Sem as novas tecnologias, estaremos preparando apenas mão-de-obra bruta, incapazes de pensar, portanto, eternamente dependentes do sistema".

José Carlos Libâneo (1996)

O extraordinário progresso experimentado pelas técnicas de comunicação de 1970 para cá, representa para a humanidade uma conquista e um grande desafio. Conquista, na medida em que propicia possibilidades de difusão de conhecimentos e de informações numa escala antes inimaginável. Desafio, na medida em que o avanço tecnológico impõe uma séria revisão e reestruturação dos pressupostos teóricos de tudo que se entende por comunicação.

Em outras palavras, não basta o progresso das telecomunicações, o emprego de métodos ultra-sofisticados de armazenagem e reprodução de conhecimentos. É preciso repensar cada setor, cada modalidade, mas analisando e potencializando a comunicação como processo total. E, em tudo, a dicotomia teoria e prática está presente. Impossível analisar, avançar, aproveitar as tecnologias, os recursos sem levar em conta sua ética, sua operacionalidade, o benefício para as pessoas envolvidas e conseqüentemente na educação.

O jornalismo, o rádio, a televisão, o cinema, a Internet, a edição - enfim, todas e cada uma das modalidades de comunicação - estão a exigir instrumentos teóricos e práticos, consolidados neste velho e sempre no recurso que é o livro, para que se possa chegar a um consenso, ou, pelo menos, para se ter uma base sobre a qual discutir, firmar ou rever conceitos.

6.1 O Livro

Em meados do século XIX, quando a escola pública se definia e disseminava pela Europa e Estados Unidos como agência social encarregada de instruir as novas gerações, preparando-as para ajustar-se e produzir, no seu centro estava o livro - como está até hoje -. Na verdade, a escola nascia filha do livro e da cultura letrada. Assim, caracterizando-se tecnicamente como meio de comunicação/educação à distância, o livro passava a integrar a educação básica, universalizada e presencial, introduzindo pela mão e sob o comando do professor. Mais que um recurso didático, o livro tornou-se e se mantém " pilar-mestre" dos sistemas escolares.

6.2 O Computador

Parece haver um compromisso universal de se ter mais computadores nas escolas, mas o ritmo em que eles estão sendo fornecidos varia de país para país. Apenas alguns deles, como a Holanda, já tem computadores em quase todas as escolas. Na França e em muitos outros lugares, embora poucas instalações tenham sido feitas, os governos prometem que vão equipar todas as salas de aula com computadores. Grã-Bretanha, Japão e China começaram o processo de incorporar a tecnologia da informação aos seu currículos nacionais, com foco em treinamento vocacional. A maioria dos países decidirá fazer maiores investimentos em educação, e o uso do computador nas escolas vai emparelhar-se ao uso em residências e empresas. Com o tempo - mais longo nos países menos desenvolvidos -, veremos provavelmente computadores instalados em todas as salas de aula do mundo.

A mesma tela é utilizada para ver programas de televisão, fazer compras, enviar mensagens, pesquisar qualquer assunto em qualquer lugar ou participar de uma videoconferência. Estamos no processo de interação audio-vídeo-gráfica.

Segundo LÉVY (1999, p.12):

Desde os anos 60, pioneiros como D.Engelbart e J.C.R. Licklider haviam percebido todo o potencial social da comunicação por meio de rede de computadores, Mas foi somente no início dos anos 80 que a comunicação informatizada - ou **telemática** - emergiu como um fenômeno econômico e cultural: redes mundiais de universitários e pesquisadores, redes empresariais, correios eletrônicos, "comunidades virtuais" se desenvolvendo sobre uma base local, acesso direto a bancos de dados etc. Assistiu-se então a um processo sem paralelo de interconexão das redes, que haviam de início crescido isoladamente, e de crescimento *exponencial* dos usuários da comunicação informatizada. Rede das redes, baseando-se na cooperação "anarquista" de milhares de centros informatizados no mundo, a Internet tornou-se hoje o símbolo do grande meio heterogêneo e transfronteiriço que aqui designamos como **ciberespaço**.

O que é a Internet?

Internet é o nome de um grupo de recursos de informação global. Estes recursos são tão vastos que estão além da compreensão do ser humano. Não somente não há ninguém que entenda totalmente a Internet, como também não há ninguém que entenda quase tudo da Internet.

As raízes da Internet estão em uma coleção de redes de computadores desenvolvidos nos anos 70. Começou com uma rede chamada Arpanet, patrocinada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A Arpanet original tem sido, desde então, expandida e substituída, e hoje seus descendentes formam q espinha dorsal do que chamamos de Internet.

A Internet permite a milhões de pessoas no mundo todo comunicar-se, trocando informações. Há comunicação tanto enviando ou recebendo correio eletrônico, como também estabelecendo uma conexão a um outro computador e digitando mensagens para lá e para cá. Participam de grupos de discussão usando muitos programas e fontes de informação disponíveis sem custo (apenas a taxa telefônica).

Isto significa que os recursos da Internet já se tornaram tão importantes quanto o correio ou o telefone. A chegada da Internet à TV por assinatura sem dúvida é um

marco decisivo para visualizar imagens em movimento e sons, integrando o audiovisual, a hipermídia, o texto linkada e a narrativa do cinema e da TV.

Universidades e colégios correm para tornar-se visíveis. Colocam páginas atraentes, padronizadas, previsíveis, falando de sua filosofia, das atividades administrativas e pedagógicas, trazendo projetos inovadores com outras escolas do Brasil e do exterior.

Portanto, a Internet é muito mais do que uma rede de computadores ou um serviço de informações. A Internet é a prova viva de que as pessoas que são capazes de se comunicar livre e convenientemente preferem ser sociais e generosas.

Na Internet encontra-se vários tipos de aplicações educacionais:

- A **divulgação** pode ser institucional - a escola mostra o que faz - ou particular - grupos, professores ou alunos criam suas *home pages* pessoais, com o que produzem de mais significativo.
- A **pesquisa** pode ser feita individualmente ou em grupo, ao vivo - durante a aula ou fora dela -, pode ser uma atividade obrigatória ou livre.
- Nas **atividades de apoio** ao ensino, conseguimos materiais, textos, imagens, sons do tema específico do programa e os utilizamos como um elemento a mais, junto com os livros, revistas e vídeo.

A comunicação se dá entre professores e alunos, entre professores e professores, entre alunos e outros colegas de outras cidades ou países. Com pessoas conhecidas e desconhecidas, próximas e distantes, interagindo esporádica ou sistematicamente.

Quanto ao professor que utiliza a Internet como ferramenta tem que estar atento a dispersão dos alunos diante de tanta informação. Não se preocupando em analisar, comparar, hierarquizar idéias. "***Copiam muito e questionam pouco***".

A Internet ajuda a:

- desenvolver a intuição;
- a flexibilidade mental;

- a adaptação a ritmos diferentes;
- formas novas de comunicação;
- a curiosidade;
- a motivação pelo novo.

6.3 A Televisão

A televisão é sem dúvida, na maior parte das sociedades do Ocidente, inclusive o Brasil, o principal instrumento através do qual se reproduzem os valores culturais e ideológicos indispensáveis para a manutenção do poder da burguesia sobre as demais classes.

Muito já se estudou sobre os efeitos nocivos das muitas horas passadas em frente à televisão. Entre estes estudos podemos destacar:

- ritmo orgânico de apreensão, compreensão e assimilação é lento e compassado, se faz por etapas, assim a pedagogia sempre respeitou os ritmos normais da mente infantil;
- justamente neste reto processo de formação que a TV intervém, prejudicando-o, violentando-o, queimando nele etapas. Por horas seguidas as crianças ficam expostas a torrentes de imagens que se sucedem em ritmo alucinante, e às informações fragmentárias desconexas;
- pela rapidez e pelo fato de as imagens se sucederem umas às outras, a TV é um mau instrumento de aprendizagem. Ela não deixa à pessoa tempo para refletir, para deter-se um pouco mais demoradamente nos assuntos, como se faz com as frases de um livro, por exemplo;
- a criança está sendo lesada em suas oportunidades de desenvolver-se do ponto de vista cognitivo, e tenderá a atrofiar sua capacidade de abertura de percepção, terá dificuldades de desenvolver uma percepção total do mundo, adulta, criativa. Por isso os estudiosos dizem que a TV infantiliza e limita a consciência dos telespectadores assíduos.

- acaba ensinando a criança a não ousar, não responde à sua curiosidade, nem desenvolve. O mundo passa a ser visto como algo que não oferece desafios.
- segundo LE POINT (1986) "por ver que há sempre uma solução fácil para os seus problemas (o que não é o caso), ficam insatisfeitas consigo mesmas e com a sociedade, podendo degenerar até em uso de drogas futuramente".
- a TV estimula as reações primárias do indivíduo como: "sentir-gostar", "não sentir-não gostar";
- visão mentirosa da vida e do estudo;
- diminuição da capacidade em memorização;
- fenecimento do vocabulário e da conversação;
- perda do hábito da leitura;
- trás cansaço, já que as crianças costumam tirar horas preciosas do sono noturno para assistir TV.
- suicídio entre adolescentes - durante as três últimas décadas, a taxa de suicídio entre adolescentes quadruplicou, coincidindo com a "era dourada" da violência na TV.
- A aparência das adolescentes é exibida como sendo mais importante que sua inteligência.
- Jovens inteligentes são ocasionalmente exibidos como desajustados sociais.
- A TV freqüentemente retrata as adolescentes como pessoas obcecadas por compras, arrumação pessoal e encontros com namorados e como incapazes de terem conversas sérias sobre interesses acadêmicos ou objetivos profissionais.
- A grande maioria dos adolescentes mostrados na TV são da classe média ou alta.

É uma visão equivocada a de que é a televisão que dita os padrões de comportamento do nosso tempo. A TV sozinha, não tem tamanho poder. Não é qualquer idéia ou qualquer valor que ela pode "impor" ao público. É fácil notar: tudo

que é excessivamente renovador ou conservador tende a ser recusado pela platéia, que aplaude o que é medíocre. A TV não determina por si só o que as pessoas pensam, sentem ou fazem. Ela apenas consolida padrões que já estão mais ou menos aceitos ou para os quais já existe alguma predisposição entre as comunidades. A TV não está acima da sociedade, ela é apenas uma mediadora privilegiada dela. Sua influência é fortíssima, mas não é tirânica. Ela depende do retorno e da aceitação do público.

As crianças copiam a TV porque aquilo que é mostrado na tela aparece como algo socialmente aceito, como um caminho mais curto para o reconhecimento. Já não é mais na escola (nem com os pais) que as crianças aprendem a separar as qualidades dos defeitos, é na mídia. A função de hierarquizar os valores, que já coube à religião e, até meados do século XX, também à instituição escolar, encontra-se hoje usurpada pela TV. É muito difícil para os professores, "competir" com a mídia. Precisa-se passar valores éticos e estéticos que a TV "desensina". Daí a importância de se debater e criticar a mídia com os alunos para se poder preservar um pouco da liberdade de da criatividade dos jovens.

TV Escola

Programa TV Escola foi implantado pelo governo brasileiro nas escolas públicas em 1997. O objetivo era o treinamento e atualização professores do ensino fundamental. Programas com objetivo semelhante já foram implantados no Canadá e no Reino Unido, iniciados pouco antes da experiência brasileira.

O governo federal queria oferecer a todos os sistemas de ensino, estaduais e municipais, um material de apoio à escola com qualidade de primeiro Mundo. Toda a produção é terceirizada, sendo boa parte da programação adquirida no exterior, e o restante, produzido em nosso país pelas TVs educativas e por universidades. A programação é acompanhada por textos de apoio, e uma revista bimestral informa a programação diária, de três horas, repetida quatro vezes a partir das 7 horas, de segunda a sexta-feira.

A única forma de atingir o Brasil todo, das populações isoladas da Amazônia às regiões urbanas do Sudeste e do Sul, sem dúvida, era o uso do satélite **Brasilsat**, ocupando um espaço disponível para o governo e até então ocioso.

O custo do programa pode ser considerado baixo face a seus objetivos e alcance. Assim, para a aquisição de uma antena parabólica convencional, um televisor e um videocassete foram gastos apenas R\$ 1.500,00 por escola. Os recursos foram repassados a todos os Estados e prefeituras, permitindo beneficiar mais de 50 mil escolas – todas as que possuem mais de 100 alunos – tendo sido investidos, portanto, menos de R\$ 80 milhões na infra-estrutura de transmissão e recepção.

Foi possível colher dados em 23 estados, onde 57% das escolas, em média utilizavam a TV Escola, em 43% os programas eram gravados e utilizados posteriormente pelos professores. O relatório aponta os casos de maior êxito justamente nos Estados onde foi feito um esforço maior de motivação dos professores (Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Acre, Rondônia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Distrito Federal), com o apoio dos secretários da Educação e da equipe do MEC.

O problema central de um programa como este é o de conquistar o professor para o uso dessa tecnologia na sua utilização e para o enriquecimento da sua prática pedagógica. Esbarra-se também no problema de manutenção do material, o qual as escolas públicas nunca possuem verbas para os reparos. É um material de excelente qualidade visual, sonoro e pedagógico que não está ao alcance das escolas particulares.

6.4 O Cinema

Atualmente constituí-se sociedades dotadas não apenas de textos escritos e falados, mas de um vasto conjunto de imagens. Um filme não é um livro. No entanto, estática ou em movimento, uma imagem pode ser "lida" de maneira similar a um texto escrito.

Segundo SOARES (2001, p.11):

Quando um filme é apresentado ao público, ele surge como o resultado de uma intertextualidade que combina diferentes linguagens: textos orais - a palavra falada ou cantada -, escritos - letreiros e legendas - e visuais - a própria imagem projetada, os cartazes publicitários, a propaganda dos jornais, entre outros. Na interseção entre elas, surgem nos filmes personagens que muitas vezes podem ser fictícios, mas onde as cenas vividas são "reais", pois as relações sociais e o mundo representado na tela foram retirados da própria sociedade. É justamente essa riqueza e multiplicidade de linguagens que vem despertando a atenção dos educadores.

6.5 O Jornal

O uso pedagógico do jornal em sala de aula partiu da necessidade dos professores de encontrarem uma ferramenta prática, simples e barata de ser utilizada visando a dinamização da aprendizagem.

Hoje a atividade escolar é cada vez mais voltada para a praticidade, para a realidade. Quando o aluno lê um jornal, depara-se com a vida propriamente dita, com os acertos e os erros que a sociedade e os indivíduos cometem, as disputas econômicas, os avanços tecnológicos, as conquistas na área social, as atrações e o lazer diários, a luta ecológica e tantos outros assuntos que ajudam o homem a encontrar o seu lugar no contexto mundial. Colocar o jornal nas mãos dos alunos é colocar o mundo frente aos seus olhos.

A uso do jornal na sala de aula é um excelente recurso de didático para todas as disciplinas curriculares e possibilita inúmeras vantagens:

- ferramenta de fácil acesso e manuseio;
- atualização constante das informações;
- uma carga muito variada de informações, que podem ser utilizadas de diversas maneiras;
- jornal na sala de aula de uma certa maneira, exerce uma função democratizadora, pois garante o acesso às informações, em igualdade, a todos os indivíduos da sociedade; e
- estimula o hábito a leitura fazendo com que o adolescente se interesse pelos problemas de sua comunidade;

- estimula o aluno à discutir sua realidade, desenvolvendo o espírito observador e crítico;
- possibilita o enriquecimento do aluno, do professor e da comunidade, já que inteirando-se do que se passa no mundo possa se situar melhor;
- desenvolve o processo de aprendizagem, exercitando as capacidades operacionais da mente dos alunos como: observação, discriminação, comparação, classificação, argumentação, síntese, indução e dedução;
- possibilita uma postura de pesquisa, crítica e de atuação bem fundamentada, coerente e construtiva.

Os livros didáticos, os textos, a Internet, a TV, o cinema, enfim, todos os multimeios são ferramentas muito úteis, mas que contêm valores, ou modos de ver o mundo, que são assimilados junto com os conteúdos. Aos educadores compete estar atentos criticamente a esses valores de tal forma que se possa discutir com os alunos. Caso não sejam identificados e discutidos, serão assimilados ingenuamente e acriticamente pelos mais jovens, conformando suas personalidades. São visões de família, pátria, trabalho, economia, religião, relação homem/mulher, relação entre etnias etc.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

*E o que é um professor, na ordem das coisas?
Que tem o ensino a ver com o poder?
Como podem as palavras se comparar com as armas?
Por acaso a linguagem já destruiu e já construiu mundos?*

Jorge Amado (Gabriela, Cravo e Canela)

Para alcançar os resultados propostos para a informatização do ensino, a escola terá de escalar etapas que vão desde um novo projeto pedagógico, o que irá gerar as mudanças curriculares, passando pela sensibilização e o treinamento dos professores, a seleção e/ou produção dos *softwares*, a aquisição e montagem da infraestrutura necessária, o acompanhamento, a avaliação e o replanejamento do processo, tudo isso realizado conjuntamente com os profissionais competentes.

Na discussão do objeto de estudo, na construção e enunciação do problema, considerou-se principalmente, a experiência e as observações pessoais, acumuladas ao longo de 12 anos de atividade docente em escolas públicas e particulares, e a interatividade entre os colegas docentes que atuam nas duas redes de ensino.

Uma indagação se faz presente em todas as reflexões que influenciam diretamente no ensino-aprendizagem, e a partir desses questionamentos, foi elaborada a pesquisa com 26 questões sobre alguns assuntos relevantes que intrigam os docentes, para poder delinear um perfil deste alunado tão "diferente" que se está encontrando.

A pesquisa abrangeu alunos de 10 a 17 anos, de níveis sócio-econômicos contrastantes, pois a Escola A, representa o Colégio Estadual Jayme Canet, localizada no bairro do Capão Raso, periferia da cidade de Curitiba, e atende crianças de família com renda baixa. A Escola B, representa o Colégio Bom Jesus "Água Verde", localizada num bairro de classe média-alta da cidade de Curitiba, chamado Água Verde.

Quando se enfoca a escola particular, pode-se comprovar que a Informática se insere na grade curricular como matéria regular e passa a funcionar como um elo, integrando-se às demais disciplinas curriculares, numa proposta educacional calcada na Teoria Construtivista de Jean Piaget, buscando sempre um repensar das práticas pedagógicas.

Como na escolas particulares os recursos financeiros não dependem de projetos governamentais, podem ser desenvolvidos Projetos de Informática Educacional mais atuantes, e a escola poderá manter um setor de pesquisas para a geração de novos produtos que são utilizados nas atividades de Informática, com a preocupação em trazer para o cotidiano de seus alunos e professores as novas tecnologias da área, como multimídia, comunicação de dados, rede, sempre com uma abordagem pedagógica que sustente a formação de usuários críticos.

Com relação a escola pública, torna-se necessário que o processo de informática, passe por projetos específicos de nível local e regional para que uma mesma crítica se forme simultaneamente em diferentes pontos do país. Evitando assim que não seja apenas uma proposta com fins eleitorais e resulte somente na compra de microcomputadores, sem uma percepção clara do que se fazer com eles e principalmente de quais softwares se utilizar neles.

Se o governo ou a escola não possui os profissionais competentes para o processo de informatização, deverá procurar quem os tenha, existem hoje muitas empresas especializadas em informatização escolar (pedagogos, analistas, etc), além de universidades que através da realização de pesquisas e trabalhos de extensão se dispõem a ajudar.

No caso da contratação de uma empresa especializada, ou de qualquer outra forma escolhida para sua informatização, a escola em hipótese alguma poderá se omitir, pois sabemos que a transformação e a resistência as mudanças oferecidas, não são de hoje. Elas geram ansiedade da instituição e nos seus membros, pois são tidas como causa de incerteza e põem em risco as rotinas já testadas pela experiência.

A resistência deve ser enfrentada de forma correta: fazendo com que o computador não seja o resultado de uma escolha imposta do alto ou por alguém tecnicamente mais bem preparado, mas uma escolha ponderada, decidida em conjunto e orientada.

E é justamente a abordagem pedagógica que será o grande diferencial e a maior conquista da escola. Colocar a mais moderna tecnologia a serviço da educação, priorizando o lado humano, formando cidadãos críticos, criativos, capazes de construir um Brasil melhor, para todos nós.

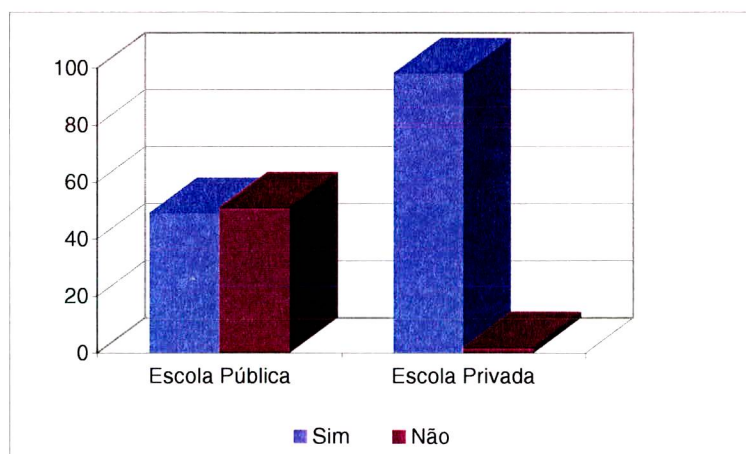
Na sala de aula, para utilizar o computador, deve-se passar por fases que vão desde a sensibilização dos alunos para o assunto, através da utilização de materiais alternativos, música, poesia, pesquisa, sucata, etc., seguindo-se de atividades no computador em algum software que possa aplicar o conteúdo ensinado com muita criatividade, e por fim o aluno deverá aplicar os conhecimentos e experiências adquiridas, através do próprio software, ou de um outro, fazendo um produto final de seu aprendizado.

Assim a informática poderá ser um importante catalisador para as mudanças na formação de professores, uma área onde ainda temos muito que aprender. Isto poderá ser um desafio para os docentes das faculdades de educação, exigindo a aprendizagem de novas habilidades, de início talvez até ameaçadoras.

1. Tem computador em casa?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	49,0	98,0
Não	51,0	2,0
TOTAL	100,0	100,0

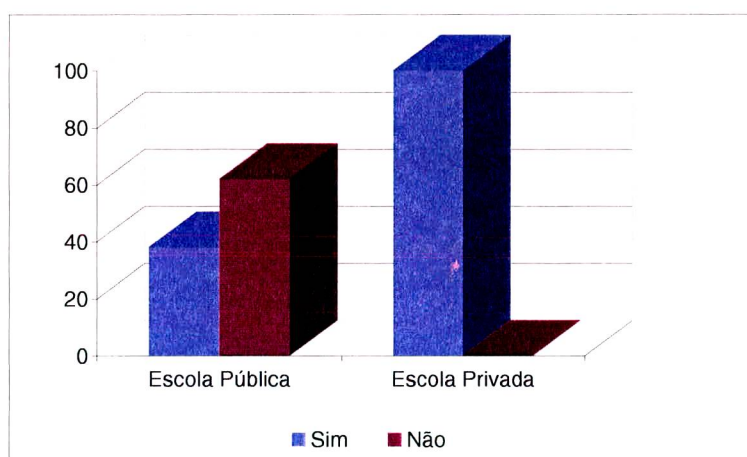


- Mesmo a escola A sendo de periferia, quase a metade dos alunos (49%) já possuem computador em casa ou tem acesso a ele. Consta nos anexos uma crônica escrita por Gilberto Dimenstein de 1977 em que ele coloca muito bem qual seria a importância do computador no futuro. Pois bem, o futuro já chegou e a sua previsão se confirmou, boa parte dos estudantes já possuem seu computador em casa.
- Já na escola B apenas uma minoria não possui computador (2,0%).

2. Seu colégio oferece aulas de informática?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	38,0	100,0
Não	62,0	
TOTAL	100,0	100,0



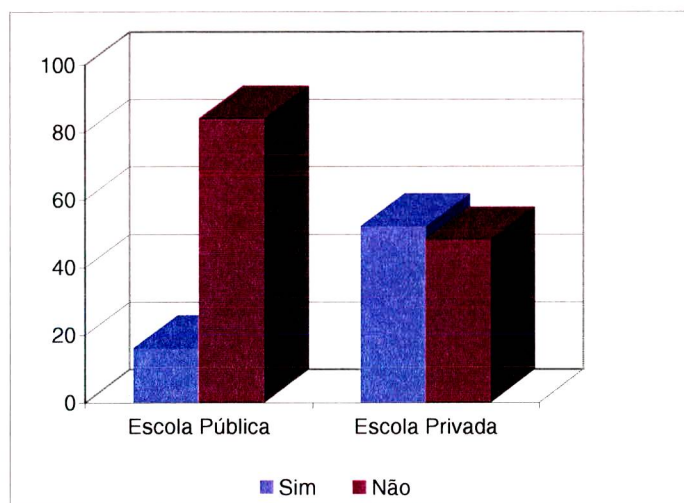
- colégio B oferece aulas de informática durante todo o curso fundamental. Ela é realizada em conjunto com as outras disciplinas, ou seja, o professor de História, por exemplo, leva seus alunos uma vez no bimestre para trabalhar seu conteúdo dentro de um programa já determinado. Que pode ser, uma pesquisa na Internet, um texto no Word, figuras no Clipart, etc. Desta maneira os alunos vão interagindo com o computador ao mesmo tempo em que o conteúdo de sala também se torna mais interessante. Isto se repete com todas as disciplinas, cada vez com um programa diferente no computador. De forma que os alunos vão, no mínimo 08 vezes até a sala de informática por bimestre. Na minha opinião é um ótimo projeto, que tem dado muito certo.
- O que detectei, foi que os alunos de 5.^a e 6.^a séries, ao responder a pesquisa, não reconheciam aquelas aulas como sendo aulas de Informática.
- Na minha opinião, falta uma aula (no mínimo), uma vez por mês, sobre o funcionamento do computador, sobre a máquina, especificamente.
- Detectei também uma grande dificuldade na digitação, são extremamente lerdos e utilizam os dedos errados, o que atrasa ainda mais.

- Mas de uma forma geral, se dão muito bem, e o com o acompanhamento do professor da disciplina e de Informática, sempre presentes, a aula se torna super produtiva e lúdica.
- Como sugestão para um futuro próximo, seria a colocação de micros na sala de aula, assim poderíamos trabalhar de uma forma mais solta, quando necessário.
- Já a escola A, possui a sala e os computadores, mas os alunos não tem acesso por algumas razões:
 - a) as escolas públicas possuem poucos professores especializados em Informática;
 - b) não existe, como na escola particular, um projeto para a inclusão da Informática nas outras disciplinas;
 - c) mesmo que o professor de sala se habilite a levar as suas turmas, não têm autorização da direção que alega falta de computadores para todos e problemas quanto à manutenção;
 - d) a escola pública não dispõem de verbas para aquisição do material necessário (disquetes, tinta para impressora, papel, etc.);
 - e) as aulas acontecem, no contra-turno para aqueles alunos que possam pagar, as verbas arrecadadas são usadas para pagar o instrutor, que geralmente é um aluno que tem disponibilidade.

3. Faz curso de informática fora do colégio?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	16,0	52,0
Não	84,0	48,0
TOTAL	100,0	100,0

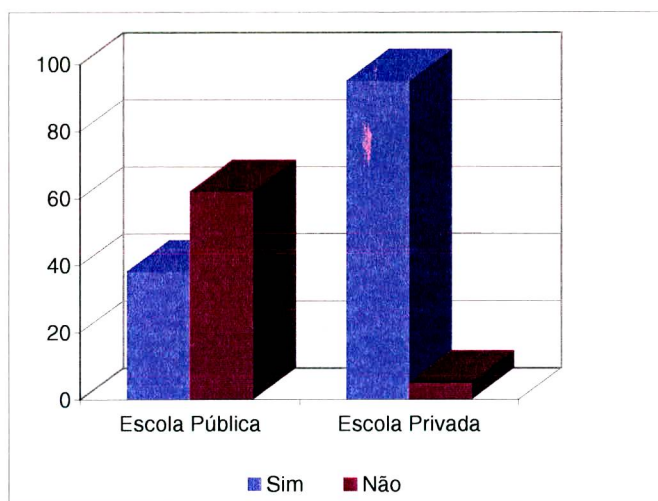


- Na escola B a grande maioria também tem acesso à aulas de Informática fora do colégio.
- Na escola A embora os jovens tenham demonstrado a vontade de ter aulas de Informática, não dispõem de recursos para tal.
- Os investimentos deveriam ser originários de projetos governamentais.

4. Costuma fazer pesquisas escolas no computador?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	38,0	95,0
Não	62,0	5,0
TOTAL	100,0	100,0

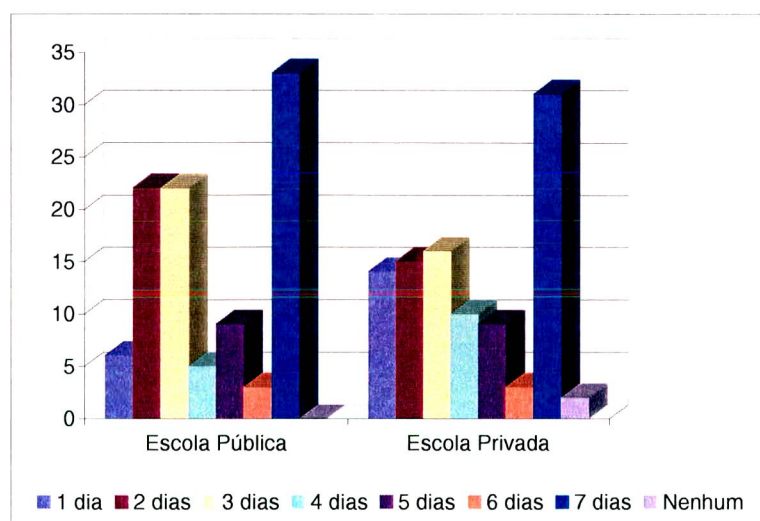


- O que detectei aqui, é que embora os alunos da escola A tenham acesso ao computador, eles não utilizam tanto quanto aos alunos da escola B, a razão é que os alunos da rede pública não são tão cobrados quanto os alunos da rede particular com relação à pesquisas extra-classe.

5. Quantos dias por semana utiliza o computador?

- a) 1 dia
- b) 2 dias
- c) 3 dias
- d) 4 dias
- e) 5 dias
- f) 6 dias
- g) 7 dias
- h) Nenhum dia

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
1 dia	6,0	14,0
2 dias	22,0	15,0
3 dias	22,0	16,0
4 dias	5,0	10,0
5 dias	9,0	9,0
6 dias	3,0	3,0
7 dias	33,0	31,0
Nenhum	0,0	2,0
TOTAL	100,0	100,0

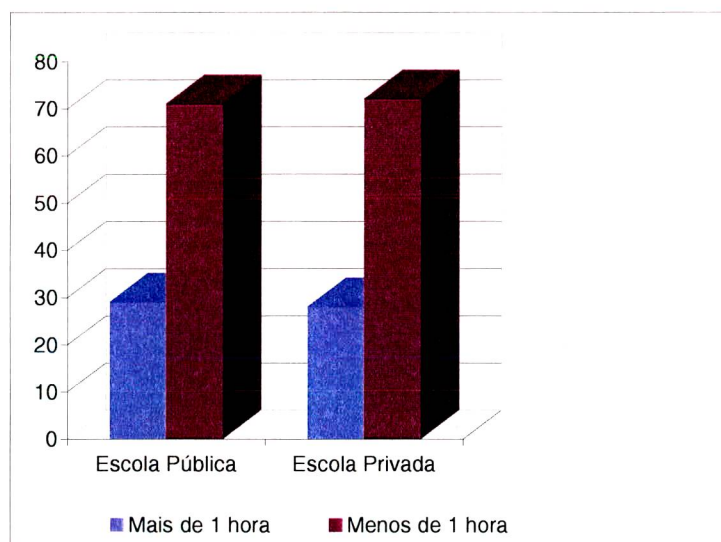


- O que é possível detectar é que os alunos que tem acesso ao computador tanto da rede pública, quanto da particular, utilizam todos os dias, na sua grande maioria. Mas este acesso não quer dizer que seja para trabalhos escolares, muitas vezes, principalmente entre os mais velhos, o uso do computador e da Internet se dá nas salas de "bate-papo" e jogos.

6. Quantas horas por dia utiliza o computador?

- a) Mais de 1 hora
- b) Menos de 1 hora

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Mais de 1 hora	29,0	28,0
Menos de 1 hora	71,0	72,0
TOTAL	100,0	100,0

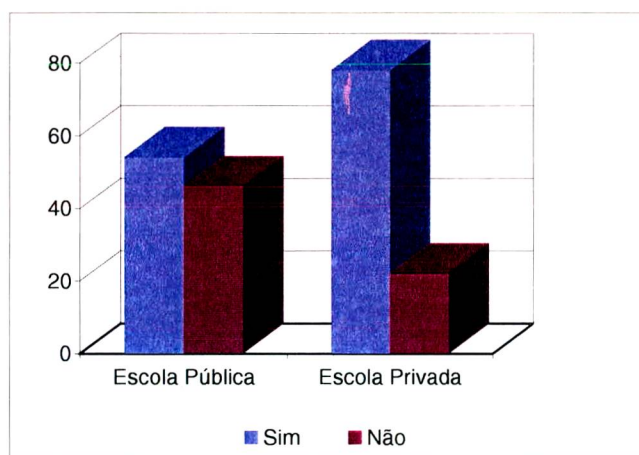


- Tanto na escola pública o uso se restringe a menos de uma hora diária na escola pública. Esta "pressa" é uma das características dos adolescentes, e também uma cobrança dos pais, preocupados com o gasto com as linhas telefônicas.
- Na escola privada os alunos tem muitas atividades a desenvolver, por isso o tempo disponível para o uso do computador torna-se restrito.

7. Acessa constantemente a Internet?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	54,0	78,0
Não	46,0	22,0
TOTAL	100,0	100,0

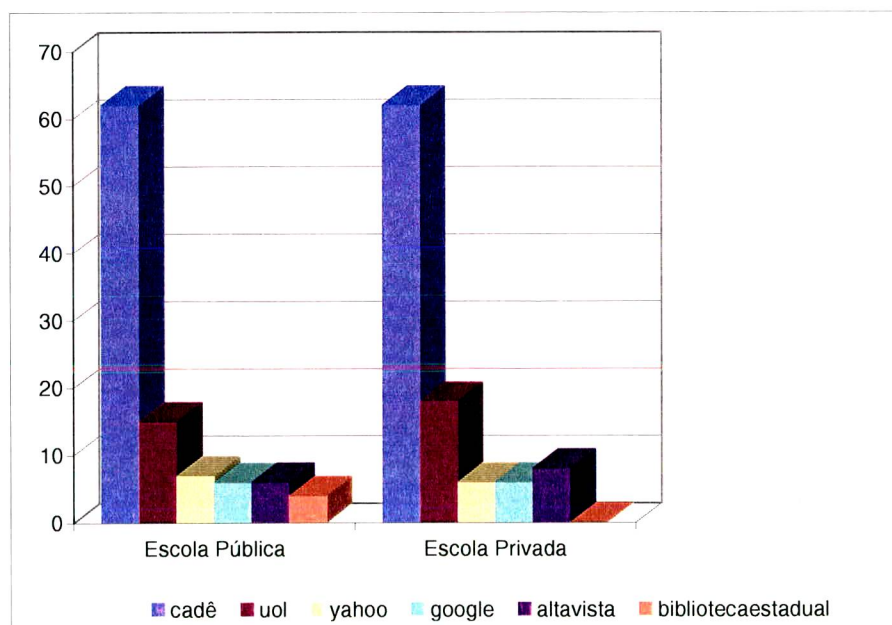


- Este uso generalizado da Internet, é necessário colocar, se deve principalmente às salas de "bate-papo", mas quanto às pesquisas escolares, costumam simplesmente imprimir tudo o que encontram, não possuem muito a noção de classificação, de verificar o que realmente interessa. Existe pouca vontade para ler os documentos encontrados.

8. Nome do Site preferido para pesquisas:

- a) cadê
- b) uol
- c) yahoo
- d) google
- e) altavista
- f) www.bibliotecaestadual.gov.br

RESPOSTAS	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
cadê	62,0	62,0
uol	15,0	18,0
yahoo	7,0	6,0
google	6,0	6,0
altavista	6,0	8,0
bibliotecaestadual	4,0	0,0
TOTAL	100,0	100,0

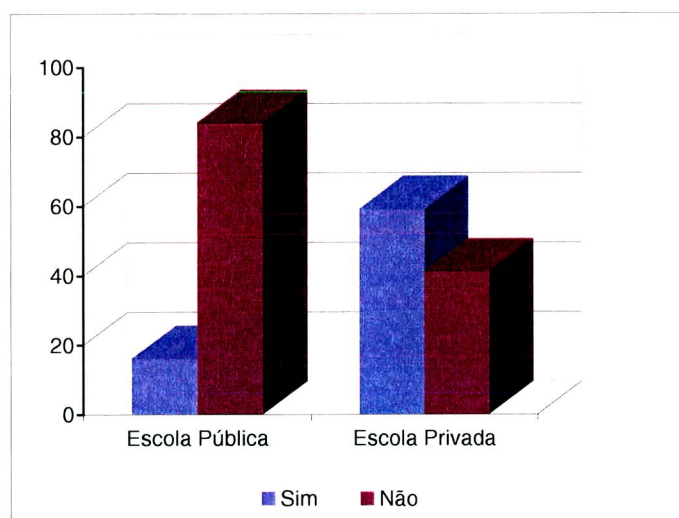


- Os alunos da escola B, tem maior facilidade de informações na Biblioteca da própria escola, daí o baixo acesso as pesquisas da Biblioteca Estadual.

9. Recebe jornais em casa?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	16,0	59,0
Não	84,0	41,0
TOTAL	100,0	100,0

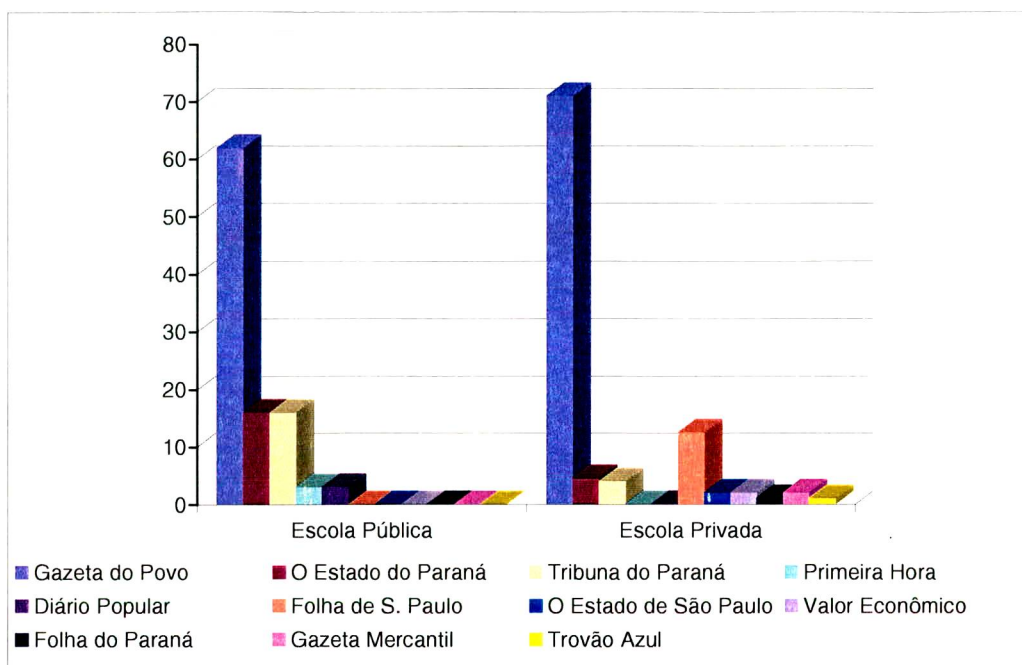


- Devido ao poder aquisitivo maior, os alunos da escola B, tem mais acesso à essa fonte de informação.

10. Se recebe, quais jornais?

- a) Gazeta do Povo
- b) O Estado do Paraná
- c) Tribuna do Paraná
- d) Primeira Hora
- e) Diário Popular
- f) Folha de S. Paulo
- g) O Estado de São Paulo
- h) Valor Econômico
- i) Folha do Paraná
- j) Gazeta Mercantil
- k) Trovão Azul

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Gazeta do Povo	62,0	71,0
O Estado do Paraná	16,0	4,5
Tribuna do Paraná	16,0	4,0
Primeira Hora	3,0	0,0
Diário Popular	3,0	0,0
Folha de S. Paulo	0,0	12,5
O Estado de São Paulo	0,0	2,0
Valor Econômico	0,0	2,0
Folha do Paraná	0,0	1,0
Gazeta Mercantil	0,0	2,0
Trovão Azul	0,0	1,0
TOTAL	100,0	100,0

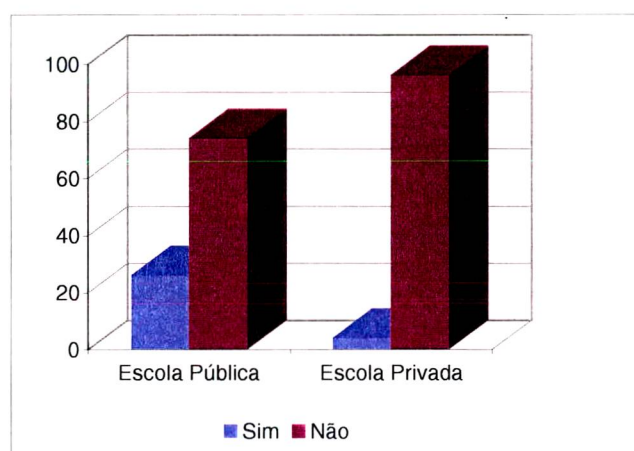


- Vale a observação que o segundo jornal mais lido na escola B é A Folha de São Paulo.
- Atribuo esta influência ao grande número de migrantes de outros Estados brasileiros devido ao grande crescimento industrial que a cidade de Curitiba tem apresentado. E ao nível cultural dos pais dos alunos da escola B, que na sua grande maioria possuem nível superior, portanto desejam ter uma leitura mais abrangente, fora dos limites do Paraná.

11. Você lê jornal diariamente?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	26,0	4,0
Não	74,0	96,0
TOTAL	100,0	100,0

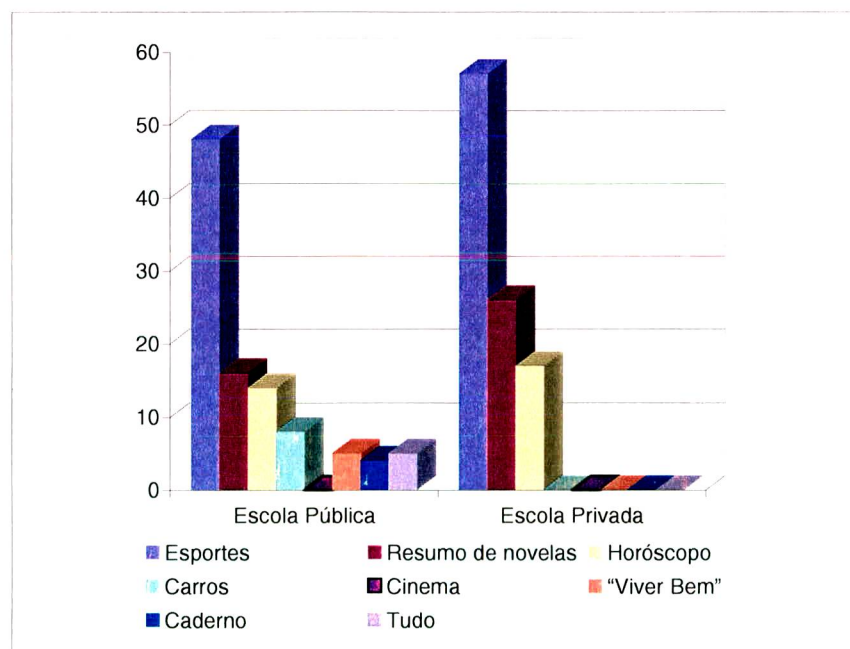


- Esclareço que os alunos da escola A se interessam mais pelo jornal porque são mais velhos - na faixa dos 13 aos 17 anos - que os alunos da escola B.

12. Se lê, qual a sua sessão preferida do jornal?

- a) Esportes
- b) Resumo de novelas
- c) Horóscopo
- d) Carros
- e) Cinema
- f) "Viver Bem"
- g) Caderno
- h) Tudo

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Esportes	48,0	57,0
Resumo de novelas	16,0	26,0
Horóscopo	14,0	17,0
Carros	8,0	0,0
Cinema	0,0	0,0
"Viver Bem"	5,0	0,0
Caderno	4,0	0,0
Tudo	5,0	0,0
TOTAL	100,0	100,0

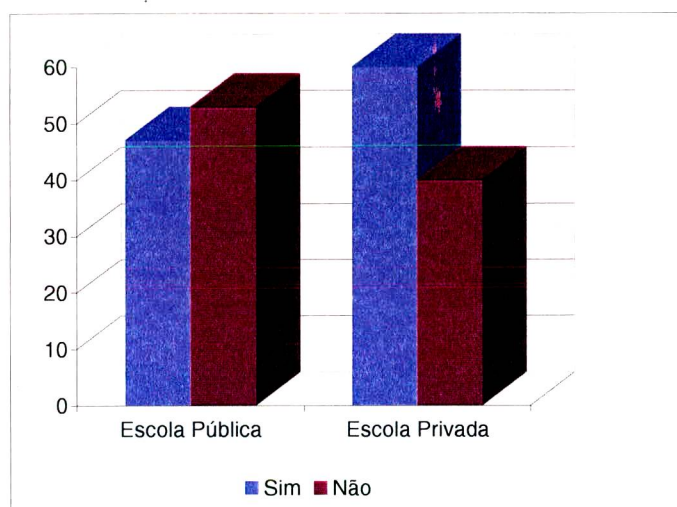


- Indiscutivelmente as sessões mais procuradas do jornal são aquelas mais leves, mais descomprometidas, tanto na escola A, como na B.

13. Recebe revista regularmente em casa?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	47,0	60,0
Não	53,0	40,0
TOTAL	100,0	100,0

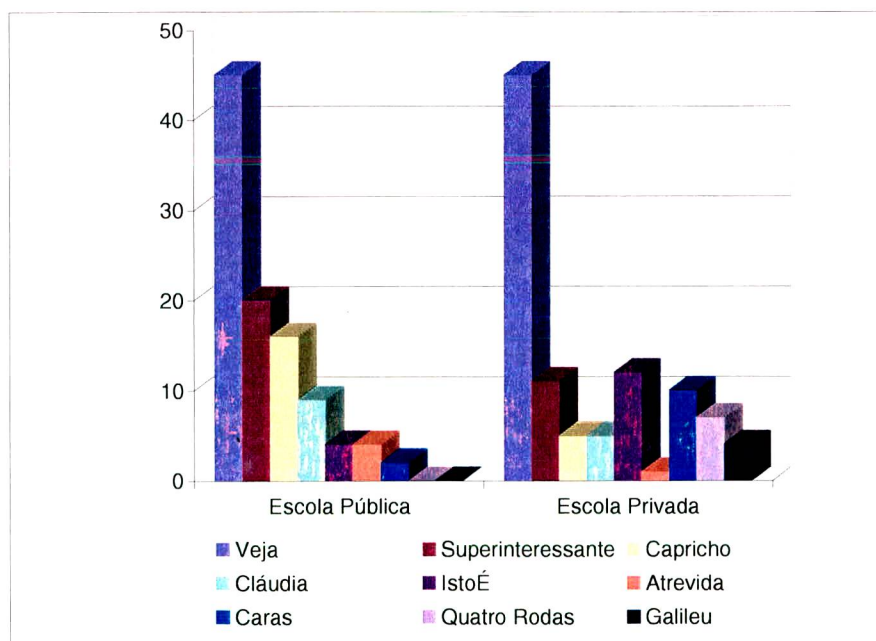


- Também pelo fator econômico, os alunos da escola B têm mais acesso às revistas.

14. Se recebe, qual(is) revista(s)?

- a) Veja
- b) Superinteressante
- c) Capricho
- d) Cláudia
- e) IstoÉ
- f) Atrevida
- g) Caras
- h) Quatro Rodas
- i) Galileu

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Veja	45,0	45,0
Superinteressante	20,0	11,0
Capricho	16,0	5,0
Cláudia	9,0	5,0
IstoÉ	4,0	12,0
Atrevida	4,0	1,0
Caras	2,0	10,0
Quatro Rodas	0,0	7,0
Galileu	0,0	4,0
TOTAL	100,0	100,0

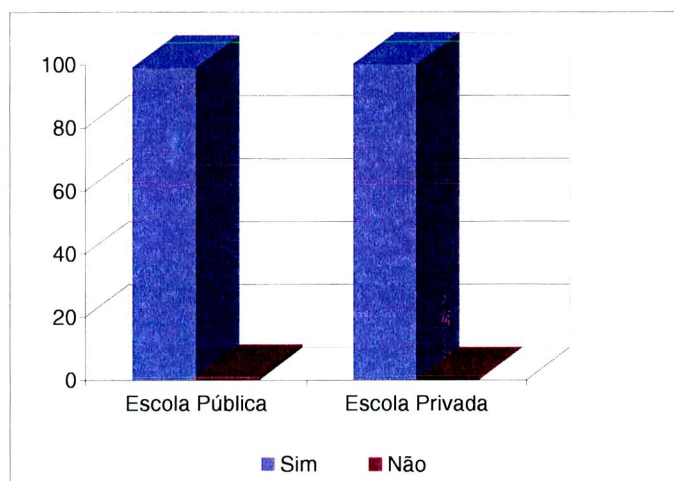


- Também quanto as revistas, procuram sempre os assuntos mais interessantes, descartando sempre política e economia. Observo sempre em sala de aula sobre o retorno que tenho de alguns assuntos, sempre que se trata de grandes novidades eles estão informados.
- Sobre este assunto, tenho uma experiência exitosa: costumo deixar em aberto para todas as minhas turmas a oportunidade de trazer para a sala de aula notícias de jornais, revistas ou Internet que tenham a ver com o que estamos discutindo no momento. Desta maneira os alunos tem a chance (espontaneamente) de mostrar suas descobertas aos outros e desta maneira ter sua nota bimestral acrescida. Enriquecemos muito a aula e os alunos mostram muito mais interesse pelo que está acontecendo na atualidade.

15. Possui televisão?

- a) Sim
- b) Não

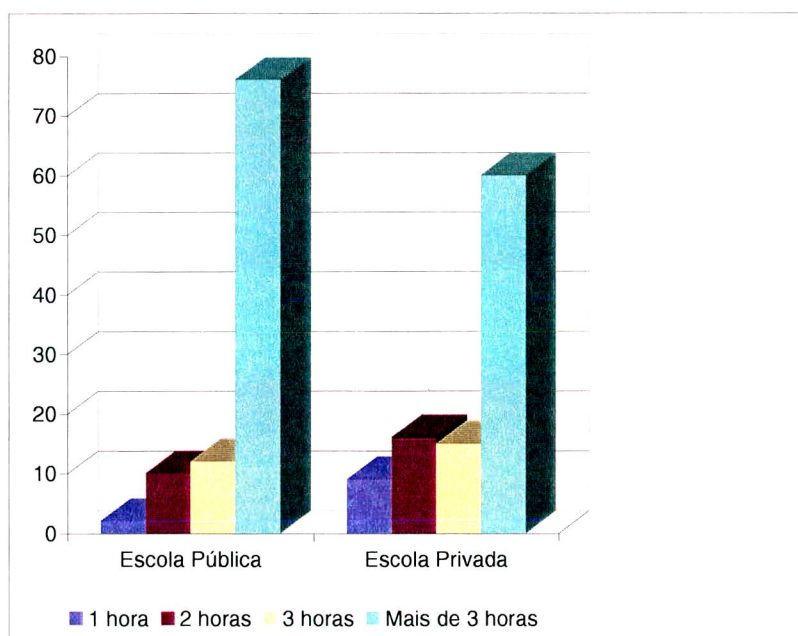
RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	99,0	100,0
Não	1,0	0,0
TOTAL	100,0	100,0



16. Quantas horas por dia costuma assistir televisão?

- a) 1 hora
- b) 2 horas
- c) 3 horas
- d) Mais de 3 horas

RESPOSTAS	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
1 hora	2,0	9,0
2 horas	10,0	16,0
3 horas	12,0	15,0
Mais de 3 horas	76,0	60,0
TOTAL	100,0	100,0

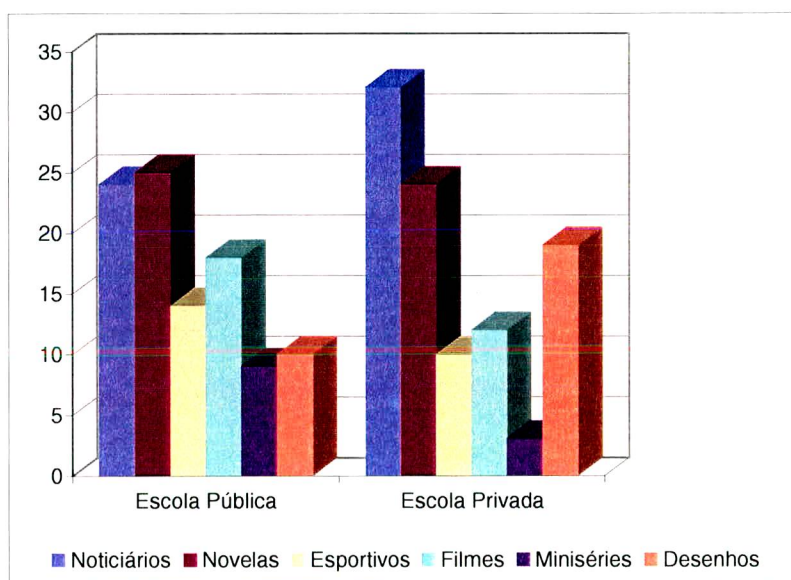


- Como pode-se observar, tanto na escola A, quanto na B, os alunos tendem a ficar muito mais de três horas diárias à frente de um televisor. Quanto a este grande problema já tratei no capítulo 6. O que nós professores não podemos descartar é o poder comunicativo da Televisão, podemos então, reverter isso à nosso favor e ganharmos uma grande aliada.
- Costumo exemplificar sugerindo grandes filmes, alguns documentários, alguns noticiários e até mesmo a "malfadada" novela, pode ser utilizada nas aulas, até como crítica social e de costumes.

17. Qual tipo de programa mais assistido em sua casa?

- a) Noticiários
- b) Novelas
- c) Esportivos
- d) Filmes
- e) Miniséries
- f) Desenhos

RESPOSTAS	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Noticiários	24,0	32,0
Novelas	25,0	24,0
Esportivos	14,0	10,0
Filmes	18,0	12,0
Miniséries	9,0	3,0
Desenhos	10,0	19,0
TOTAL	100,0	100,0

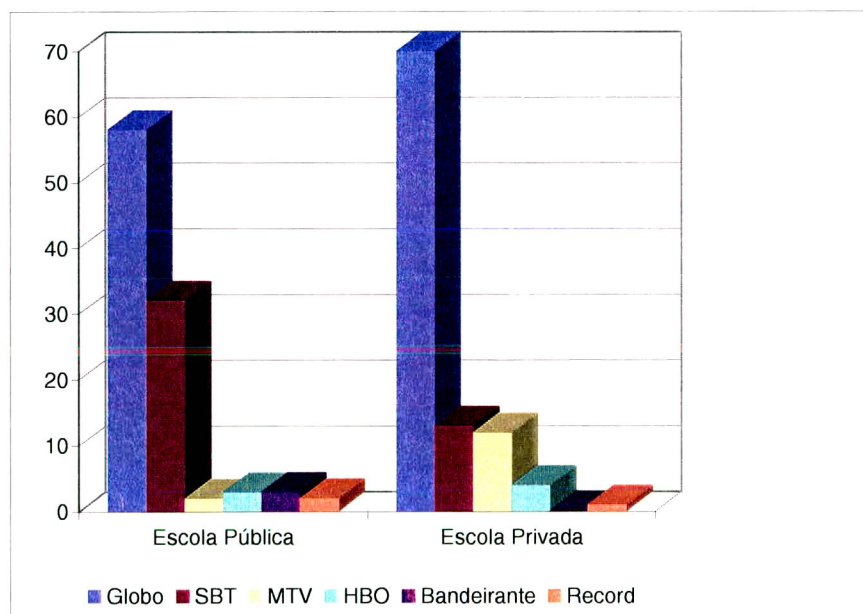


- Sem dúvida os telejornais são muito assistidos, mas de forma superficial. Mas entre os mais jovens é muito grande a influência dos desenhos, principalmente os japoneses.

18. Qual o canal que é mais assistido?

- a) Globo
- b) SBT
- c) MTV
- d) HBO
- e) Bandeirante
- f) Record

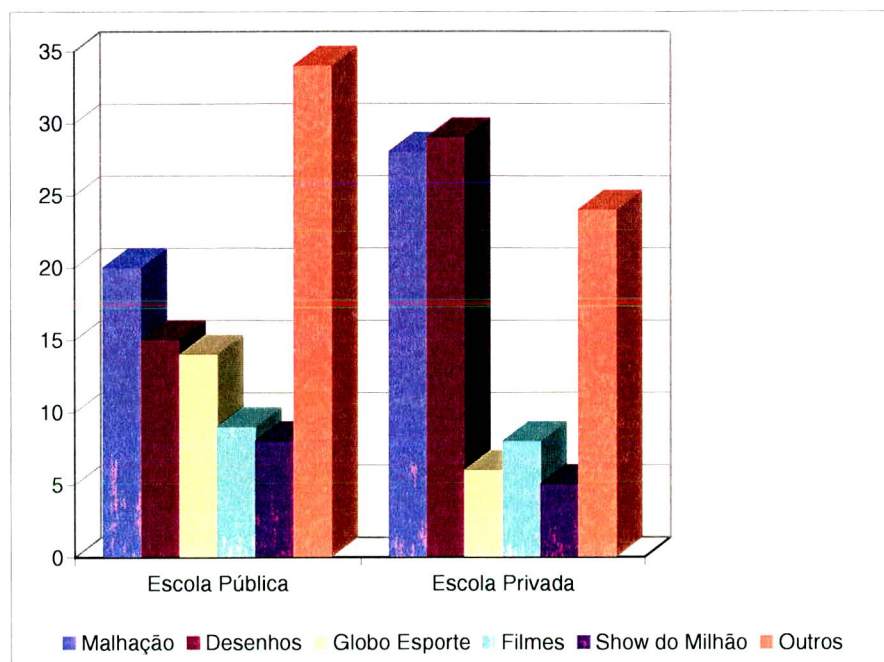
RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Globo	58,0	70,0
SBT	32,0	13,0
MTV	2,0	12,0
HBO	3,0	4,0
Bandeirante	3,0	0,0
Record	2,0	1,0
TOTAL	100,0	100,0



19. Qual o seu programa preferido?

- a) Malhação
- b) Desenhos
- c) Globo Esporte
- d) Filmes
- e) Show do Milhão
- f) Outros

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Malhação	20,0	28,0
Desenhos	15,0	29,0
Globo Esporte	14,0	6,0
Filmes	9,0	8,0
Show do Milhão	8,0	5,0
Outros	34,0	24,0
TOTAL	100,0	100,0

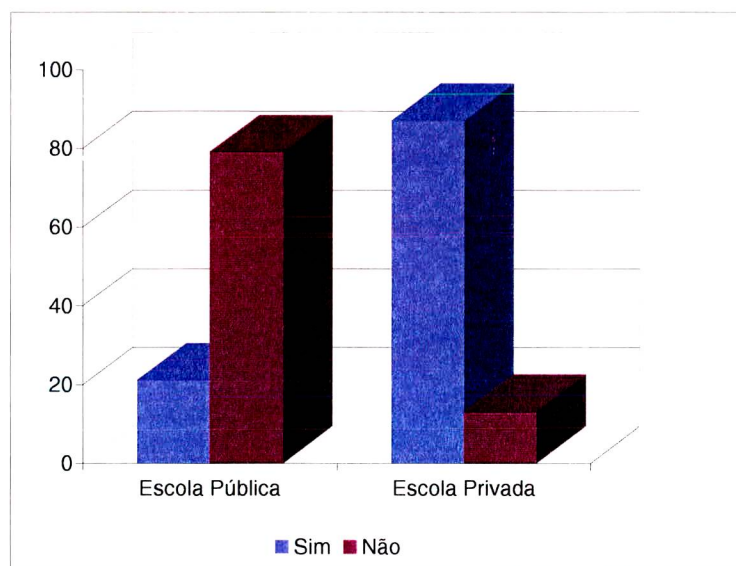


- O programa Malhação é o mais assistido tanto pelos alunos da escola A quanto da escola B.
- Costuma discutir assuntos polêmicos de uma maneira um tanto superficial, mas não podemos descartar a sua importância, já que o seu sucesso é muito grande entre os jovens e é um dos únicos programas na atual televisão brasileira que tem uma linguagem especialmente direcionada para essa faixa etária.
- Já se discutiu, por exemplo, o problema das drogas, dos anabolizantes, da separação de casais, do homossexualismo, da gravidez precoce, da primeira relação sexual, do beijo, dos "amassos", da AIDS, do câncer de mama, da falta de empregos e atualmente aborda o problema de se passar muitas horas jogando video-game.
- São na maioria atores jovens, na sempre e velha "luta do bem contra o mal".
- Tenho algumas ressalvas, mas na minha opinião o programa é bastante válido, porque sempre trás uma mensagem "careta" ao final, mas de uma forma que os jovens entendem e aceitam, pois parte sempre deles, do mundo deles, do jeito deles.

20. Tem TV a cabo em casa?

- a) Sim
- b) Não

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Sim	21,0	87,0
Não	79,0	13,0
TOTAL	100,0	100,0

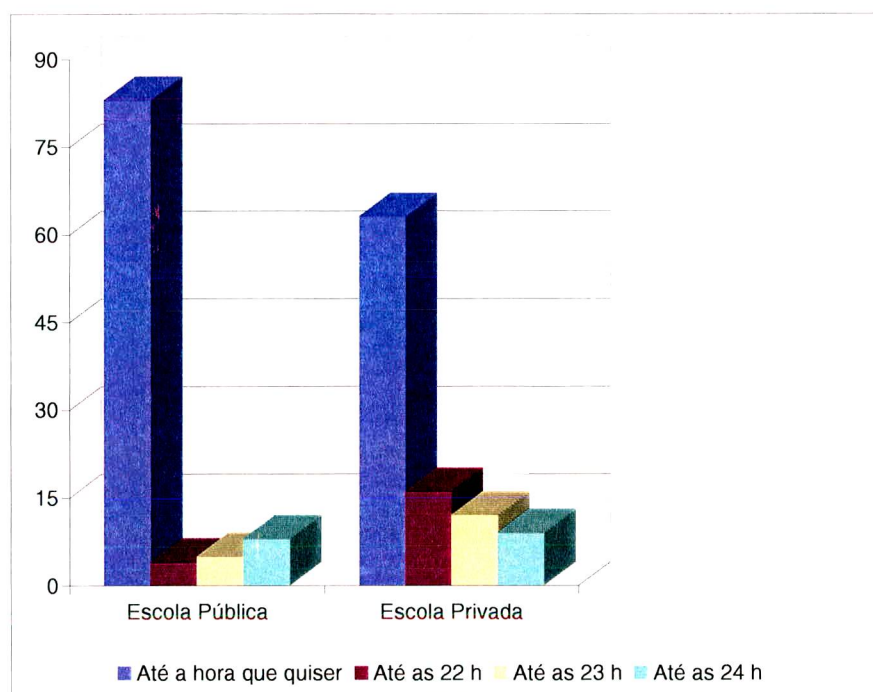


- Novamente aqui o problema sócio-econômico se faz presente.

21. Até que horas tem permissão para assistir TV?

- a) Até a hora que quiser
- b) Até as 22 h
- c) Até as 23 h
- d) Até as 24 h

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Até a hora que quiser	83,0	63,0
Até as 22 h	4,0	16,0
Até as 23 h	5,0	12,0
Até as 24 h	8,0	9,0
TOTAL	100,0	100,0

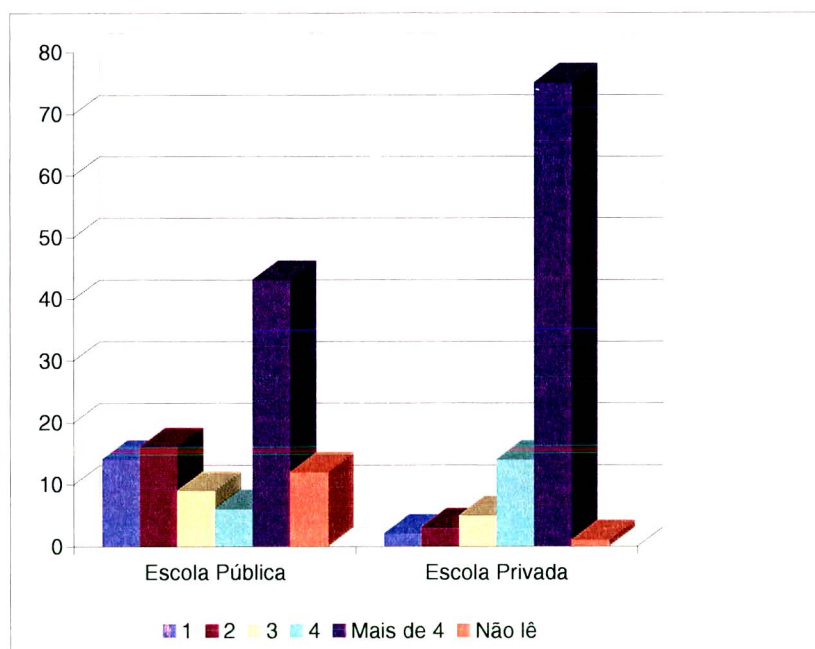


- Aqui fica bem claro a falta de limites em casa. Uma das características que observo nos alunos que freqüentam o período da manhã (que é a maioria), é o sono que eles apresentam até aproximadamente as 9:00 horas da manhã. Depois este sono de dispersa e eles literalmente "entram no ar".
- Principalmente as crianças menores, se interrogadas até que horas assistiram televisão na noite anterior contam sem o menor constrangimento que ficam até muito tarde e são capazes de contar até pormenores de alguma programação que, pela censura, eles não deveriam estar assistindo.

22. Lê, aproximadamente, quantos livros por ano?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) Mais de 4
- f) Não lê

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
1	14,0	2,0
2	16,0	3,0
3	9,0	5,0
4	6,0	14,0
Mais de 4	43,0	75,0
Não lê	12,0	1,0
TOTAL	100,0	100,0

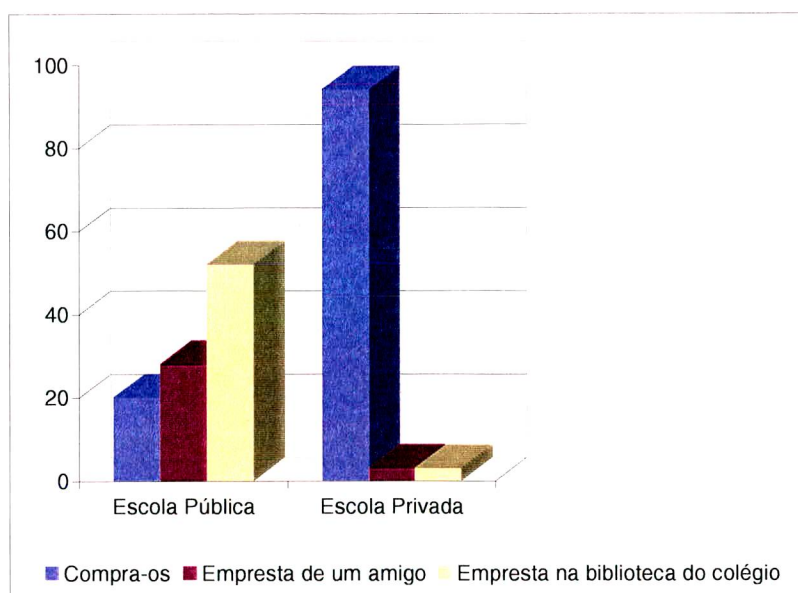


- Aqui quero desmistificar que o nosso jovem não lê. Lê e muito. Só que lê o que quer e não o que nós (pais e professores) queremos.
- Os de maior sucesso atualmente são os de ficção na linha de "Harry Porter", O Senhor dos Anéis, etc.
- Entre os jovens mais velhos (dos 14 aos 17 anos) além dos já citados, lêem também muito sobre auto-ajuda e exoterismo.

23. Quanto aos livros que lê:

- a) Compra-os
- b) Emprста de um amigo
- c) Emprста na biblioteca do colégio

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Compra-os	20,0	94,0
Emprста de um amigo	28,0	3,0
Emprста na biblioteca do colégio	52,0	3,0
TOTAL	100,0	100,0



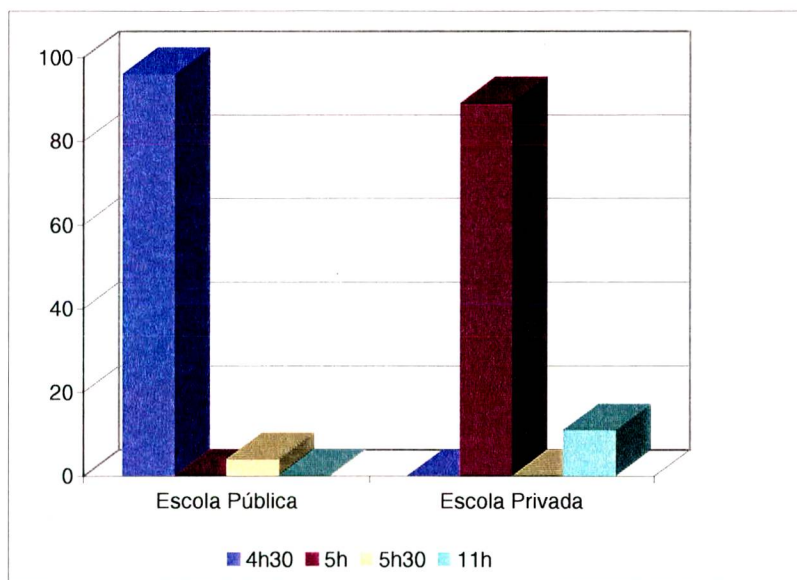
O acesso ao livro se dá de forma diferenciada entre as duas realidades retratadas:

- aluno do escola A adquire suas leituras normalmente através da biblioteca do colégio, que normalmente tem poucos volumes dos livros mais solicitados, quando tem.
- Já o aluno da escola B compra os livros que deseja.

24. Número de horas diárias passadas no colégio:

- a) 4h30
- b) 5h
- c) 5h30
- d) 11h

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
4h30	96,0	0,0
5h	0,0	89,0
5h30	4,0	0,0
11h	0,0	11,0
TOTAL	100,0	100,0



Obs.: Quanto as 11 horas de permanência na escola é que existe na escola B o horário integral, em que alguns alunos praticamente passam o dia todo no colégio. São aulas curriculares normais pelo período da manhã e para o período da tarde ficam as extra-curriculares como teatro, apoio pedagógico, culinária, esportes, artesanato, instrumentos musicais, etc. É óbvio que estas aulas extras são acrescentadas no valor da mensalidade.

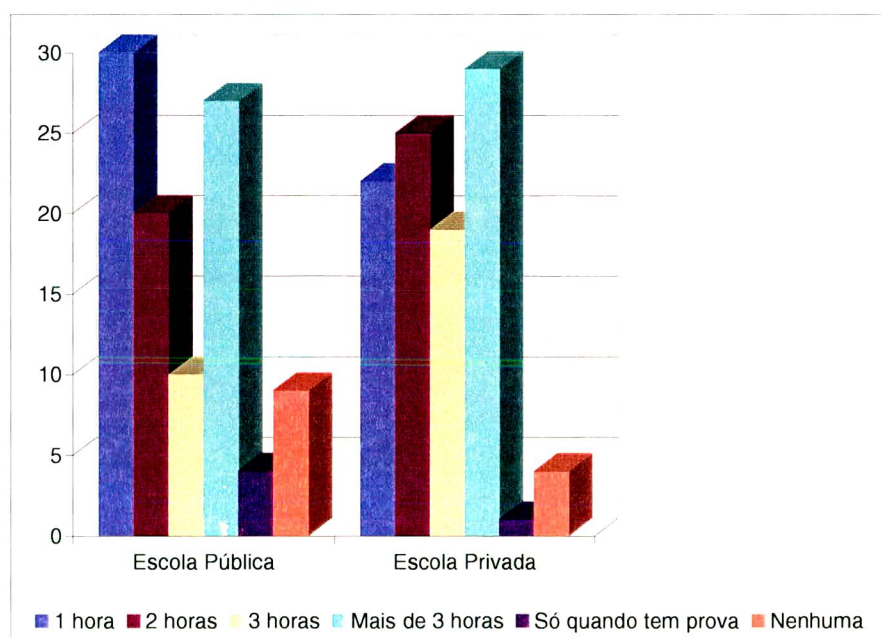
- o que observo é que funciona muito bem. Os alunos vão para casa à tarde já com as tarefas prontas e com a matéria do dia revisada.
- são orientadas por professores especializados e existe uma coordenação para acompanhar particularmente caso a caso.

- Fica aqui a minha observação: se os governos estivessem mesmo interessados em diminuir o índice de criminalidade a longo prazo. Deveriam investir na escola integral. Só haveriam ganhos:
 - a) os jovens mais pobres normalmente ficam nas ruas, sozinhas no contra-turno até seus pais chegarem do trabalho. Há quantos perigos estão sujeitas?
 - b) os jovens teriam a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e quem sabe aprender uma possível profissão;
 - c) seriam orientados, alimentados, motivados, estariam resguardados e longe das más companhias.
 - Para tanto precisa se investir em educação, as escolas teriam que ter um único turno de funcionamento e precisariam ser aparelhadas para esta nova função. Os professores precisariam ser treinados e motivados.
 - Mas, infelizmente isto não acontece...

25. Número de horas diárias de estudo em casa:

- a) 1 hora
- b) 2 horas
- c) 3 horas
- d) Mais de 3 horas
- e) Só quando tem prova
- f) Nenhuma

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
1 hora	30,0	22,0
2 horas	20,0	25,0
3 horas	10,0	19,0
Mais de 3 horas	27,0	29,0
Só quando tem prova	4,0	1,0
Nenhuma	9,0	4,0
TOTAL	100,0	100,0



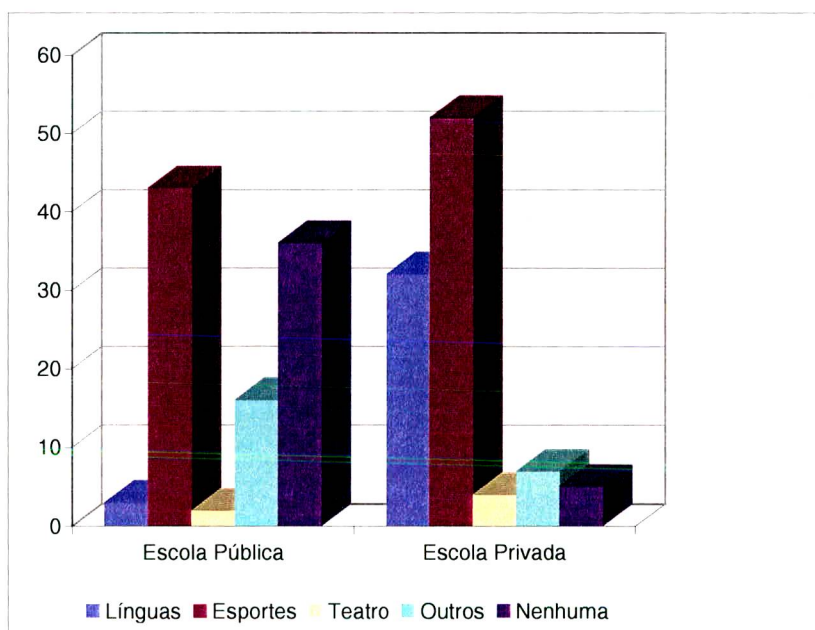
- Vale ressaltar que o aluno da escola B, estuda muito mais em casa do que da escola A.

- A explicação para essa observação também deriva do problema sócio-econômico. Os pais dos alunos da escola B em sua grande maioria possuem nível superior, forçando desta maneira para que os filhos se aprofundem nos conteúdos trabalhados na sala.
- Já os alunos da escola A possuem pais que trabalham o dia todo, não acompanham os estudos dos filhos e cobram apenas superficialmente uma maior dedicação.
- Observa-se que poucos alunos admitiram que só estudam quando da véspera de prova, e a maioria é da escola A.
- Nota-se também que os alunos da escola B estudam mais em casa também porque são mais novos, portanto ainda atendem muito bem aos pais. Já os alunos da escola A são mais velhos e portanto se sentem mais seguros com relação aos conteúdos e às avaliações.
- Cabe aqui uma observação: os alunos da escola B têm um maior aproveitamento em termos de conteúdo que os alunos da escola A, na minha opinião isto é reflexo do número de horas dedicadas ao estudo em casa.

26. Além do colégio pratica alguma dessas atividades?

- a) Línguas
- b) Esportes
- c) Teatro
- d) Outros
- e) Nenhuma

RESPOSTA	ALUNOS (%)	
	Escola Pública	Escola Privada
Línguas	3,0	32,0
Esportes	43,0	52,0
Teatro	2,0	4,0
Outros	16,0	7,0
Nenhuma	36,0	5,0
TOTAL	100,0	100,0



- Observa-se que os alunos em sua grande maioria, tanto da escola A quanto da escola B praticam outras atividades no contra-turno. Isto mostra que os alunos tem potencial para muito mais, portanto a escola pode e deve ajudar e incentivar estas outras atividades, pois faz com que o aluno se sinta mais feliz e útil.

8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

Que amante quereria aposentar o seu corpo depois de 25 anos de experiência de amor?

O amor e a paixão não anseiam pela aposentadoria, porque são eternamente jovens.

Rubem Alves (1984, p.20)

Como relatamos, os novos recursos de informação, quando incorporados na sala de aula, normalmente vem com uma perspectiva instrumental, como apenas mais um recurso didático-pedagógico.

E não se pode continuar a pensar que isto é a garantia de uma nova educação. O decisivo já não é mais somente o ar respirável, a boa água, o solo e o ar sempre limpos, mas principalmente a inteligência para criar e usufruir o sentido de todos os sentidos.

Vimos que esta incorporação esta se dando simplesmente como a introdução de elementos modernos em velhas práticas educativas. Precisamos de uma integração mais efetiva entre educação, comunicação e informática e isso só se dará se estes instrumentos estiverem presentes como fundamento desta nova educação. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta, de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses das classes dominantes.

Desta forma, a escola estará presente e será participante na construção da nova sociedade e não permanecerá, ou como uma resistência aos velhos valores em declínio ou, talvez o pior, como mera espectadora acrítica dos novos valores em ascensão.

Devemos evitar considerar o computador como máquina diabólica que tudo faz, nunca erra. O computador deverá agir como tecnologia alternativa, desde que seja considerado como alternativa importante, mas não a única, ou a melhor de todas.

O computador não é recurso absoluto e muito menos a solução para todos os problemas pedagógicos. Ele deve ter um lugar na sala de aula e seu uso deve ser estimulado nos limites aconselháveis ou imprescindíveis. Nunca além.

Os professores terão de assumir seu novo papel, de condutores do aprendizado, e nessa condição não terão nada a temer, pois serão insubstituíveis. Quando a criança experimenta caminhos para buscar a informação de que precisa, ou testa alternativas para resolver problemas, são eles quem deverão propor mudanças no projeto que o aluno escolheu, adequar a tarefa ao nível da criança, explorar e elaborar os conteúdos embutidos nas atividades.

Para isso a figura principal nas salas de aula do futuro, não deve ser um informático que auxilia as crianças nas operações. mas um educador com formação na disciplina que está sendo dada, e familiaridade com a informática.

O projeto de implantação da informática vai colocar a escola envolvida em contato com o estado da arte em tecnologia de informática, sempre na perspectiva de uma educação comprometida com a qualidade.

O processo de informatização, irá formar um círculo que jamais termina, pois a cada dia surgem novas tecnologias e softwares no mercado, além das mudanças sociais que sempre deverão estar presentes na hora de se repensar no processo.

O sistema computacional, portanto, tem sido, tema obrigatório de interesse para muitas autoridades educacionais e professores que desejam introduzi-lo de modo sistemático, em oposição a grande maioria das práticas dirigidas para a ação, sem planejamento prévio.

Isto significa que a integração do computador as nossas vidas deveria obedecer a propósitos válidos originados em necessidades avaliadas com base em nossa realidade latino-americana, que abrange amplo significados associados a nossa história, sociedade e política.

Este processo é de realização viável através de um planejamento global do qual participe ampla sucessão de professores de disciplinas diferentes. Portanto, o enfoque sistêmico para a introdução e o desenvolvimento do sistema computacional na educação deve ser fruto de um esforço interdisciplinar, onde professores devem trabalhar integrados a outros profissionais, tais como: psicólogos, engenheiros e programadores, que devem, também, se converter em educadores eficientes.

Deste modo, é possível obter mudanças substantivas e qualitativas nas pessoas, que poderão, efetivamente, ajudar a sua integração na sociedade, com o fim de tornar, mais aprazível a vida, mais humana e, por fim atingir um pleno desenvolvimento pessoal.

8.1 Sugestões para Trabalhos Futuros

Recomendamos que este trabalho não encerre aqui, que as pesquisas nesta área continuem com mais intensidade e com a devida valorização e comprometimento dos órgãos competentes e pessoas envolvidas.

Sugerimos que novos trabalhos de estudo das potencialidades e das implicações da utilização da informática no ensino apareçam com o objetivo de levar a campo o que aqui foi colocado e avaliar os resultados da utilização de computadores na sala de aula.

Que se desenvolva novos *softwares* educativos e se prepare materiais de caráter curricular para utilização de professores e alunos.

Enfim, que a informática passe a fazer parte do dia-a-dia escolar como um importante instrumento de apoio psico-didático-pedagógico e possa proporcionar a todos um futuro brilhante.

Com isso, poderemos modificar o quadro que norteia as diferenças entre as escolas particulares e escolas públicas, possibilitando maior acesso aos alunos da rede pública às Universidades gratuitas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7.ed. São Paulo, Cortez, 1984. V.1. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). In: KIERKEGAARD. Berlim: [s.ed.], [s.d.]. p.107.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984. V.9. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)
- ANTUNES, Celso. **A teoria das inteligências libertadoras**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: novas estratégias**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- AUTORES ASSOCIADOS. **TV, uma escola de que?** São Paulo: Art Press, 1993. In: Journal Le Point - Paris, 1986.
- AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. 5.ed. São Paulo: USP, 1984.
- BOLZAN, Regina de F. F. de Andrade. **O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional**, , 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <http://www.eps.ufsc.br/disserta98/regina/index.htm>. Acesso em 07.01.2002.
- CAMPOS, Abel de Oliveira et al. **TV uma "escola", mas de quê?** São Paulo: Artpress, 1993. Comissão de estudos de o amanhã de nossos filhos. (Coleção tudo sobre a TV, Fascículo 1).
- CAPELATO, Maria H.; PRADO Maria L. **O bravo matutino: Imprensa e Ideologia no jornal O Estado de São Paulo**). São Paulo: Alfa-Omega, 1980. (Coleção Política, v. 1).
- CHAVES, Eduardo C.; Setzer, Valdemar W. **O uso de computadores na escola: fundamentos e críticas**. São Paulo: Scipione, 1988.
- DELORS, Jacques et al.. **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília: MEC; UNESCO e Cortez, 1998. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI).
- DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DIZERD JR., Wilson. **A nova mídia**: comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Marisa D. Cioppo. **Célestin freinet**: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FERREIRA, Maria Cristina. **Manual para a apresentação de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Faculdade Católica de Administração e Economia, 2000.

FERREIRO, Emília et al. **Piaget-Vygotski**: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1998.

FERRETI, Celso João (Org.) et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Ciência da cognição**. 1.ed. Florianópolis: Insular, 2001.

FLEURY, Afonso Carlos Correa; VARGAS, Nilton. **Organização do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1988.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e terra, 1999b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FRÓES, Jorge. **Educação e tecnologia**: o desafio de nosso tempo. Disponível em: <http://www.divertire.com.br/artigos/froes1.htm>: Acesso 13.12.2001.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

GARDNER, Howard. **Estrutura da mente**. New York: Basic Books, 1993.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GATES, Bill. **A estrada do futuro**: a educação o melhor investimento. New York: Set, 1995.

GENTILI, Pablo A; SILVA, Tomaz T. **As estratégias neoconservadoras em educação**: uma análise crítica. Madrid: Visor, 1990. Cap. 4.

GIGLIO, Zula Garcia. Et al. **Televisão e criança**: um binômio incompatível. Campinas: Unicamp, 1993. (Núcleo de Estudos psicológicos).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOTTMAN, John. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. São Paulo: Objetiva, 1997.

HILST, Vera L. Scortecci. **A tecnologia necessária**. 1.ed. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta K.; DANTAS Heloisa. **Piaget, Vygotsky, Wallon - teorias psicogenéticas em discussão**. 10.ed. São Paulo: Summus, 1992.

LASTRE, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Ciências e tecnologias - aspecto social**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Profissão professor ou adeus professores?. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 fev. 1997. Caderno 2, p.3.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, M.; André, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, José Luís Brandão da. **Jean Piaget e o sujeito do conhecimento**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1998.

MAGALDI, Silvia. **Educação, escola e mídia: a imprescindível aliança**. São Paulo: FDE, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINS, Alejandro et al. A transformação do ensino através do uso da tecnologia na educação. In: XIX Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação, 1999, Rio de Janeiro: **Anais...** Rio de Janeiro: PUC, 1999.

MENDES, Judas Tadeu Grassi PhD. O Brasil e a escola moderna: desafios e oportunidades. **Revista da Universidade do Professor**, Curitiba, 1999.

MENESES, João Gualberto de Carvalho. Educação e cultura constituição brasileira. **Revista de Estudos Pedagógicos**, Brasília, 65 (151): set. dez. 1984. p.674.

MERCADANTE, Aloisio. Globalização e subdesenvolvimento. Lições Contemporâneas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06.04.97. Caderno 2, p.4.

MIZUKAMI, Maria das G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, M. C. Informática educativa no Brasil: uma história vivida e várias lições aprendidas. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, São Paulo, n.1, p.23-69, 1997.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação**: relatos e experiências. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORAN, José Manuel. **Desafios da internet para o professor**. Disponível <<http://eca.usp.br/prof/textos.htm>.> Acesso em: 12.06.2001.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1995

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**. Disponível em <<http://eca.usp.br/prof/moran/textos.htm> Acesso em:13.01.2002.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Paulinas, 1996.

NEMI, Ana L. L.; MARTINS, João C. **Didática de história** - o tempo vivido: uma outra história? São Paulo: FTD, 1996.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da criatividade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

OLIVEIRA, Ramon. **Informática educativa**. 3.ed. Campinas: Editora Papyrus, 1992. (Coleção magistério: formação e trabalhos pedagógicos).

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. São Paulo, Brasiliense, 1996.

PARO, Victor. **Escola e formação profissional**. São Paulo: Cultrix, 1979.

PETEROSI, Helena Gemignani. **Educação e mercado de trabalho**. São Paulo: Loyola, 1980.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

PIAGET, Jean. **Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns**. Lisboa: Bertrand, 1973.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 17.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

- PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do ensino de 2.º Grau**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- RIBEIRO, Maria L. S. **História da educação brasileira**. 14.ed. Capinas: Autores Associados, 1995.
- RIOS, Terezinha. **Ética e competência**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época).
- ROMANELLI, Otaysa de Oliveira. **História e educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- RUFO, Marcel. **Les stress à l'école et l'excès de télévision**. Centre de Recherche et Documentation Thérapeutique. Paris: Vie et santé, 1991.
- SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SANTOS, Anamelea de C. P. Luiz dos. **Tecnologia e ensino: céticos ou cientistas? Por uma visão pró-ativa**. Disponível em: <<http://www.divertire.com.br/artigos/anamelea1.htm>>. Acesso em: 22.05.2001.
- SANTOS, Rafael José dos. O itinerário da modernidade. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba: UFPR, p.128, 1994.
- SCHANK, R. C. **Dynamic memory, a theory of reminding and learning in computers and people**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SILVA, Carlos E. Lins da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- SOARES, Mariza de C; FERREIRA, Jorge. **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOUZA, Paulo Renato. TV Escola: construindo um caso de sucesso. **Tendências e Debates. Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02.03.1997. Caderno 2, p.4.
- SPLITTER, Laurence J.; SHARP Ann M. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- STOUT, Rick. **Dominando a internet**. São Paulo: MacGraw-Hill, 1995.
- STRASBURGER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia - impacto psicológico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- TOFLER, Alvin. **A terceira onda**. 21.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TRIVIÑOS, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VILLA, Fernando Gil. **A Crise do professorado: uma análise crítica.** Campinas: Papyrus, 1998.

WERNWCK, Hamilton. **Como vencer da vida sendo professor: depende de você!.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

**APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA E PARTICULAR**

- 1. Tem computador em casa?**
 - a) Sim
 - b) Não

- 2. Seu colégio oferece aulas de informática?**
 - a) Sim
 - b) Não

- 3. Faz curso de informática fora do colégio?**
 - a) Sim
 - b) Não

- 4. Costuma fazer pesquisas escolares no computador**
 - a) Sim
 - b) Não

- 5. Quantos dias por semana utiliza o computador?**
 - a) 1 dia
 - b) 2 dias
 - c) 3 dias
 - d) 4 dias
 - e) 5 dias
 - f) 6 dias
 - g) 7 dias
 - h) Nenhum dia

- 6. Quantas horas por dia utiliza o computador?**
 - a) Mais de 1 hora
 - b) Menos de 1 hora

- 7. Acessa constantemente a Internet?**
 - a) Sim
 - b) Não

8. Nome do Site preferido para pesquisas:

- a) Cadê
- b) Uol
- c) Yahoo
- d) Google
- e) Altavista
- f) www.bibliotecaestadual.gov.br

9. Recebe jornais em casa?

- a) Sim
- b) Não

10. Se recebe, quais jornais?

- a) Gazeta do Povo
- b) O Estado do Paraná
- c) Tribuna do Paraná
- d) Primeira Hora
- e) Diário Popular
- f) Folha de S. Paulo
- g) O Estado de São Paulo
- h) Valor Econômico
- i) Folha do Paraná
- j) Gazeta Mercantil
- k) Trovão Azul

11. Você lê jornal diariamente?

- a) Sim
- b) Não

12. Se lê, qual a sua sessão preferida do jornal?

- a) Esportes
- b) Resumo de novelas
- c) Horóscopo
- d) Carros
- e) Cinema

- f) "Viver Bem"
- g) Caderno G
- h) Tudo

13. Recebe revistas regularmente em casa?

- a) Sim
- b) Não

14. Se recebe, qual (is) revista (s)?

- a) Veja
- b) Superinteressante
- c) Capricho
- d) Claudia
- e) IstoÉ
- f) Atrevida
- g) Caras
- h) Quatro Rodas
- i) Galileu

15. Possui televisão?

- a) Sim
- b) Não

16. Quantas horas por dia costuma assistir televisão?

- a) 1 hora
- b) 2 horas
- c) 3 horas
- d) Mais de 3 horas

17. Qual o tipo de programa mais assistido em casa?

- a) Noticiários
- b) Novelas
- c) Filmes
- d) Esportivos
- e) Miniséries
- f) Desenhos

18. Qual o canal que é mais assistido?

- a) Globo
- b) SBT
- c) MTV
- d) HBO
- e) Bandeirante
- f) Record

19. Qual o seu programa preferido?

- a) Malhação
- b) Desenhos
- c) Globo Esporte
- d) Filmes
- f) Show do Milhão
- g) Outros

20. Tem TV a cabo em casa?

- a) Sim
- b) Não

21. Até que horas tem permissão para assistir TV

- a) até a hora que quiser
- b) até as 22 hs
- c) até as 23 hs
- d) até as 24 hs

22. Lê aproximadamente, quantos livros por ano?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) Mais de 4
- f) Não lê

23. Quanto aos livros que lê:

- a) Compra-os
- b) Empréstimo de um amigo
- c) Empréstimo da biblioteca do colégio

24. Número de horas diárias passadas no colégio:

- a) 4,30 hs
- b) 5 hs
- c) 5,30 hs
- d) 11 hs

25. Número de horas diárias de estudo em casa:

- a) 1 hora
- b) 2 horas
- c) 3 horas
- d) Mais de 3 horas
- e) Só quando tem prova
- f) Nenhuma

26. Além do colégio, pratica alguma dessas atividades?

- a) Línguas
- b) Esportes
- c) Teatro
- d) Outros
- e) Nenhuma

ANEXO 1 - RECORTES DE JORNAIS PERTINENTES A PESQUISA EM PAUTA

Educação

AS LIÇÕES DA NOTA 100

O Provão deste ano mostra que os professores estão mais qualificados e as faculdades melhoraram. Um aluno até conseguiu acertar todas as questões

Luis Henrique Amaral

O Exame Nacional de Cursos, aquela rodada de testes a que se submetem os universitários formandos, mais conhecido como Provão, foi criado em 1996 sob uma chuva de esperanças. Sindicatos de professores e grupos de reitores, quase todos ligados às universidades estaduais, alegavam que o Provão não se sustentava do ponto de vista pedagógico. E por quê? Pelo seguinte, diziam: em vez de submeter as universidades brasileiras ao tal exame (sim!), o ministro da Educação deveria combater a "mercantilização do ensino" representada pelo avanço das faculdades privadas (claro!), além de aumentar o salário dos professores (óbvio!!!). Apoiando a reação descaradamente corporativa e tentando boicotar o teste, a União Nacional dos Estudantes e outras associações do alunato promoveram arruaças. Num primeiro momento, turmas inteiras de estudantes entregaram a prova em branco. Com o passar dos anos, o protesto perdeu o viço e as escolas se adaptaram à nova realidade. As faculdades bem avaliadas começaram a propagandear o feito. Quanto às mal avaliadas, a esmagadora maioria investiu em modernização. Ficou demonstrado que o Provão se tornou uma das mais expressivas ações pedagógicas no campo do ensino superior. "A simples aferição de desempenho produz melhoria no sistema", afirma o ministro Paulo Renato Souza, que na semana passada anunciou os resultados da sexta edição do Provão.

Markus Rebmann: única nota máxima entre os 271 000 alunos avaliados



O teste avaliou neste ano 271 421 alunos espalhados por 3 701 cursos em vinte áreas. Cada estudante recebeu uma prova específica para o curso no qual se estava formando. Com base nos resultados, o ministério consegue medir o desempenho de cada faculdade, que recebeu notas de E, a mais baixa, a A, a mais alta. A divulgação do sexto exame confirma o raciocínio de que a avaliação produz melhorias. O Provão aponta um aumento no número de faculdades com notas mais altas, e as médias obtidas pelos alunos nas provas subiram. Pela primeira vez, um universitário acertou todas as questões do Provão. O feito coube a Markus Samuel Rebmann, de 23 anos, estudante de engenharia civil da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, um alemão filho de missionários batistas que está no Brasil desde os 6 anos. No ano passado, quando esse levantamento sobre o desempenho individual dos alunos passou a ser feito, ninguém atingiu esse índice de acertos. "Quanto mais posi-

tivo é o resultado, maior é a auto-estima dos alunos e isso facilita a entrada no mercado de trabalho", diz o reitor da Universidade de Mogi das Cruzes (SP), Isaac Roitman, que vê o Provão como peça fundamental no marketing das faculdades pagas.

Os diretores dos cursos avaliados pelo Provão também tiveram de responder a um questionário formulado pelo MEC. Um dos resultados obtidos informa que o nível dos professores vem melhorando nos últimos anos. Em 1997, apenas 48% dos professores dos cursos de odontologia tinham título de mestres ou doutores.

Em 2001, esse número subiu para 63%. O mesmo índice cresceu nas treze carreiras que participaram de três ou mais edições do exame. A Universidade Paulista, de propriedade de João Carlos Di Genio, é um exemplo de que o Provão está ajudando as escolas a melhorar seus cursos. Depois de dois conceitos negativos em engenharia química, em 1997 e 1998, Di Genio decidiu suspender o curso, que, com a

troca do corpo docente e da direção, será reaberto no ano que vem. E quem não se adaptou foi punido. Pela primeira vez na história do país, doze cursos perderam seu reconhecimento e não poderão promover vestibular até provar que melhoraram. Se a situação não mudar em um ano, fecham. "O Provão está fazendo todo mundo se mexer", afirma o presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, Édson Franco.

O Provão tem a indiscutível virtude de dar respostas exatas a denúncias vagas a respeito da gestão do ensino superior. Uma acusação freqüente dizia que o ministério estaria produzindo uma queda na qualidade acadêmica nacional ao autorizar o funcionamento indiscriminado de cursos. Não é o que mostram os dados. Na carreira de direito, em que essa crítica é mais comum, os alunos das faculdades criadas após o surgimento do Provão estão obtendo resultados melhores que aqueles que estudaram em instituições mais antigas. O percentual de estudantes com notas A ou B formados nas escolas pós-Provão é de 37,2%, contra 32,8% dos diplomados nas mais antigas. No caso de administração, a situação é de empate. "Os cursos criados recentemente já nascem no espírito da avaliação", diz Tancredo Maia Filho, diretor de Avaliação e Acesso ao Ensino Superior do MEC.

Encerrada a polêmica em torno da utilidade do Provão, o ministro Paulo Renato mostrou durante o anúncio dos resultados que pretende envolver-se numa nova discussão. Ele quer obrigar as faculdades a colocar o resultado do Provão no currículo escolar dos alunos. Essa proposta havia sido apresentada em 1995, quando o Congresso votou a lei que criou o exame, mas foi derrubada por pressão das entidades estudantis. Se o projeto vingar, o desempenho do estudante no teste não irá apenas ser utilizado como um dado para calcular a nota da faculdade que ele frequenta. Caso a ideia do governo seja aceita, os alunos terão de zelar por sua nota individual no Provão.

As faculdades que se tiram A

O Provão começou em 1996 avaliando três carreiras: administração, direito e engenharia civil. Em 1997 foram acrescentados os cursos de engenharia química, veterinária e odontologia. Das 1019 faculdades em funcionamento nessas áreas, desde 1997, apenas quarenta receberam nota máxima no exame por cinco anos consecutivos. Eis a lista, apresentada em ordem alfabética

♦ PARTICULAR ♦ PÚBLICA

ADMINISTRAÇÃO

- ♦ Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (SP)
- ♦ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RJ)
- ♦ Universidade de Pernambuco (PE)
- ♦ Escola Superior de Propaganda e Marketing (SP)
- ♦ Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto (SP)
- ♦ Faculdade de Administração - Fundação Armando Álvares Penteado (SP)
- ♦ Universidade de São Paulo - São Paulo (SP)
- ♦ Faculdade Ruy Barbosa de Administração (BA)
- ♦ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ)
- ♦ Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (SC)
- ♦ Universidade Federal de Pernambuco (PE)
- ♦ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Betim (MG)
- ♦ Universidade Federal de Santa Maria (RS)
- ♦ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (SP)
- ♦ Universidade Federal de Uberlândia (MG)
- ♦ Universidade Federal do Paraná (PR)
- ♦ Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ)

DIREITO

- ♦ Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro (PR)
- ♦ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp - Franca (SP)
- ♦ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (SP)
- ♦ Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)
- ♦ Universidade de Brasília (DF)
- ♦ Universidade Federal de Viçosa (MG)
- ♦ Universidade de São Paulo (SP)
- ♦ Universidade Federal do Paraná (PR)
- ♦ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ)
- ♦ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS)
- ♦ Universidade Estadual de Londrina (PR)

ENGENHARIA CIVIL

- ♦ Instituto Militar de Engenharia (RJ)
- ♦ Universidade de São Paulo - São Paulo (SP)
- ♦ Instituto Tecnológico de Aeronáutica - São José dos Campos (SP)
- ♦ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS)
- ♦ Universidade de São Paulo - São Carlos (SP)
- ♦ Universidade Federal Fluminense - Niterói (RJ)

ENGENHARIA QUÍMICA

- ♦ Instituto Militar de Engenharia (RJ)
- ♦ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RJ)

VETERINÁRIA

- ♦ Universidade de São Paulo (SP)
- ♦ Universidade Estadual de Londrina (PR)

ODONTOLOGIA

- ♦ Universidade de Brasília (DF)
- ♦ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MS)

Fonte: Ministério da Educação e Pesquisas Educacionais - MEC

EDUCAÇÃO Pesquisa mostra que maioria não realiza com filhos o que julga relevante; pesquisadores citam incoerência

Pais não ensinam o que acham importante

ANTÔNIO GOIS
DA REPORTAGEM LOCAL

Faz o que eu digo não faça o que eu faço. Esse clichê, dos mais antigos e populares, traduz muito do que, ainda hoje, acontece nas relações entre pais e filhos.

Uma pesquisa divulgada em janeiro pelo Search Institute e pelo Lutheran Brotherhood Institute — organizações que estudam a relação de pais e filhos, com sede na cidade de Minneapolis (EUA) — com 1.425 pais norte-americanos mostrou que, de um conjunto de 19 valores morais apresentados, 9 deles foram considerados importantes por mais de 70% dos entrevistados.

Os mesmos pais, no entanto, admitiram que não realizam com seus filhos a maioria das ações que eles consideraram importantes (veja quadro nesta página). Apenas duas ações eram colocadas em prática por mais de 60% dos pais: cobrar respeito pelos adultos e sucesso escolar.

Além disso, tais como ensinar respeito por diferenças culturais e ter diálogos sinceros sobre temas que ajudem no relacionamento familiar, não eram praticadas pela maioria dos pais.

Ao comentar a pesquisa em seu artigo semanal na Folha o psicanalista Contardo Calligaris argumentou que "a relação dos adultos com jovens e crianças é marcada pela inconsistência. Os com-

portamentos não correspondem às proclamações".

Para psicanalistas e professores ouvidos pela Folha, os pais brasileiros cometem os mesmos erros que os americanos na hora de educar os filhos, com um agravante: aqui, há o medo de, ao tentar ensinar o filho a ser honesto, não prepará-lo para vencer numa sociedade onde, na visão de muitos, a honestidade não ajuda a ser bem-sucedido.

"Os pais sempre querem e desejam que o filho seja um vencedor. No entanto ser vencedor nessa sociedade é optar pela lei da selva, é pisar no outro, como o próprio pai, muitas vezes, fez. Isso cria uma contradição entre o que ele deseja e o que ele ensina", afirma Madalena Ramos, coordenadora do núcleo de Educação da Família da PUC-SP e autora do livro "E Agora, O Que Fazer? - A Difícil Arte de Criar os Filhos".

Além do medo, Madalena cita também a incoerência entre a fala e o gesto na hora de passar valores morais.

"O pai pode falar para o filho que é preciso respeitar os outros. Mas, se chega em casa e começa a contar vantagens que teve sobre outras pessoas, é essa atitude que ele estará passando", afirma a psicanalista.

Ela conclui: "É assim que se criam gerações onde o respeito pelo outro é desprezível. Quem respeita o outro não é visto como

VALORES DOS PAIS NORTE-AMERICANOS

A distância entre a teoria e a prática

1.425

pais norte-americanos foram ouvidos

Os pesquisadores consideraram como ações aceitas pelos pais aquelas que tiveram mais de 70% de concordância

Acham importante
 Fazem

Ações

Ações	Acham importante (%)	Fazem (%)
Estimular o filho nos estudos	69%	90%
Estabelecer regras e limites	42%	84%
Ensinar valores como honestidade, responsabilidade e igualdade	45%	80%
Ensinar respeito às diferenças culturais	36%	77%
Ajudar os filhos a avaliar as consequências de suas decisões	41%	76%
Ter conversas sobre temas importantes	34%	75%
Dar orientação financeira	36%	75%
Discutir valores pessoais	37%	73%
Esperar respeito pelos adultos	68%	67%
Relatar bons exemplos	22%	65%

Foto: Lutheran Brotherhood and Search Institute (www.search-institute.org/normal). Data: A margem de erro da pesquisa é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos



Editoria de Arte/Folha Imagem

guiados. Quem estudava tinha praticamente uma posição social assegurada. Hoje, mesmo quem estuda não tem garantia de emprego. Os pais estão bastante perdidos nas direções a dar", afirma Miriam.

Além da insegurança, os especialistas apontam a falta de consciência de que o gesto ensina mais do que o discurso como outro ponto a ser corrigido no relacionamento familiar.

"A criança aprende muito mais com a ação do que com o que o pai fala. Se ele diz que é preciso respeitar as normas e os colegas da escola, mas, no caminho, ultrapassa sinais vermelhos e sai xingando quem está nos outros carros, o filho estará aprendendo muito mais com esse gesto do que com o que é dito", exemplifica Madalena Ramos.

A transmissão de valores que não se quer passar acontece mesmo quando a mãe, por exemplo, acha que está agindo de forma correta.

A psicóloga Oriana Monzera White, diretora da CPM Market Research, uma empresa que pesquisa o comportamento de crianças e jovens no Brasil, cita um exemplo desse tipo de postura: "A mãe pode falar muito que o filho precisa ser independente, mas estará mostrando o contrário se, por exemplo, estiver sempre levantando para pegar água para o filho".

dita na tese de que este país não tem jeito e de que todos são desonestos passará, conscientemente ou não, essa imagem aos alunos. Tento sempre mostrar que não se pode generalizar", diz.

Para a psicanalista da USP e PUC-SP Miriam Debieux, a insegurança dos pais hoje pode ser explicada, em parte, pelas mudanças no mercado de trabalho.

"Nas gerações passadas, você tinha princípios claros a serem se-

medo inconsciente de que os filhos sejam perdedores numa sociedade que considera falida nos seus valores principais", diz.

Essa concepção não é exclusiva dos pais. Tânia, que é professora da Faculdade de Educação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), afirma que uma de suas preocupações em sala de aula é trabalhar a imagem do país com seus alunos.

"Um futuro professor que acre-

algum esperto".

Para a filósofa Tânia Zagury, autora de livros sobre o relacionamento entre pais e filhos como "Educar sem Culpa", os pais da atualidade estão inseguros para orientar os filhos a serem pessoas honestas.

"Há uma dúvida na hora de passar valores como ser honesto, solidário, cooperativo ou não fazer com os outros o que não quer que se faça com eles. Os pais têm um

Filhos percebem incoerências

DA REPORTAGEM LOCAL

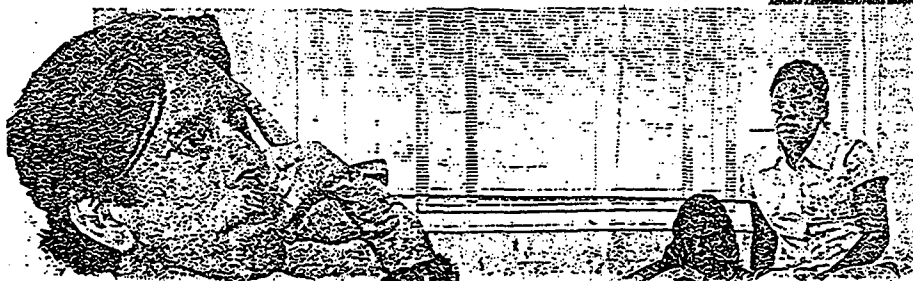
Aline Marturani tem apenas 7 anos, mas já percebe algumas incoerências sutis dos pais. "Ela gosta de ver alguns programas na TV que eu não gosto. Certa vez, chamei a atenção dela dizendo que ela não poderia ficar vendo aquelas 'porcarias'", conta o diretor de cinema e vídeo André Marturani, 37, pai de Aline.

Marturani conta que se sentiu

ra ela que é feio falar palavrão", lembra.

A solução encontrada foi criar uma espécie de pacto com Aline. "Hoje, se ela me pega falando um palavrão, fiz um gesto como se eu precisasse lavar minha boca com sabão", diz.

Paulo Veloso, 47, é também um pai que se preocupa com seus gestos. Ele, por exemplo, não fuma na frente das duas filhas, Júlia, 16, e Alice, 14. "Vou para a cozinha e



Adriana Zebrowski/Folha Imagem

Estação Educação

A StarMedia (www.starmedia.com.br) está lançando um novo site para atrair a audiência de estudantes, educadores e pais que procuram informações relacionadas à temática da educação na Internet: Estação Educação (www.starmedia.com/estacaoeducacao). Criado especialmente para integrar a comunidade StarMedia, Estação Educação traz conteúdo educacional, do jardim de infância à pós-graduação, incluindo atividades interativas, como conferências, entrevistas e gincanas educativas, softwares e vasta informação sobre intercâmbios, instituições de ensino, cursos em geral e outras áreas de interesse.

Elaborado por especialistas, pedagogos e professores, o site tem a proposta de ser uma comunidade educacional que disponibiliza na Web conteúdos e recursos para debater questões relacionadas à educação, bem como desenvolver novos projetos sobre temas variados através da participação interativa dos usuários. As escolas interessadas podem se cadastrar na Estação Educação para apresentarem suas propostas e atividades educacionais, infor-

mações sobre cursos e outros temas de interesse da comunidade educacional.

"Este é mais um site que vem integrar o espírito de comunidade que a StarMedia oferece ao usuário da Internet. Nele, disponibilizamos aos que navegam na rede com fins educacionais uma série de ferramentas para estudar, fazer pesquisas, sugerir e criar novos projetos conhecendo novas pessoas e encontrando internautas com interesses comuns", diz Índio Brasileiro Guerra Neto, diretor geral da StarMedia.

Canais e projetos

Fonte de consulta para escolas que desejam utilizar a Internet como apoio didático, a Estação Educação apresenta uma diversidade de canais que auxiliam na condução de projetos especiais através da criação de sites com o conteúdo do material desenvolvido. Através da interatividade com o site, alunos e professores trocam conhecimentos e reúnem dados sobre temas diversos.

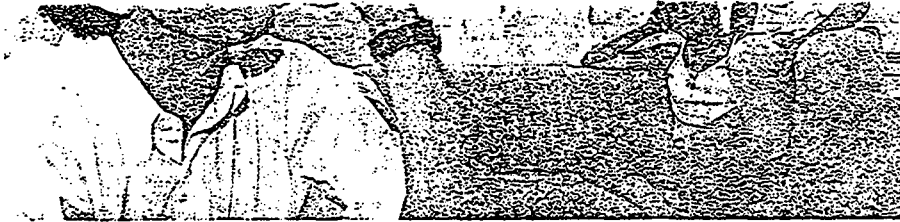
Um canal muito divertido é o Dicas do Pachecão, reservado

ao professor José Inácio da Silva Pereira, o Pachecão, que ensina as difíceis fórmulas de Física através de letras de música bem-humoradas. Semanalmente, o canal publica quatro novas dicas. O canal Agenda, por sua vez, traz a programação dos principais eventos nacionais e internacionais de interesse de estudantes e professores. Há, também, Mural, que reúne avisos, acontecimentos e notícias voltados para este mesmo público; Dicas do Dia, apresentando datas comemorativas, dados históricos e eventos do dia; e Atalhos, com links interessantes para sites voltados à educação em várias áreas, como Arte e Cultura, Bibliotecas, Biologia, Dicionários, Física, Geografia, História, Literatura e Livrarias. Já no canal Artigos e Matérias o internauta encontra entrevistas e textos sobre assuntos relativos à educação. O canal Instituições apresenta informações sobre faculdades e universidades, cursos de graduação e pós-graduação, inscrições e provas vestibulares. E o Mideateca apresenta uma lista de softwares educativos e está se preparando

do para apresentar livros e material didático.

A Estação Educação apresenta, também, uma série de projetos dirigidos aos estudantes, pais e educadores. Entre os projetos em andamento, dois merecem destaque – o Projeto III Milênio, dirigido a alunos de 7ª e 8ª séries de várias regiões brasileiras e outros países, que analisam as perspectivas para o terceiro milênio em diversas áreas, como meio ambiente, trabalho ética e cidadania; e o Projeto Diga Não, voltado para alunos de ensino fundamental e médio com a proposta de despertar a consciência dos jovens para a realidade, lutando contra as drogas, a violência e o abuso infantil.

Há ainda Projetos Educacionais interdisciplinares abrangendo temas variados, como artes, ciências e literatura, entre outras sugestões de projetos a serem realizados pelas escolas. Entre os projetos já propostos, alguns estão ligados à Internet, como Aprendendo Ciências pela Internet, Aprendendo Geografia pela Internet, Aprendendo História pela Internet e Aprendendo Língua Portuguesa pela



Paulo Velloso com as filhas Alice, 14 (sobre o braço do sofá), e Júlia, 16; separado, ele conta que evita fumar na frente das garotas

tor de cinema e Vitor André Martirani, 37, pai de Aline. Martirani conta que se sentiu numa "sua justa" quando a filha retrucou: "Você assiste futebol e eu também acho porcária." Ele afirma que, para resolver esse tipo de conflito, tenta sempre argumentar com a filha. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando Aline começou a falar palavrão. "Percebi que ela estava pegando um vício meu e de minha mulher, apesar de a gente sempre falar pa-

los, não, por exemplo, não fuma na frente das duas filhas, Júlia, 16, e Alice, 14. "Vou para a cozinha e acendo um cigarro. Não chega e ser nada escondido, mas prefiro me controlar", conta. Velloso, que é pai separado, conta que não se preocupa em ser, 24 horas por dia, um modelo. "Ele faz as coisas naturalmente. Às vezes, chega a ser certinho demais. Não ultrapassa sinal vermelho, não fura fila e reclama com quem está errado", conta Alice.

Edição de Ana Tólia Imagem

Busca da perfeição também atrapalha

DA REPORTAGEM LOCAL

Não mentir, respeitar as leis, ser solidário, não ser injusto com os outros... Todas essas atitudes, quando postas em prática, ensinam aos filhos valores a serem seguidos. Especialistas alertam, no entanto, para o risco de exagero e de cobrança excessiva por parte dos pais.

"Ser bom pai não tem nada a ver com ser herói. Quem tenta passar essa imagem está impondo uma exigência enorme aos filhos", diz Madalena Ramos, da PUC-SP.

Miriam Debitux, da USP, sugere que o pai converse com o filho sempre que "for pelo" agindo de maneira diferente da que ensina.

"Se você avança um sinal vermelho de madrugada, é fácil explicar para a criança que aquela

atitude faz sentido quando sabemos que a cidade é perigosa naquele horário. O importante é discutir parâmetros e deixar claro para os filhos os critérios de sua escolha", orienta ela.

A filósofa Tania Zagury dá outro exemplo: "Os pais dizem que não se deve mentir, mas, quando derem uma 'mentira social' para um amigo, do tipo 'não quero sair hoje porque estou cansado', podem conversar com os filhos o motivo que os levou a agir daquela maneira."

"Ter a ideia de que para ser pai é preciso ser um modelo de perfeição é não perceber que o mais importante é passar uma experiência de vida, mesmo que seja para que a criança escolha não seguir aquele exemplo", diz Miriam.

Segundo ela, os pais costumam

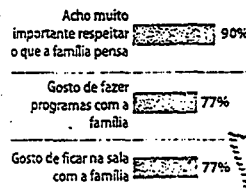
ter medo de utilizar a experiência própria na educação dos filhos. "Eles falam muito das teorias psicológicas e pouco das próprias histórias de vida, sobre como lidaram com as drogas na juventude, por exemplo."

A psicóloga afirma que não se pode desprezar a experiência da família: "A criança precisa se sentir parte de uma história. Se a família é de imigrantes, se foi segregada, se fracassou em alguns pontos... Essas histórias são um precioso instrumento de discussão de valores e atitudes."

Para ela, não é preciso ter medo de expor a criança aos fracassos: "Admitir os fracassos e mostrar como eles trouxeram algum tipo de resultado, positivo ou negativo, ajuda a criança a tomar suas decisões com mais segurança."

VALORES DOS JOVENS BRASILEIROS

Os jovens valorizam a família...
Porcentagem de concordância com as frases



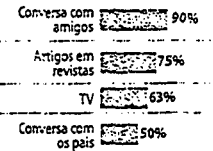
...mas cobram mais atenção dos pais, sem controles

- 68% Vou ser mais atencioso com meus filhos do que meus pais foram comigo
- 67% Os pais deveriam ter mais autoridade
- 66% Minha mãe vive cansada
- 62% Gostaria que meus pais me contatasse menos



Fonte: CPM Centro de Pesquisa Motivacional

Eles conversam pouco com os pais sobre sexo...
Principais fontes de informação



...apesar de considerarem a família a melhor fonte de informação para esse assunto

Fonte mais importante, na sua opinião

- 34% Conversa com os pais
- 25% Amigos
- 11% Livros
- 10% Revistas
- 10% TV

Questão foi abordada por Paulo Freire Escola comete mesmo erro da família

DA REPORTAGEM LOCAL

"Sendo o exemplo e a experiência os fatores mais preponderantes na educação, nós, pais e mestres, educamos mesmo quando não temos nenhuma intenção de educar? Os pais que adotam o 'faça o que eu digo e não faça o que eu faço' terão êxito em suas tentativas para educar?"

Essas perguntas, formuladas pelo educador Paulo Freire em 1955, mostram que a inocência entre a prática e o discurso é uma questão que sempre intrigou quem trabalha com educação.

Elas foram tiradas de um dos primeiros artigos de Paulo Freire sobre organização e participação de pais na escola.

De acordo com o diretor-geral do Instituto Paulo Freire, Moacir

Gadotti, esses questionamentos mostram que a escola também comete, ainda hoje, os mesmos erros dos pais: ensinar na teoria o que não faz na prática.

Ele cita um exemplo: "A gestão democrática é muito propagada e pouco praticada. A escola até ensina valores democráticos, mas não os executa", diz Gadotti.

Ele afirma que o aluno ainda é muito pouco ouvido. Além disso, nem sempre há a participação dos pais, condição fundamental para uma escola democrática.

"O que faz com que as pessoas mudem de atitude e de mentalidade não é a norma, é a vivência. É uma atmosfera que é criada na escola, que depende de diálogo, de escuta, de uma atitude de respeito. Resumindo, é uma construção coletiva, e não uma coisa que

vem de cima", afirma Gadotti.

A incapacidade dos pais de transmitir valores éticos para os filhos muitas vezes os leva a adotar uma solução simplista: transferir essa responsabilidade para a escola.

Na Escola Lourenço Castanho, na Vila Nova Conceição, a diretora, Sílvia Gouveia, afirma que a instituição se viu obrigada a orientar os pais: "A família não está dando conta de seu papel socializador, principalmente numa cidade como São Paulo, onde sobra pouco tempo para os filhos. A escola teve que assumir esse papel".

Ela pondera, no entanto, que os pais não podem se omitir. "Tentamos orientá-los, mesmo quando o assunto não diz respeito aos estudos, mas eles não podem se ausentar completamente."

DA REPORTAGEM LOCAL

O jovem brasileiro não é ingênuo e percebe com clareza a distância entre o discurso e a prática dos pais na hora de construir seus valores éticos.

Essa é uma das conclusões da diretora-geral da CPM Market Research, Oriana Monarca White. A CPM tem uma divisão de pesquisas qualitativas e quantitativas sobre o jovem.

Uma das pesquisas mais recentes foi feita em 1999, com quase 2.000 jovens de 12 a 20 anos em sete capitais. Na pesquisa, eles demonstravam claramente que sentem falta de atenção e de conversa com os pais, mas reclamam de cobranças excessivas.

"Eles sentem falta de atenção dos pais, acham que eles deve-

riam ser mais presentes e até ter mais autoridade", explica Oriana. "Os jovens também reclamam quando, por exemplo, o pai exige que os filhos não comam no carro, mas não deixa, ele mesmo, de dirigir em alta velocidade", afirma.

A falta de diálogo em casa traz consequências graves e imediatas. Outra pesquisa da CPM mostrou que em 58% dos casos de gravidez precoce o motivo apontado foi a falta de orientação dos pais.

Os jovens pouco conversam com os pais sobre sexo, apesar de acreditarem que eles sejam a melhor fonte de informação sobre o assunto.

"Isso mostra que eles querem demais a presença dos pais no papel de amigos deles. E por isso que a maioria afirma que, quando for pai, será mais atencioso do que

seus pais estão sendo", diz.

Nas pesquisas qualitativas com jovens, Oriana percebe também que eles se sentem excessivamente cobrados em coisas pontuais, mas não há tempo para discutir valores como liberdade e direitos ou assuntos como sexo ou drogas. "São discussões de valores e emoções que eles esperam que sejam trabalhadas na família."

Um dos principais "vilões" apontados pelos especialistas para essa falta de diálogo é o tempo. Um exemplo concreto é a visão que os jovens têm da mãe, que, ao entrar no mercado de trabalho, tem cada vez menos tempo para o filho. "Ela é vista como alguém cansada, estressada. Os adolescentes sabem que é um esforço, mas sentem quando ela não está presente."

DRUGA NAS ESCOLAS Alunos pegos com tóxico nos colégios sofrem "transferência compulsória"; método causa polêmica

"Expulsão" é regra na rede particular

SILVIA CORRÊA
AURELIANO BIANCARELLI
DE REPORTAGEM LOCAL

A Escola Vera Cruz — conhecida por seus métodos alternativos de ensino — expulsou há um mês dois alunos que estavam enrolando um cigarro de maconha em uma das quadras do colégio.

Não é uma ação isolada. O porte de maconha já foi motivo de expulsão no Nossa Senhora das Graças — tradicional escola de freiras —, no Santo Américo — colégio de monges — e até na Escola da Vila, outro núcleo alternativo de educação.

No Mackenzie, o motivo foi lanças-perfume. Ninguém usou, mas o aluno levou o frasco à escola.

Nas mais conhecidas instituições particulares de ensino de São Paulo, a regra é alunos pegos portando ou usando drogas devem sair do colégio.

Na última semana, a Folha procurou 20 dessas escolas. Das oito que se dispuseram a expor seus procedimentos, sete confirmaram a norma. A maioria diz já ter aplicado a medida. As outras 12 instituições procuradas não se pronunciaram — quatro delas (Equipe, Santa Cruz, Dante Alighieri e Etapa) não comentam esse assunto.

Os casos nunca são registrados na Delegacia de Ensino — o que, ao pé da letra, descaracteriza a expulsão. São, do ponto de vista formal, "transferências compulsórias". Burocracia à parte, o resultado é a saída imediata da escola.

"A maioria das escolas adota a expulsão de forma grave, sem que o problema seja discutido. É uma atitude de avestruz que ocorre também nas famílias", diz o psiquiatra Dairiu Xavier da Silveira, que dirige um programa de prevenção às drogas (Proad) e atende a algumas escolas.

A opção pela expulsão é polêmica. De um lado, as escolas alegam

que não lhes resta outra saída.

"Levar drogas para a escola é proibido. É tolerância zero. Expulsão. Risco de vida. O aluno deve ter a chance de se readaptar em outro ambiente, mas a escola não deve ter receio de ser clara. O problema da educação hoje é a relativização das regras", diz o diretor Geraldo Gonzalez y Lima, 41, vice-reitor do Colégio Santo Américo.

Do outro lado, médicos, psicólogos, pedagogos e o próprio sindicato das escolas particulares afirmam que, ao expulsar o aluno, a instituição apenas leva as mãos.

"Não se pode confundir expulsão com limites. Expulsar é se livrar do problema de forma covarde. O que deveria ser um momento educativo vira uma punição definitiva", diz a psicóloga Helena Lima, professora da PUC-SP que se dedica a ações de prevenção.

Limite, respeito e papéis

O que está em jogo é avaliar se a medida vai ajudar ou não os alunos. Para isso, porém, não há resposta definitiva. Disciplina é hoje, todos concordam, um assunto controverso e bastante experimental, na qual as balanças oscilam diariamente entre o "laissez-faire" (deixar fazer) e as medidas drásticas de imposição de limites.

"É impossível dizer o que vai dar certo. O que sem dúvida não cabe mais é fingir que nada está acontecendo", diz Ana Luiza Fonseca Martins, orientadora educacional e pedagógica do Colégio Santa Maria, escola de freiras conhecida por ações de vanguarda. No Santa Maria, o aluno é transferido se for pego com drogas.

O psiquiatra Icami Tiba, autor do livro "Anjos Caídos - Como Prevenir e Eliminar as Drogas na Vida do Adolescente", concorda com o Santa Maria na necessidade de discussão — o que não é consenso entre as escolas. Mas discorda da norma da expulsão.

"As atitudes drásticas têm o mé-

rito de fazer com que a verdade seja recolocada. Levar o debate para dentro das escolas é uma forma de torná-lo mais sério. Só assim as expulsões podem dar lugar a projetos de recuperação."

Em defesa das expulsões, os argumentos se repetem: necessidade de impor limites, de manter a autoridade e de permitir que o aluno reconstrua seu papel.

"O aluno precisa recomeçar em outro lugar, porque naquele espaço, naquela escola; ele já adquiriu um rótulo", resume Roseli Fernandes Lins Caldas, 45, psicóloga escolar do Colégio Mackenzie.

"Temos de pensar no coletivo. O aluno ficará engessado em um papel. Passam a esperar dele algumas atitudes, e ele as repete. Temos de convencer os pais da necessidade de reconstrução desse papel em outro lugar", completa Ana Luiza, do Santa Maria.

Transferência de problemas

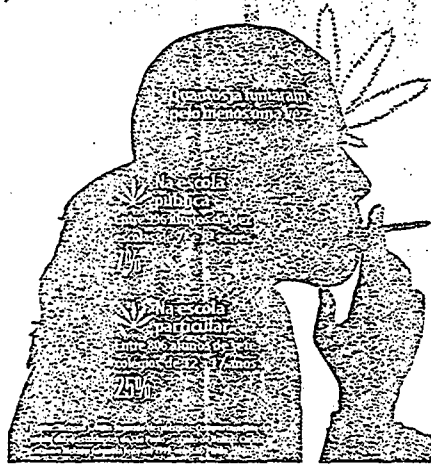
O foco no coletivo, porém, está também na raiz das críticas. "A expulsão pode levar também os demais alunos a esconder os problemas. É um problema embaixo do tapete é um problema fora de controle", diz Dairiu Xavier.

Para a psicóloga do Mackenzie, as escolas estão mais rígidas como resposta à facilidade de acesso às drogas, ao aumento da toxicidade das substâncias e à desestruturação das famílias. Mas a resposta, diz a pedagoga Neide Barbosa Saisi, não é a mais acertada.

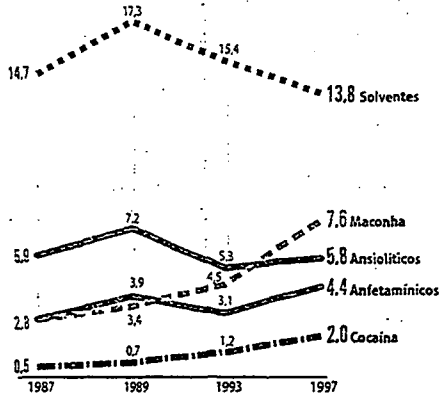
"Claro que a escola deve se modificar com a sociedade. Mas ela não pode só refletir e transferir problemas. Deve atuar sobre eles. Não basta colocar na rua porque a criança é um problema que a escola não sabe resolver. A escola tem encarar a questão como desafio, não como afronta", afirma Neide, que leciona psicologia de educação na PUC.

A MACONHA NAS ESCOLAS

Editoria de Arte/Folha Imagem



AS DROGAS NA ESCOLA PÚBLICA
Consumo, pelo menos uma vez, entre estudantes de escolas estaduais de dez capitais, em %*



* O Gráfico não considera o consumo de álcool, maconha e drogas por serem de consumo massivo. Fonte: Censid - Universidade Federal de São Paulo

Nas públicas, a ordem é manter os estudantes

DE REPORTAGEM LOCAL

O governo do Estado e a Prefeitura de São Paulo orientam que o aluno pego com drogas seja mantido em suas redes. Os motivos da orientação são claros: expulsão, o adolescente dificilmente teria condições de se transferir para rede particular. Poderia, então, aproximar-se da marginalidade.

"Expulsar o aluno que está usando drogas é empurrá-lo para a rua. A função da escola é acolhê-lo, educá-lo e prepará-lo para a vida", diz Hubert Alquéres, educador e secretário-adjunto de Estado da Educação.

A política da secretaria é, a cada episódio, chamar o aluno e a família, orientá-los sobre os riscos do uso e alertá-los para o fato de que, "para o grupo, o que ele está fazendo é inaceitável", além de ilegal. Em tese, a polícia não é avisada — embora há quatro dias uma diretora da rede tenha infiltrado policiais à paisana na escola.

"Você vai chamar a polícia se descobrir que seu filho está fumando maconha?", pergunta Alquéres. "A escola é um território de formação, não de polícia. Os diretores e professores são orientados a não expor o aluno."

O problema é que a rede estadual tem 3,5 milhões alunos. São cerca de 3.500 escolas com direção diferente e autonomia.

A Secretaria Municipal da Educação de São Paulo também é contrária à expulsão do aluno. "Trabalhamos

co-pernume. Ninguém usou, mas o aluno levou o frasco à escola.

Nas mais conhecidas instituições particulares de ensino de São Paulo, a regra é alunos pegos portando ou usando drogas devem sair do colégio.

Na última semana, a Folha procurou 20 dessas escolas. Das oito que se dispuseram a expor seus procedimentos, sete confirmaram a norma. A maioria diz já ter aplicado a medida. As outras 12 instituições procuradas não se pronunciaram —quatro delas (Equipe, Santa Cruz, Dante Alighieri e Etapa) não comentam esse assunto.

Os casos nunca são registrados na Delegacia de Ensino —o que, ao pé da letra, descharacteriza a expulsão. São, do ponto de vista formal, "transferências compulsórias". Burocracia à parte, o resultado é a saída imediata da escola.

"A maioria das escolas adota a expulsão de forma grave, sem que o problema seja discutido. É uma atitude de avestruz que ocorre também nas famílias", diz o psiquiatra Dairiu Xavier da Silveira, que dirige um programa de prevenção às drogas (Proad) e atende a algumas escolas.

A opção pela expulsão é polêmica. De um lado, as escolas alegam

que o que deveria ser um momento educativo vira uma punição definitiva", diz a psicóloga Helena Lima, professora da PUC-SP que se dedica a ações de prevenção.

Limite, respeito e papéis

O que está em jogo é avaliar se a medida vai ajudar ou não os alunos. Para isso, porém, não há resposta definitiva. Disciplina é hoje, todos concordam, um assunto controverso e bastante experimental, na qual as balanças oscilam diariamente entre o "laissez-faire" (deixar fazer) e as medidas drásticas de imposição de limites.

"É impossível dizer o que vai dar certo. O que sem dúvida não cabe mais é fingir que nada está acontecendo", diz Ana Luiza Fonseca Martins, orientadora educacional e pedagógica do Colégio Santa Maria, escola de freiras conhecida por ações de vanguarda. No Santa Maria, o aluno é transferido se for pego com drogas.

O psiquiatra Içami Tiba, autor do livro "Anjos Caiços - Como Prevenir e Eliminar as Drogas na Vida do Adolescente", concorda com o Santa Maria na necessidade de discussão —o que não é consenso entre as escolas. Mas discorda da norma da expulsão. "As situações drásticas têm o mé-

rito de uma criança engessado em um papel. Passem a esperar dele algumas coisas, e ele as repete. Temos de convencer os pais da necessidade de reconstrução desse papel em outro lugar", completa Ana Luiza, do Santa Maria.

Transferência de problemas

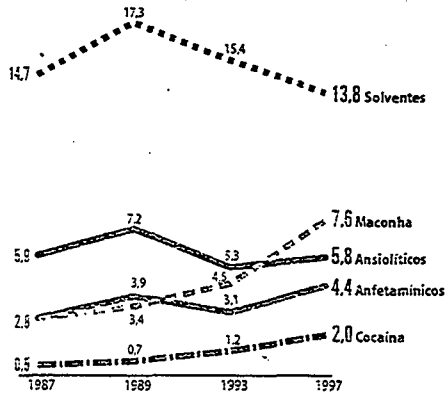
O foco no coletivo, porém, está também na raiz das críticas. "A expulsão pode levar também os demais alunos a esconder os problemas. E um problema embaixo do tapete é um problema fora de controle", diz Dairiu Xavier.

Para a psicóloga do Mackenzie, as escolas estão mais rígidas como resposta à facilidade de acesso às drogas, ao aumento da toxicidade das substâncias e à desestruturação das famílias. Mas a resposta, diz a pedagoga Neide Barbosa Saisi, não é a mais acertada.

"Claro que a escola deve se modificar com a sociedade. Mas ela não pode só refletir e transferir problemas. Deve atuar sobre eles. Não basta colocar na rua porque a criança não sabe resolver. A escola tem encarar a questão como desafio, não como afronta", afirma Neide, que leciona psicologia de educação na PUC.



AS DROGAS NA ESCOLA PÚBLICA
Consumo, pelo menos uma vez, entre estudantes de escolas estaduais de dez capitais, em %*



* O gráfico não considera o consumo de álcool. Fontes: dados coletados pelo Projeto Pró-Cidade - Universidade Federal de São Paulo

mar-se de marginalidade. "Expulsar o aluno que está usando drogas e empurrá-lo para a rua. A função da escola é acolhê-lo, educá-lo e prepará-lo para o futuro", diz Hubert Alquéres, educador e secretário-adjunto do Estado da Educação.

A política da secretaria é, a cada episódio, chamar o aluno e a família, orientá-los sobre os riscos do uso e alertá-los para o fato de que, "para o grupo, o que ele está fazendo é inaceitável", além de ilegal. Em tese, a polícia não é avisada —embora há quatro dias uma diretora da rede tenha infiltrado policiais à paisana na escola.

"Você vai chamar a polícia se descobrir que seu filho está fumando maconha?", pergunta Alquéres. "A escola é um território de formação, não de polícia. Os diretores e professores são orientados a não expor o aluno."

O problema é que a rede estadual tem 3,5 milhões alunos. São cerca de 3.500 escolas com direção diferenciada e autônoma.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo também é contrária à expulsão do aluno. "Trabalhamos com professores e funcionários para não sanitar o usuário, mas ver nele alguém que precisa de ajuda", diz Sonia Teixeira Almeida, coordenadora do Projeto Vida, da secretaria.

Se o aluno for pego "portando um ilícito", seja droga, canivete ou estuete, a orientação é que a família dele seja chamada e orientada a acompanhar o comportamento do adolescente —às vezes, a procurar um especialista. O Conselho Tutelar —órgão que executa o Estatuto da Criança e do Adolescente— também deve ser informado. "A ação visa proteger o aluno", diz Sonia.

Segundo ela, a secretaria não admite a presença de policiais informantes dentro das escolas.

Escolas montam 'rodízio' de alunos flagrados com droga

REPORTAGEM LOCAL

A rede particular de ensino montou um verdadeiro esquema de rodízio para atender aos alunos flagrados com droga. Em muitos casos, as mesmas escolas que expulsam recebem alunos que foram afastados de outros colégios por motivos semelhantes. Nem sempre, porém, conhecem o problema, pois não há registro oficial do motivo da transferência.

"A escola acolhe, entende, mas há um limite. E o adolescente precisa de limites para se sentir seguro, optar e definir quem ele é. Não há dúvida de que é frustrante (expulsar). Mas a ação frustrante pode ser a mais educativa. Às vezes, infelizmente, essa é nossa melhor contribuição para a formação de-

les", diz Stella Galli Mercadante, 61, diretora do ensino fundamental da Escola Vera Cruz.

A escola, cuja ação trouxe a público a discussão sobre as normas escolares, também recebe alunos expulsos de outros colégios por porte e uso de droga. Para a escola, o que está em jogo é ter esgotado ou não os instrumentos pedagógicos de cada instituição com cada um dos alunos envolvidos.

"O aluno pode se refazer sempre. Ele não se esgota. Os nossos instrumentos, sim. Seria o inverso da educação não dar outra chance. Mas é necessário que seja em outro contexto", continua Ana Luiza, do Santa Maria.

Mas refazer-se onde? "Não conheço nenhuma escola que não tenha problemas com droga. É

importante que o colégio defina suas regras, mas o aluno que fuma maconha dentro da escola precisa de estímulo, qualidade de vida e ocupação. Retirá-lo da escola nesse momento é tirar a chance de uma recuperação mais fácil", avalia o psiquiatra Arthur Guerra, coordenador do Grea (grupo de estudos de drogas do Hospital das Clínicas) e um dos cinco terapeutas que mais atendem os filhos da classe média alta da cidade.

Análise caso a caso

Em geral, as instituições de ensino dizem que não há possibilidade de relativização da regra de expulsão e que, ao adotá-la, não podem levar em conta o histórico do aluno, pois a infração é extrema. Das que adotam a medida, a Es-

cola da Vila foi a única, entre as ouvidas pela reportagem, que admitiu eventualmente manter o aluno, analisando caso a caso.

"Pegar fumando é um dilema moral para quem tem autoridade. Não há alternativa. Seria o mesmo problema com uma garrafa de cachaca. O problema é a conduta desonesta, dissimulada e trapaceira do aluno. Há um acordo, e ele não cumpriu", diz Armando Tambelli, 42, coordenador do ensino médio da Escola da Vila.

Se o discurso sugere expulsões gerais, Tambelli completa: "Na escola, tudo deve acontecer para ajudar a aprendizagem. Então, o aluno que enrola um baseado não é diferente do que briga com todo mundo. Ambos estão jogando contra. Nesses casos, para definir

o que vai ser feito, avaliamos o vínculo de cada um com o processo educativo. É caso de afastamento se a droga for o coroamento de uma série de transgressões e de um crescente distanciamento".

O discurso é mais liberal, mas ainda encontra resistência. "O aluno tem de ser mantido mesmo que jogue contra e que não aprenda matemática nem português. O importante é mantê-lo na escola e ensinar para a vida. E isso não é só acumular conteúdo. O conteúdo pode ser sacrificado, mas a oportunidade de prepará-lo para a vida não. Não se pode ser alternativo só quando tudo vai bem", diz Neide Saisi, pedagoga da PUC.

A Escola da Vila já expulsou alunos por uso de droga e mantém estudantes flagrados com tóxico.

FOLHA DE SÃO PAULO

Tel.: (11) 3224-3178
E-mail: ciencia@uol.com.br
Fax: (11) 3224-4217

Serviço de atendimento ao assinante:
Dias: (11) 3224-3090

PÁGINA A 11 * SÃO PAULO, SÁBADO, 28 DE JULHO DE 2001

POLÍTICA CIENTÍFICA Raio-X do setor, encomendado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, será pauta de conferência

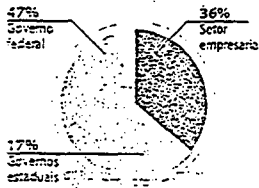
Ensino e inovação são deficientes, diz MCT

O CUP REVELA O LIVRO VENDE

Edição de Artista/Tabu Imagem

DA REPORTAGEM LOCAL

Quem banca a ciência e tecnologia
Dispêndios em 1999*



Doutores titulados em ciências e engenharia em 1997

1º - EUA	27.180
2º - Alemanha	11.728
3º - França	6.952
4º - Reino Unido	7.131
5º - Japão	6.137
6º - China	5.326
7º - Índia	4.000
8º - Brasil	2.691
9º - Espanha	2.550
10º - Coreia do Sul	2.169

Número de artigos científicos e técnicos publicados em 1981 e 2000

	1981	2000	Variação %	Patentes depositadas nos EUA em 2000
EUA	171.906	243.269	41,51	3.472
Japão	26.855	66.047	153,29	
Alemanha	32.856	62.941	91,57	
Inglaterra	32.236	58.171	80,45	
Frância	22.423	45.214	101,64	
Canadá	15.326	31.985	65,19	
Rússia	9.347	29.482	215,42	
UNES/Rússia	21.767	25.629	77,74	
China	1.645	24.923	1.414,16	
Espanha	3.375	20.847	517,69	113
Austrália	10.361	20.234	95,29	
Holanda	7.132	18.295	156,52	
Índia	13.273	15.161	14,22	
Suécia	6.809	14.384	111,25	100
Suíça	6.067	13.568	122,9	
Coreia do Sul	229	12.218	5.235,37	
Brasil	1.889	9.511	403,49	63
Bélgica	4.199	9.505	226,36	
Escócia*	4.499	9.217	104,87	
Taiwan	516	9.203	1.683,53	

* Os dados do Reino Unido são em comparação separadamente com: Ciência, Tecnologia e Inovação Desempenho para a Sociedade Brasileira - Livro Verde

O Brasil precisa dar um salto tecnológico à maneira dos Tigres Asiáticos se quiser tomar o rumo dos países desenvolvidos ainda nesta década. Mas, para isso, deverá antes reverter a situação do ensino fundamental e atrair os investimentos do empresariado para ciência e tecnologia.

Essas são as principais conclusões do relatório "Ciência, Tecnologia e Inovação: Desafio para a Sociedade Brasileira - Livro Verde". Produzido por mais de 400 especialistas, a pedido do MCT, o livro faz uma radiografia da ciência e da tecnologia no Brasil.

O Ministério espera transformá-lo num "livro branco", ou seja, num plano estratégico consolidado para o tal salto tecnológico. Para isso, está organizando uma conferência nacional de ciência e tecnologia, que deverá se realizar entre os dias 18 e 20 de setembro, em Brasília.

Segundo o MCT, a ideia da conferência é colocar ciência e tecnologia (C&T) no topo da agenda política do país. Mas o "livro verde" foi concebido com um propósito mais prático: arrumar um jeito de administrar os R\$ 648 milhões dos fundos setoriais — verbas originadas de taxação sobre empresas de setores com alto uso de tecnologia, como o petrolífero.

"Os fundos são a grande novidade no setor de ciência e tecnologia nos últimos anos", disse à Folha um dos coordenadores do "Livro Verde", o físico Cylon Gonçalves da Silva, do LNLS (Laboratório Nacional de Luz Síncrotron).

"Mas era necessário um planejamento a longo prazo para usá-los bem. Não podemos dá-los como uma aquisição permanente."

Gargalo em inovação

O "livro verde" revela que a pesquisa no Brasil vai bem, obrigado. O país é o oitavo do mundo em número de doutores em ciências e engenharia e surge como potência em áreas estratégicas, como a biotecnologia. Mas não conseguiu converter a ciência básica, tarefa pública (de universidades e órgãos de fomento), em inovação tecnológica — a transformação de conhecimento em riqueza —, responsabilidade do setor privado.

As grandes exceções, que confirmam a regra, são a Petrobras, uma estatal, e a Embraer, uma estatal, ambas produtoras e usuárias de tecnologia de ponta.

"Se a oferta de ciência e tecnologia vai bem, a demanda pelo setor privado é pequena", disse Silva.

Que o digam os números. O maior financiador do setor no Brasil ainda é o governo, que responde por mais de 60% dos gastos em pesquisa e desenvolvimento. Nos países ricos, essa proporção se inverte. Outro dado do diagnóstico do MCT que confirma a baixa capacidade de inovação é o número de patentes depositadas no Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

Apesar de o governo oferecer incentivos fiscais às empresas que queiram investir em pesquisa desde 1993, um levantamento feito pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) mostrou que 80% deles ignoravam o fato.

Outro pé de barro do sistema, segundo o "livro verde", é o ensino fundamental. O relatório aponta que o nível de escolaridade médio do brasileiro cresceu, desde 1981, em apenas dois anos — de quatro anos para seis.

A Coreia do Sul, um dos exemplos apontados pelo ministério, tem mais do que o dobro disso. "Quase 95% dos sul-coreanos têm segundo grau completo", afirmou Silva. Segundo ele, isso é importante porque "talento é algo estatístico em qualquer sociedade. Quanto mais alta a base, maior o

número de futuros inovadores."

Para a presidente da SEPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), Glaci Zancan, o caminho de colocar a pesquisa como prioridade é difícil porque nem mesmo quem deveria fazer pesquisa nas universidades o faz, lembra ela. "A maioria do corpo docente não faz pesquisa. Não há coisa mais difícil do que emplacar avaliação de mérito nas universidades", afirma Glaci. "Tem doutor que não faz pesquisa", diz, "e, sem pesquisa, a universidade não avança o resto do sistema."

O QUE VELEJ

FOLHA COTIDIANO

Tel: 011/3224-3402
E-mail: cotidian@uol.com.br
Fax: 011/3224-2285Serviço de
atendimento ao assinante:
011/3224-3650

PÁGINA C 1 * SÃO PAULO, DOMINGO, 8 DE JULHO DE 2001

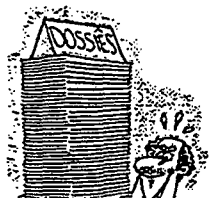
EDUCAÇÃO Disputa pelo mercado do ensino superior no Brasil é marcada por acusações de espionagem e suspeitas de dumping

Universidades fazem 'vale-tudo' por aluno

A GUERRA POR
ALUNOS FINITE AS
UNIVERSIDADES DE
PARTICULARES

Esporabem

Universidades são acusadas de colocar "espões" nas concorrentes na tentativa de levar alunos para seu campus. Os espões oferecem descontos nas mensalidades dos alunos que aceitarem a transferência

ANTÔNIO GOIS
DA SUCURSAL DO RIO

Grampos, acusações de espionagem, dossiês, suspeitas de dumping. A disputa pelo mercado do ensino superior no Brasil não se pauta apenas pela oferta de qualidade. Na busca por mais e mais alunos, algumas instituições de ensino superior lançam mão de estratégias mais comuns no mercado financeiro ou na concorrência entre grandes grupos empresariais.

No Rio de Janeiro, uma das práticas mais denunciadas pelos reitores contra seus concorrentes é a de espionagem. O principal alvo das reclamações é a Universidade Estácio de Sá, que, desde 1995, quando tinha pouco mais de 11 mil alunos, cresceu 348,1%, chegando a 50 mil alunos neste ano.

"Eles (da Estácio) botam espões dentro de cursos da concorrência e até os matriculam em outra universidade. Isso já aconteceu com a gente no curso de odontologia da minha instituição, em Niterói. O espão oferece descontos na mensalidade para quem se transferir para a Estácio. Perdi alunos por causa disso. É estratégia deles", relata Wellington Salgado de Oliveira, presidente da entidade mantenedora da Universidade (Universidade Salgado de

Oliveira).

Oliveira não é o único a redamar. Outros cinco reitores de instituições de ensino superior do Rio de Janeiro ouvidos pela Folha, mas que preferem não se identificar, dizem ter sido alvo da mesma prática.

Um deles afirma ter gravado uma conversa telefônica entre um de seus alunos e um representante do concorrente, onde teria sido oferecida ao estudante uma bolsa integral caso ele conseguisse convencer uma turma a se transferir, ganhando bolsas de 50% da mensalidade. O autor da gravação afirma que só revelará o conteúdo das fitas na Justiça, caso decida processar o concorrente.

A Folha gravou também o relato de uma aluna que se transferiu para a Estácio após um representante da instituição ter oferecido desconto na mensalidade.

Segundo R., que pede para não ser identificada, a conversa aconteceu no pátio da Universidade Santa Ursula, onde ela pagava R\$ 247 por mês. Passou a pagar R\$ 130 na Estácio e afirma que não se arrepende da transferência, feita no início deste ano.

A Universidade Estácio de Sá, a principal acusada pelos reitores, se defende e ataca: "Nunca fizemos isso. Nós é que já fomos vítimas de instituições que tentaram,

dentro dos nossos campi, tirar alunos oferecendo descontos nas mensalidades", afirma Marcelo Campos, diretor da entidade mantenedora da Estácio.

Fora as acusações de espionagem de ambas as partes, outra queixa comum diz respeito aos preços abaixo da média de mercado praticados pela Estácio e pela UniverCidade (Centro Universitário da Cidade). Alguns reitores reclamam de dumping (oferta de produtos a preço abaixo do custo para conquistar mercado).

A UniverCidade, por exemplo, oferece cursos de letras, turismo e pedagogia por uma mensalidade de R\$ 117 em algumas de suas unidades que funcionam nas dependências de colégios das zonas norte e oeste do Rio de Janeiro.

Cursos de direito, administração e marketing da mesma instituição custam no período da tarde na unidade Bonsucesso (zona norte do Rio), que funciona em parceria com o Colégio Santa Mônica, R\$ 153.

A Universidade Estácio de Sá também oferece cursos a menos de R\$ 150, como os de letras, matemática e pedagogia, que custam R\$ 145. Em alguns períodos, o curso de direito custa R\$ 199.

A mensalidade de um dos mais caros cursos de direito do Rio de Janeiro, o da PUC, é R\$ 687,73. A

da Universidade Veiga de Almeida, mais em conta, é R\$ 420.

"Não reajustamos a mensalidade há três anos por causa da concorrência. Também perdemos alunos que levaram em conta apenas a mensalidade do curso e se transferiram", afirma o reitor da Universidade Veiga de Almeida, Mário Veiga de Almeida Júnior.

Expansão

Além dos preços baixos, uma característica em comum entre a Estácio e a UniverCidade é o crescimento impulsionado pelo grande número de campi novos na cidade do Rio. A Estácio tem seu campus principal no Rio Comprido, bairro que fica próximo ao centro da cidade, e outras 23 unidades no Estado do Rio, sendo 18 delas na capital.

O campus original da UniverCidade fica em Ipanema (zona sul do Rio), mas a instituição tem outros 16 campi em diferentes bairros da cidade. Três desses foram ou serão inaugurados neste ano.

A instituição foi criada em 1982. Em 1995, antes de ganhar o título de centro universitário, tinha cerca de 8.000 matriculados em cinco campi na cidade do Rio. Em 2001, o número chegou a 25 mil estudantes, um aumento de 212,5%.

→ LEIA MAIS na pág. C2



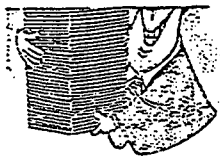
GRAMPO

Para tentar evitar a transferência de alunos, universidades chegam a apelar para a nova mania nacional — o grampo. Uma delas gravou a negociação entre o representante de uma concorrente e um aluno. Com a fita em mãos, ameaçou: ou a concorrente desistia do "negócio" ou a denúncia seria tomada pública



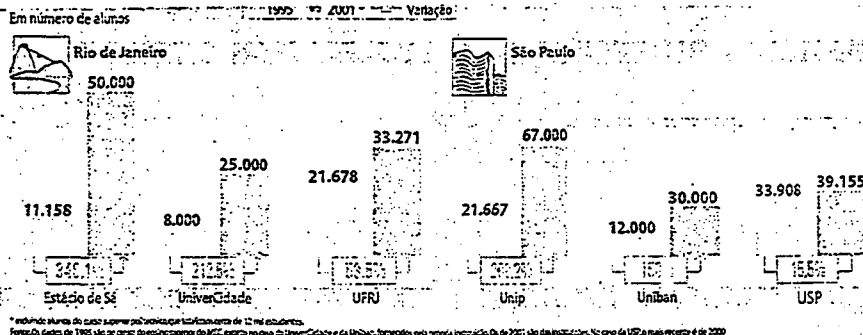
Crescimento das instituições
Em número de alunos

1995 2001 Variação



UniverCidade

Universidades e seus controladores são alvo de acusações, embasadas em supostos documentos comprobatórios, distribuídos por pessoas que não se identificam ou preferem permanecer no anonimato



UniverCidade

Universidades acusam concorrentes de oferecer preços abaixo do custo dos cursos para atrair alunos. No Rio, há diferença de até 350% nas mensalidades de cursos de direito

Parceria busca ampliar campi

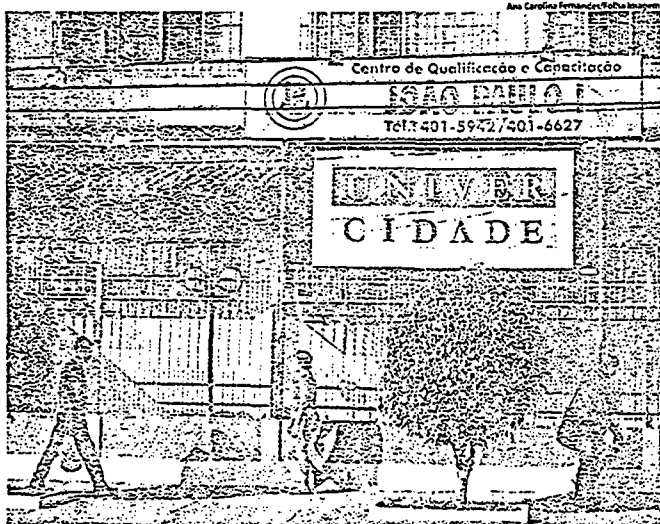
DA SUCURSAL DO RIO

A expansão da UniverCidade e da Estácio de Sá, no Rio, tem algumas características em comum, como as parcerias com colégios para criar novos campi.

Em um endereço da UniverCidade a ser inaugurado em Bangu (zona oeste), funciona o Centro de Qualificação João Paulo I. As aulas dos cursos de direito, administração e informática serão em um prédio nos fundos do colégio.

A Estácio de Sá também divide espaço com alguns colégios, como o campus no Méier (zona norte), que funciona no mesmo endereço do Colégio Nosso Lar.

As duas instituições garantem que os locais são adequados para os campi. O pró-reitor da UniverCidade, Paulo Alonso, explica que o pequeno espaço de algumas bibliotecas em alguns campi é compensado pela agilidade do serviço.



Colégio em Bangu (zona oeste do Rio de Janeiro) onde funcionará unidade da UniverCidade

Estácio de Sá diz que administra bem os recursos

DA REPORTAGEM LOCAL

Ao responder às críticas de que estaria praticando concorrência desleal, o diretor da mantenedora da Universidade Estácio de Sá, Marcelo Campos, afirma que a instituição "não trabalha em função da concorrência".

"Podem falar o que quiserem. Nós podemos oferecer um curso de qualidade com preço baixo, administrando nossos recursos com muita racionalidade", diz ele.

Campos diz que não há variação de qualidade entre cursos que funcionam em campi diferentes. "Em qualquer unidade da Estácio você verá bibliote-

cas, laboratórios e uma boa infraestrutura do curso. Os professores são praticamente os mesmos", diz. Sobre a acusação de que oferece bolsas para estudantes se transferirem de outras instituições, Campos afirma que isso seria deslealdade com o aluno da Estácio.

A universidade também oferece descontos para funcionários públicos do Estado, do município, dos Correios e para filhos de membros da maçonaria, entre outros estudantes.

O pró-reitor da UniverCidade (Centro Universitário da Cidade), Paulo Alonso, afirma que a expansão da instituição e o baixo preço das mensalidades não afetam a qualidade do ensino da instituição. "É possível oferecer mensalidades baixas e bons resultados. Nosso curso de direito, por exemplo, foi o primeiro das universidades particulares no rigoroso exame da OAB no Rio."

Campus em Osasco gera polêmica entre Uniban e Unip

DA SUCURSAL DO RIO

Se o mercado de ensino superior no Rio de Janeiro tem contornos de uma guerra comercial, em São Paulo a disputa entre instituições provoca troca de acusações e perseguição política.

A principal divergência no Estado é entre as universidades Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo) e Unip (Universidade de Paulista).

Segundo o vice-reitor da Uniban, Milton Linhares, desde que a universidade abriu um campus em Osasco (região metropolitana

de São Paulo), ela "passou a ser perseguida pela Unip no CNE [Conselho Nacional de Educação] pelo conselheiro Yugo Okida [vice-reitor de ensino da Unip]". A instituição concorrente nega que isso tenha ocorrido.

Segundo Linhares, a suposta perseguição começou porque o campus de Osasco foi construído próximo a uma unidade da Universidade Paulista. "A Unip se viu prejudicada com a perda de alunos de seu campus", diz Linhares.

O campus da Uniban em Osasco foi considerado ilegal pelo Conselho Nacional de Educação e

pelo MEC por ter sido construído em município fora da sede da instituição, que fica em São Paulo.

A Uniban foi à Justiça e ganhou o direito de atuar em outros municípios da Grande São Paulo.

"Em 1997, construímos um campus em São Bernardo do Campo (também na região metropolitana de São Paulo) e ninguém reclamou. A perseguição só começou quando decidimos atuar em Osasco, em 1999", afirma o vice-reitor da reclamante.

Em meio à guerra entre as instituições, jornalistas e deputados receberam um dossiê contra o rei-

tor da Unip, João Carlos Di Gênio, dono também da rede Objetivo.

A Uniban nega a autoria do dossiê, assinado por uma organização chamada Instituto Brasileiro de Notícias, cujo telefone não consta na lista da capital paulista.

"Tivemos acesso a esse dossiê e já respondemos com provas a todas as acusações", afirma Di Gênio. Sobre a "perseguição política" a que Linhares se refere, Di Gênio afirma que a Unip não disputa mercado com a Uniban. "Tenho dados que demonstram que os alunos da Unip nem sequer se interessam em prestar o vestibular da Uniban. Portanto querer transformar a Uniban em concorrente da Unip não reflete a realidade dos fatos."

Ele afirma também que não há perseguição política da Unip, por meio de Okida, à Uniban. "Quem primeiro apresentou ao CNE a questão sobre irregularidades na implementação do campus da Uniban em Osasco não foi o conselheiro Okida, mas o conselheiro Eunice Durhan, na reunião do dia 4 de outubro de 1999", diz Di Gênio. Ele enviou à Folha uma gravação da reunião do conselho para comprovar sua afirmação.

O reitor da Unip ressalta que a votação no CNE que julgou que a Uniban cometeu irregularidades se deu por unanimidade. Di Gênio diz que o fato de a Uniban poder regularizar seu campus não deixa a Unip contrariada. "Estamos convencidos de que a Uniban não agiu corretamente ao instalar o campus de Osasco sem a devida autorização do CNE, mas o fato de ela poder regularizá-lo não deixa a Unip contrariada. Ao contrário, nossa universidade somente terá a ganhar porque poderá abrir mais de 20 campi na região metropolitana de São Paulo."

OJENREJ

ESCOLAS

No passado, afirmava-se que cada escola que se abria representava a possibilidade de um presídio a menos. O crime, infelizmente, cresce mais depressa que a expansão do ensino no país, mas há razão para comemorar a abertura, pelo governo estadual, de matrículas adicionais relativas ao atual ano letivo, com a oferta de mais 250 mil vagas na rede estadual. O sistema de rematrícula automática diminuiu filas e favoreceu 1,23 milhão de estudantes em todas as regiões do estado, que tiveram garantidas as vagas correspondentes nas escolas que frequentaram no ano letivo de 2001. As 250 mil vagas abertas para o ensino regular médio e fundamental oportunizam, ainda bem, novas possibilidades de acesso ao ensino público, fortalecendo o sistema educacional.

Tel.: 011/3224-4230 E-mail:folha@folha.com.br Fax: 011/3224-3362

FOLHA CLASSIFICADOS

Serviço de atendimento ao assinante: 011/3224-3090

TUDO

PÁGINA E20 * SÃO PAULO, DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 2001

FATURAMENTO DIVERTIDO Imaginação e empenho são fundamentais para abrir negócio que atraia a atenção da garotada

Brincadeira diferente pode trazer lucro

FRANQUIA PARA A FOLHA

Lidar com crianças pode parecer fácil à primeira vista, mas abrir um negócio diferenciado para os pequenos não é brincadeira. Criatividade e disposição são requisitos básicos para criar alternativas e enfrentar o período das férias escolares, quando cai a procura pela maioria das atividades.

"O mercado infantil é muito bom, mas é preciso oferecer serviços diferentes, porque as crianças já estão envolvidas em diversas tarefas", afirma Wlamir Belo, 42, consultor de marketing do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

Muitos pais andam atrás de novidades, afinal o videogame e o shopping não são suficientes para dar vazão à criatividade dos filhos. Aula de culinária e esportes radicais são alguns exemplos de sucesso entre o público infantil.

Radical

Será lançada, em novembro, a franquia da Alaya Centro de Aventura, que oferecerá uma nova prática de esportes radicais: verticalia (para maiores de 1,40 m) e verticalinha (para crianças).

Treza-se de um percurso, com grau de dificuldade crescente, montado sobre a copa das árvores, feito por meio de cabos, escadas, redes e pontes suspensas e torções. O preço é de R\$ 35, na baixa temporada, e R\$ 45, na alta (dezembro a abril e julho).

Jean-Claude Razel investiu R\$ 50 mil no negócio, incluindo es-

quipamentos de segurança, fora o terreno de um alqueire e R\$ 25 mil, em Brotas (245 km a noroeste de São Paulo), conhecida como "a capital dos esportes de aventura".

A expectativa do empreendedor é receber cerca de 150 pessoas por dia, nos finais de semana de alta temporada, e 30, na baixa.

Culinária

Cozinha não é lugar apenas para adultos, na opinião de Maria Salles, 52, proprietária da Só de Brincadeira. Aulas de culinária infantil são uma das atividades realizadas pela empresa, que é especializada em oficinas.

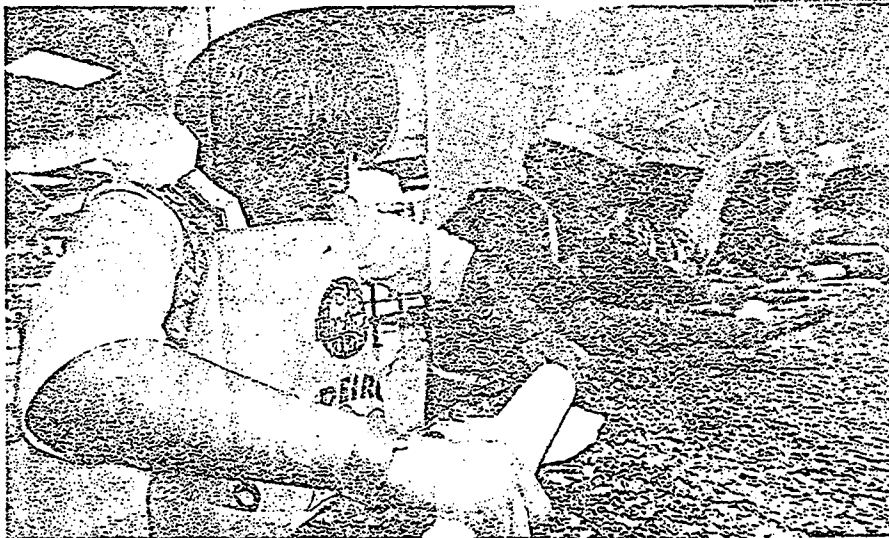
Além de levar os cursos a escolas e festas infantis, Salles tem contrato com o Pão de Açúcar. O supermercado oferece aulas de culinária gratuitamente em cinco horários por dia, no espaço Pão de Açúcar Kids (r. Teodoro Sampaio, 1933, Pinheiros, São Paulo).

Salles investiu inicialmente R\$ 90 mil no projeto. "A vantagem da microempresa é que posso produzir rápido coisas novas."

Hoje, uma equipe fixa com cinco pessoas e 20 monitores eventuais anima uma média de 30 festas por mês. O único problema, lembra, é que nas férias escolares não há procura das oficinas pelos bufes, a maior fatia do faturamento da empresa, de cerca de R\$ 14 mil por mês.

(BRUNA MARTINS FONTES)

Alaya: 011/14/653-4113;
Music Center: 011/3589-9084; 56 de Brincadeira: 011/3667-7868.



Na Só de Brincadeira, crianças com avental põem a mão na massa e aprendem a fazer pães recheados; investimento foi de R\$ 90 mil.

Pais vão à escola para aprender como brincar

PATRÍCIA TRUDES DA VEIGA

EDITORA DE SUPLEMENTOS

Não é creche, não é escolinha, não é playground. Depois de inaugurar 420 franquias em 14 países, a marca americana

Gymboree Play and Music abre suas portas no Brasil para ensinar os pais a brincarem com os filhos.

As atividades são para crianças de zero a quatro anos, sempre acompanhadas dos pais, e buscam o desenvolvimento por meio

de brincadeiras e músicas.

A primeira unidade foi aberta em São Paulo. Felipe Moreira, 24, master-franqueado para o Brasil, pretende chegar a 25 em cinco anos. Assim como as aulas semanais (R\$ 150 de matrícula e R\$ 330

o trimestre), o negócio é para poucos: US\$ 90 mil, fora o ponto (170 m², no mínimo), royalties (6%) e taxa de publicidade (2%).

Gymboree Play & Music 011/3501-6900-www.gymboree.com.br

COMPORTAMENTO *Meninos e meninas vivem amadurecimento precoce e lidam com brinquedos, internet e conversas sobre sexo*
Pré-adolescência confunde atitudes de pais e filhos



Yuri Horalek e Domingues, 12, que coleciona carrinhos e começa a frequentar matins de danceterias



Bárbara Silva Buoro, 10, que pediu bonecas no Dia das Crianças, mas já se preocupa com as espinhas

DÉBORA YURI
 DA REVISTA

Eles chegam maquiadas, em calças justas, tops curtos e sandálias coloridas de salto pequeno. Brincos, colares e cabelos bem produzidos completam o visual. Os garotos aparecem em bermudões, camisas largas, tênis de skatista, bonés e, em alguns casos, um brinco de argoia na orelha.

Por volta da meia-noite, as buzinas começam a tocar, e a campanha não dá sossego. Para quem tem de nove a 12 anos, a adolescência acaba quando os pais decidem que eles ainda são crianças.

"Com certeza não sou mais criança. Mas também não sou adolescente", diz Bárbara Silva Buoro, 10. "Não sou mais criança, porque já sou amiga dos meninos da classe. Eles me ligam, conversamos no ICQ. Além disso, me arrumo um 'tempão' para as festas."

Bárbara faz parte da turma dos pré-adolescentes, fase pouco discutida pelos especialistas, que costumam concentrar suas atenções nos problemas da adolescência propriamente dita.

Estar nessa fase significa chamar o irmão mais novo de pirralho, dizer aos pais "Vocês não mandam mais em mim" e, ao

mesmo tempo, fazer lista de presentes para o Dia das Crianças.

"Essa geração tem ainda mais problemas, porque a infância está cada vez mais curta", diz a terapeuta familiar Lidia Aratangy, 60, professora da PUC-SP e autora de livros sobre educação juvenil.

Não há uma linha que demarque o fim da infância. Como resultado, meninos de dez anos alternam videogame com suspiros pela professora, mas não se sentem confortáveis em nenhum dos dois papéis. Para aliviar as crises, eles passam a testar limites e a adotar atitudes auto-afirmativas.

Yuri Horalek e Domingues, 12, deixou o cabelo crescer quase até o pescoço, matriculou-se numa escola de guitarra e já dá algumas voltas de moto. "Passei a sentir essas mudanças no ano passado. Percebi que não gostava mais de me arrastar pelo chão atrás de carrinhos. Preferia vestir um capacete e andar de skate", diz o garoto, que está começando a frequentar matins de danceterias.

Yuri diz que as cobranças surgem nos "pepos sérios" com os pais e na hora de mostrar o boletim. "Da última vez, minha mãe entrou no meu quarto e falou para eu ter cuidado, porque ela ainda não queria ser avó", afirma.

Eles podem não gostar das exigências, mas adoram ser tratados como adolescentes.

Festa é sinônimo de local onde podem ser "teen" sem ninguém atrapalhar. Mas a contradição continua até mesmo nesse ambiente. "Na última festa que fui, passei metade do tempo dançando com as minhas amigas e a outra metade brincando no pulapula", lembra Bárbara Buoro.

Em seu quarto, um pôster da cantora Brimsey Spears, de umbigo de fora e pose sexy, convive com uma colcha de cama de Mo-

ranguinho. Quando vai ao pediatra, sua primeira preocupação é pedir que ele examine o seu rosto para ver se já nasceram espinhas.

Segundo a mãe dela, a publicitária Dileni, 39, Bárbara comemora cada "conquista". "Outro dia, ela foi barrada num brinquedo do Hopi Hari porque já era muito grande. Ela pulou de alegria ao perceber que estava crescendo."

Ana Cristina Proietti Imura, 54, uma das coordenadoras do colégio Santa Maria, diz que situações antes características da 8ª série agora acontecem na 6ª. "As crian-

Escritora de Arte e Foto Imagem

MUDANÇAS NO CORPO

A puberdade é o conjunto de transformações biológicas características da adolescência e não tem idade certa para chegar. Em geral, ela acontece dos nove aos 13 anos entre as meninas e dos nove aos 14 nos meninos

- | | |
|---|-----------------------------------|
| → Aumento dos testículos e da bolsa escrotal | → Crescimento de pelos no peito |
| → Crescimento de pelos pubianos | → Mudanças na voz |
| → Crescimento de pelos axilares | → Crescimento do pomo-de-adão |
| → Crescimento de pelos sobre o lábio superior e na face | → Aumento da oleosidade da pele |
| | → Aumento da massa corpórea |
| | → Crescimento do pênis |
| | → Primeira ejaculação: sexaraxa |
| → Desenvolvimento do ovário | → Crescimento dos pelos axilares |
| → Desenvolvimento das mamas | → Aumento da oleosidade da pele |
| → Crescimento dos pelos pubianos | → Modificação da massa de gordura |
| | → Primeira menstruação: menarca |

ças dessa geração anteciparam o crescimento. Hoje o sexo é banalizado. Muitos já 'ficam' e têm boas noções de drogas."

O excesso de informação a que estão expostos parece ser o detonador desse processo de emancipação precoce. Quase todos os pré-adolescentes das classes A e B usam a internet sem parar, têm TV a cabo, aprendem inglês desde cedo e sentem-se confortáveis num mundo globalizado.

Para Raul Drenwick, 62, autor de livros para o público infanto-juvenil, essa diferença pode não ser totalmente positiva. "Com um simples clique no computador, esses garotos abrem portas que eram fechadas para os pré-adolescentes do meu tempo. Isso tem seu lado bom, mas pode provocar um falso amadurecimento", diz.

O apelo de mercado também contribui. "Nessa sociedade de consumo, é muito mais legal ser adolescente do que ser criança", afirma Francisco Assumpção, 49, chefe da psiquiatria infantil do Hospital das Clínicas.

Yuri e Bárbara são unânimes em afirmar que têm um bom diálogo com os pais. Sinal de que essas famílias estão no caminho certo, segundo os especialistas. "A pré-adolescência precisa ser cal-

cada na negociação", afirma Annelise Scappaticci, 38, terapeuta familiar da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Negociar não significa libertar tudo. "Eles precisam aprender limites. É o melhor preparo para a vida adulta", diz Assumpção.

Para acalmar todos esses hormônios em ebulição, os pais costumam lotar a agenda dos filhos.

Renan J. Di Pardi, 9, joga tênis, futebol, faz aula de inglês e de flauta. A maior preocupação do garoto é sua aparência. "Renan já é superavaliado. Ele estava preocupado com a barriguinha e passou semanas sem tomar refrigerante", conta o pai, Walter Di Pardi, 34, gerente financeiro. Renan ainda pediu ajuda à mãe, a pedagoga Eliane, 35, para fazer dieta.

Mas o próprio Renan mostra que não é a hora de pular fases. Ele confessa que tem medo de dormir sozinho e diz que o que mais gosta de fazer em festas é "brincar de guerra de catchup". Quando perguntado se prefere ficar perto de meninas a jogar futebol, não tem dúvida: "jogar futebol, claro".

Os pedidos para o Dia das Crianças refletem as contradições de Renan: uma viagem com a família da garota que está "de olho" e um novo carrinho de fricção.

FOLHA DINHEIRO

Tel: (11) 3224-3373
 E-mail: folha@folha.com.br
 Fax: (11) 3224-3237
 Serviço de atendimento ao assinante: 0800 111 3224-3399

PÁGINA B 1 * SÃO PAULO, DOMINGO, 13 DE JANEIRO DE 2002

TRABALHO PRECÁRIO IBGE mostra que, de 91 a 2000, desemprego cresceu, renda caiu e aumentou tempo de procura por vaga

Mercado de trabalho encolhe e piora no país

Estudar virou prioridade entre os mais jovens

DA SUCURSAL DO RIO

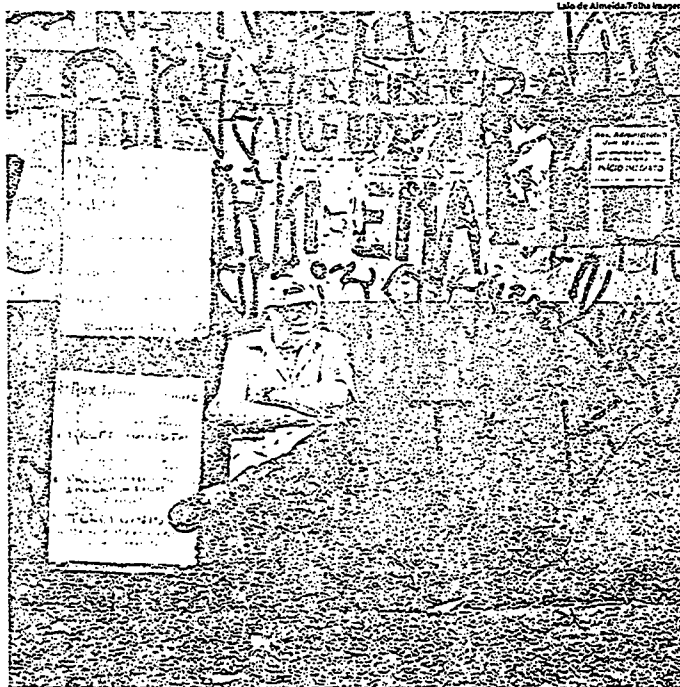
A tese de que o desalento das pessoas com dificuldade de conseguir emprego provoca o crescimento da inatividade detectada pelas pesquisas mensais do IBGE divide especialistas em análise do mercado de trabalho.

Para o economista André Urani, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e do Iets (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade), é preciso levar em conta a busca por escolarização.

Urani acompanha o mercado de trabalho no Rio de Janeiro e diz que, pelo menos entre os fluminenses, a busca pelo aperfeiçoamento escolar explica melhor o aumento da inatividade que o desalento.

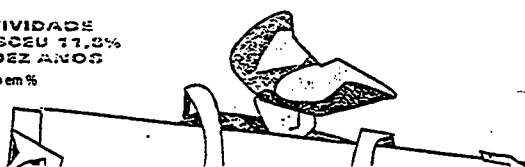
Segundo ele, de 1991 a 2001 (período janeiro a outubro), o percentual de jovens entre 15 e 17 anos que estavam no mercado de trabalho no Rio caiu de 26,1% para 9,5%. Entre os de 18 a 24 anos, a participação teve queda de 64% para 56,8%. "Os jovens estão buscando mais escolaridade", conclui.

A economista Shyrlene Ramos, do Departamento de Emprego e Rendimento do IBGE, afirma que o desalento tem participação no aumento da inatividade.



Homem descansa junto a muro em Santo Amaro (zona sul de SP) onde há ofertas de emprego

**INATIVIDADE
 CRESCEU 77,8%
 EM DEZ ANOS**
 Evolução em %



CHICO SANTOS
 DA SUCURSAL DO RIO

O mercado de trabalho encolheu e piorou de qualidade na última década no Brasil. Um levantamento feito pelo IBGE a pedido de Folha mostra que a parcela inativa da força de trabalho (pessoas com 15 anos ou mais que não trabalham nem procuram emprego) cresceu 11,8%, passando de 39% em 1991 para 43,6% em novembro de 2001.

Como consequência, a população ativa — pessoas ocupadas ou procurando trabalho — caiu 7,5%, passando de 61% do contingente com 15 anos ou mais para 56,4% no mesmo período.

Mercado encolheu, menos pessoas procurando emprego e ainda por cima as vagas existentes melhoraram. Há menos pessoas trabalhando com carteira assinada e a renda média do assalariado caiu no período analisado. Além disso, aumentou o tempo de procura por um emprego.

A diferença entre população inativa e desempregada é que, enquanto a primeira está fora do mercado, a segunda está procurando emprego sem achá-lo.

"Procurar trabalho custa tempo, sola de sapato e auto-estima", disse o economista Lauro Ramos, editor do "Mercado de Trabalho", do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a propósito do percentual de pessoas que desistiu de procurar emprego na última década. "Existe algum componente de desalento que não é desprezível", completou.

A pesquisa do IBGE abrange apenas as regiões metropolitanas de seis capitais — Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

FRASES

Procurar trabalho custa tempo, sola de sapato e auto-estima

LAURO RAMOS
 editor do "Mercado de Trabalho", do Ipea, sobre o percentual de pessoas que desistiu de procurar emprego na última década

Os jovens estão buscando mais escolaridade

ANDRÉ URANI
 economista da UFRJ

A PME [Pesquisa Mensal de Emprego] não tem condições de confirmar o desalento

SHYRLENE RAMOS
 economista do IBGE, ao dizer que o desalento — pessoas que param de procurar emprego — tem participação no aumento da inatividade, mas não explica tudo

trimestral "Mercado de Trabalho", do Ipea, revelam que a parcela de jovens entre 15 e 17 anos na população ocupada nas áreas pesquisadas pelo IBGE caiu de 67,196 na média de 1991 para 408.839 na média de janeiro a setembro de 2001.

ANEXO XI-A

do IBGE, afirma que o desalento tem participação no aumento da inatividade, mas não explica tudo.

Responsável pela pesquisa, ela prefere ser cautelosa: "A PME (Pesquisa Mensal de Empregos do IBGE) não tem condições de confirmar o desalento", afirma.

Já Lauro Ramos, do Ipea, avalia que o desalento é um componente importante para se analisar a inatividade, mas pondera também que essa variável "às vezes é superdimensionada".

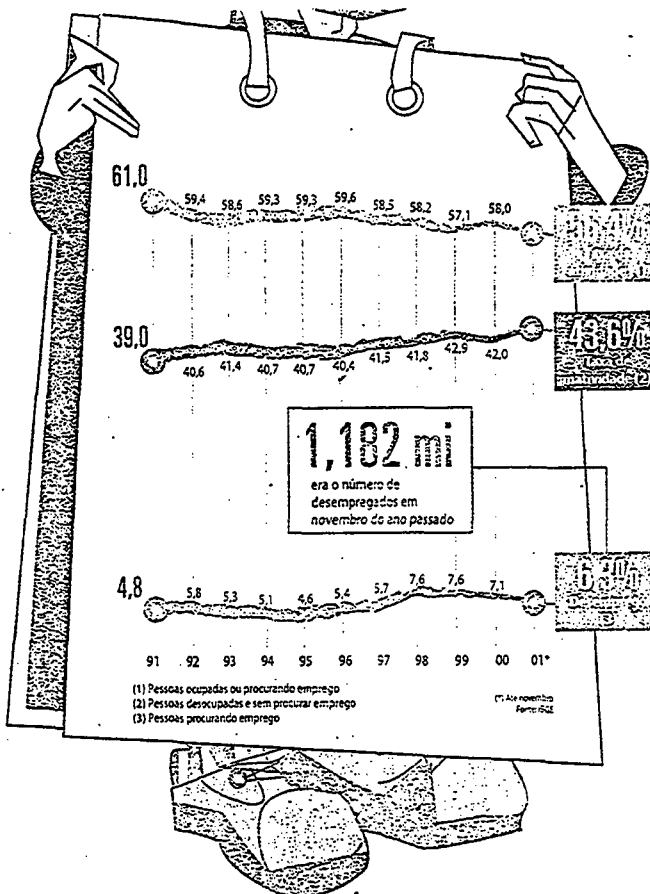
Educar e crescer

Para o técnico do Ipea, o investimento em educação, não só na básica, é o caminho para ganhar a batalha da concorrência profissional.

"Nós estamos caminhando para um processo de transição no mercado de trabalho que deverá ser acompanhado por um enorme investimento em qualificação", afirma.

Ramos completa: "É bastante complicado discutir se isso é bom ou ruim porque tem muita gente que sai perdendo".

Para o secretário de Trabalho de São Paulo, Márcio Pochmann, o país precisa voltar a crescer pelo menos 5,5% ao ano para acompanhar a demanda por novas vagas no mercado, ao menos enquanto as pressões demográficas permanecerem elevadas.



apenas as regiões metropolitanas de seis capitais — Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

A taxa média de desemprego saltou de 4,8% em 91 para 6,3% de janeiro a novembro de 2001.

Em números absolutos de novembro de 2001, os dados mostram que havia, naquele momento, 14,265 milhões de pessoas inativas nas seis regiões. E, da população ocupada (17,302 milhões), apenas 7,768 milhões tinham carteira assinada. Os desempregados somavam 1,182 milhão.

Estudo dos inativos

Um exercício inédito feito pelo IBGE com bases nos dados da Pesquisa Mensal de Empregos de outubro do ano passado mostrou que nas seis capitais pesquisadas a maior parcela dos inativos dedica-se a estudar.

Em Salvador, os estudantes representam 49,6% da população inativa. No Rio, a porcentagem de estudantes cai para 35,1%. Em São Paulo, ela é de 39,7%.

Os afazeres domésticos vêm em segundo lugar em quatro das seis capitais, com a liderança de São Paulo (31,5% dos inativos). No Rio e em Porto Alegre o segundo lugar fica com os aposentados. Eles representam, respectivamente, 31,4% e 29,3% dos inativos. Em São Paulo, eles eram 23,7% dos inativos.

A liderança dos estudantes entre os inativos é vista por especialistas como um indicador de que os jovens estão buscando se preparar mais antes de entrar no mercado de trabalho.

Dados do último boletim qua-

drado na média de 1991 para 408.839 na média de janeiro a setembro de 2001.

Mais tempo de procura

Os números do IBGE mostram que o tempo de procura por um emprego, outro indicador de deterioração do mercado de trabalho, também cresceu muito. Em 1991, o tempo médio de procura por um emprego era de 15,31 semanas (cerca de três meses). Em novembro de 2001, o tempo médio era de 20,55 semanas (quase cinco meses).

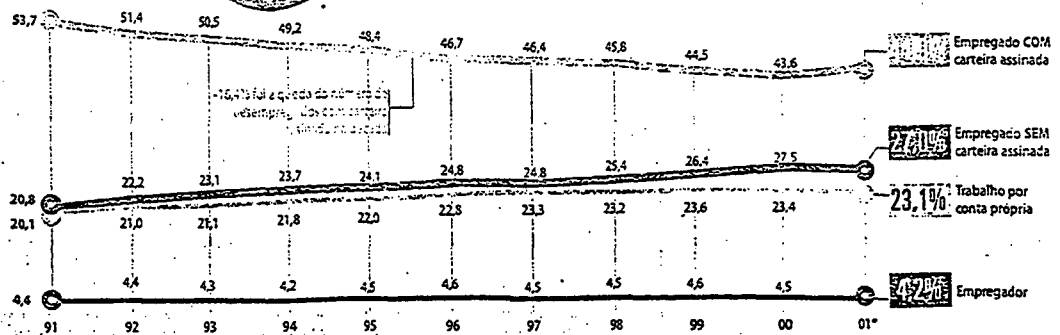
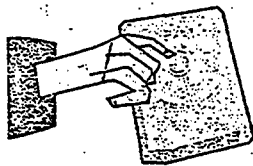
O economista Márcio Pochmann, pesquisador da Unicamp e atual secretário de Trabalho do município de São Paulo, considera que o estudo do período 1991-2001 ainda mascara a deterioração do mercado de trabalho nos últimos anos.

Isso porque ele compara um período recessivo (a economia do Brasil cresceu só 1,03% em 91) com outro no qual o país vinha em fase de crescimento até o primeiro semestre de 2001 (o país cresceu 3,17% no período).

Realmente, se a comparação de carteira assinada fosse entre 1989, às vésperas do Plano Collor, e 2000, a queda seria de 58% do pessoal ocupado para 43,6%.

Em 2001 houve um aumento do emprego com carteira assinada, reflexo da retomada da atividade em 2000, quando o PIB (Produto Interno Bruto) do país, que mede o crescimento econômico, registrou alta de 4,36%. O emprego sem carteira assinada registrou uma ligeira queda, passando de 27,3% para 27% da população ocupada.

Emprego com carteira assinada desabou
Distribuição das pessoas ocupadas, em %



C 8 domingo, 20 de janeiro de 2002

COTIDIANO

FOLHA DE S. PAULO

GILBERTO DIMENSTEIN

Escola de lapidação de esmeraldas

NA QUINTA-FEIRA passada, Esmeralda Ortiz, de 21 anos, mais uma vez entrou na categoria das exceções, quando leu seu nome numa lista de aprovados no vestibular.

Negra, filha de pai desconhecido e de mãe alcoólatra, ex-menina de rua, ex-viciada em drogas, ex-traficante de crack e ex-líder de quadrilha de adolescentes, ela viu quase todos os seus parceiros e colegas morrerem, vítimas de tiros ou de doenças que prosperaram por falta de cuidados.

Apenas o fato de ter sobrevivido já a colocaria na categoria de exceção. Mais excepcional ainda foi investir nos estudos; adolescente, não tinha completado a quarta série do ensino fundamental. "Eu me sentia burra, não conseguia entender nada na escola", dizia. O máximo que se imagina para esse tipo de sobrevivente são cursos profissionalizantes, desses que se limitam a trabalhos manuais.

Quando decidiu escrever sobre suas experiências, encontrou na ovidiade de seu isolamento o título do livro: "Por que Não Dancem?". O relato de uma ex-quase-morta, que rabiscava, nas ruas, poesias em cadernos sujos.

Sem educação formal, Esmeralda enfrentava a norma culta da língua portuguesa, com seu emaranhado de concordâncias verbais e nominais, como enfrentou os desafios da rua. Apanhava, mas também batia, assessorada por uma professora de português (Alcia Beraldo); e por uma estudante de pedagogia (Raquel de Souza) da Universidade de São Paulo.

No final do livro, em que conta sua trajetória, expôs dois projetos: ter uma família e, quem sabe, cursar uma faculdade.

Não queria mais ser uma "ex"; queria montar um projeto de fu-

turo. "Não vou ficar 'cafetinando' meu passado."

Entrou na briga. Foi aceita no supletivo noturno oferecido pelo Colégio Santa Cruz, aonde chegava de bicicleta. Alugou, nas proximidades, um quarto nos fundos de uma casa.

Antes de começar as aulas, parava na residência de Heloisa Prieto, autora de livros infanto-juvenis, para treinar redação. Em meio a sanduíches rapidamente devorados por Esmeralda, escreviam a quatro mãos uma estória para crianças.

Para ganhar a vida, trabalhava num programa de arte-educação — aprendeu com a artista plástica Flávia del Prá como produzir mosaicos de azulejos — e dá palestras nas escolas que adotam seu livro, já na sexta edição.

Em dezembro, começou a percorrer a maratona de vestibulares sem muita esperança, especialmente nas instituições públicas. Na semana passada, experimentou a doce vertigem de ver seu nome na lista da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo, no curso de letras. "É apenas o começo", comemora, sem saber que, certamente, está ajudando a

mudar a história do ensino superior no Brasil.

A história é maior do que se imagina. Quando um ex-menina de rua faz da faculdade um sonho, há algo de novo no país. Por todo o Brasil, disseminam-se nas comunidades mais pobres cursos pré-vestibular oferecidos gratuitamente. Um dos mais notáveis exemplos é o cursinho dos alunos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Esse movimento é resultado da percepção, difundida principal-

mente, em boa medida, de um diploma de ensino superior. É a tradução das demandas do que se convencionou chamar de sociedade do conhecimento.

Abre-se, porém, um novo e gigantesco flanco de tensões, a ser administrado pelos próximos governos: como aumentar rapidamente vagas nas universidades federais e estaduais? Ou como financiar os alunos que entram nas faculdades privadas, obrigados a enfrentar juros proibitivos, sem "estrangulá-los"?

O chamado "apartheid social" é escancarado na questão do vestibular. Nos últimos tempos, alguns intelectuais, tolos ou ingênuos, publicaram pesquisas mostrando que uma quantidade expressiva de alunos de escolas públicas entrava nas melhores universidades federais ou estaduais.

Com isso, justificavam involuntariamente a perversidade de um sistema que exige brasileiros de alto poder aquisitivo de pagar mensalidades.

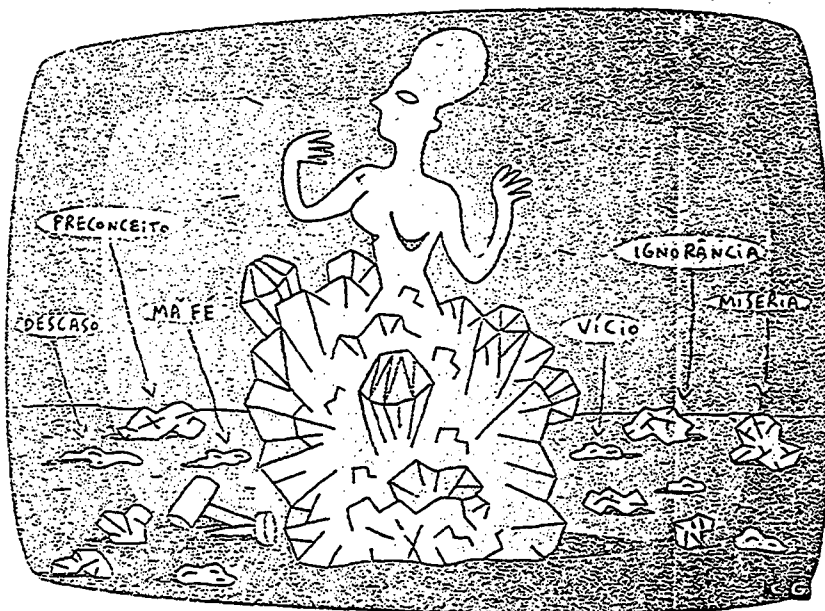
No entanto, entre os aprovados para os cursos mais disputados (medicina, jornalismo, publicidade e engenharia, por exemplo), há poucos estudantes oriundos de escolas públicas.

Obrigatoriamente vai estar na agenda brasileira popularizar as universidades públicas, criando-se cursos mais curtos (sequenciais), mais voltados ao mercado de trabalho. E, simultaneamente, devem ser oferecidos cursos de complementação escolar para recuperar o tempo perdido, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos.

A escola é o melhor lugar para lapidar esmeralda.

PS - Uma das tarefas mais importantes dos próximos presidentes e governadores é investir pesadamente no ensino médio, cada vez mais inchado e desaparelhado. Não é só uma questão de educação, mas de segurança. Sem uma política para manter a juventude em sala de aula, não haverá sociedade que consiga enfrentar a violência.

@ -> E-mail - gdimen@uol.com.br



C 6 domingo, 13 de janeiro de 2002

COTIDIANO

FOLHA DE S. PAULO

GILBERTO DIMENSTEIN

Bom professor é aquele que ajuda o aluno a ter prazer

PARA FAZER dissertação de mestrado na Faculdade de Administração de Barcelona (Espanha), Flávia Pacheco entrevistou 50 brasileiros que, invejados, temidos ou reverenciados, atingiram posições de destaque em suas profissões no Brasil.

Queria entender as forças que impulsionam personalidades como o publicitário Washington Olivetto, o banqueiro Roberto Setúbal, o tenista Gustavo Kuerten, o alpinista Waldemar Nielewicz, a médica Zilda Arns, a ex-jogadora de basquete Hortência, o industrial José Getálio e a executiva Maria Sílvia Bastos, entre outros.

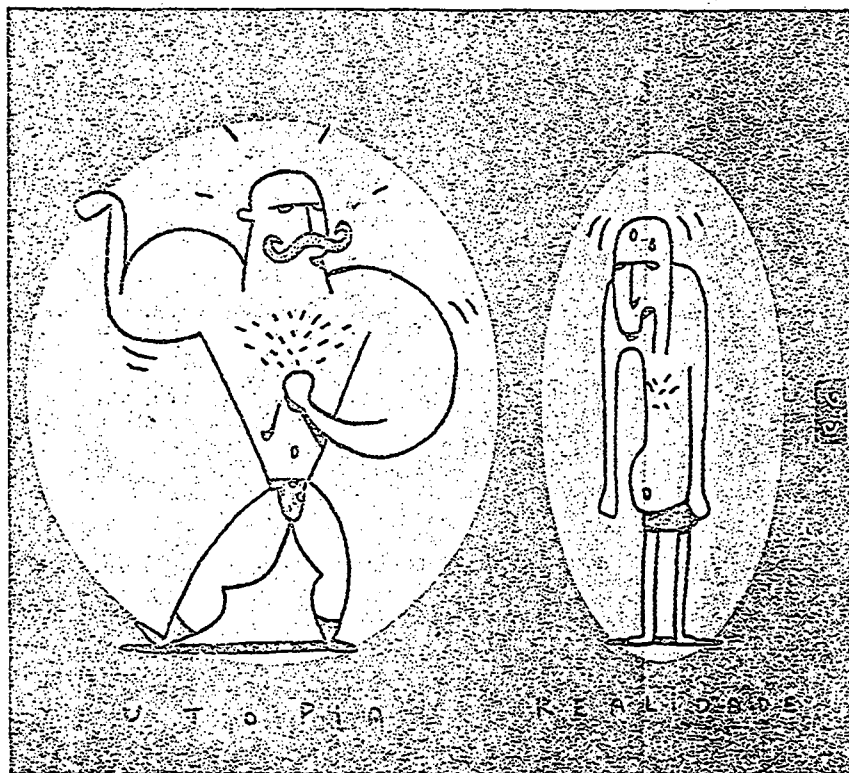
Os entrevistados disseram que o desejo de ganhar dinheiro não é a sua principal moeda propulsora. Nem a busca de sucesso e de poder. Fama e riqueza são ingredientes, indispensáveis e agradáveis, do reconhecimento, mas não é isso que os faz passar noites acordadas desenvolvendo projetos, trabalhar em feriados ou durante finais de semana, treinar sem parar.

Muitos daquela lista, afinal, já têm dinheiro suficiente para alimentar várias gerações e continuam tão empenhados como antes, quando ainda eram anônimos ou pobres.

"Sempre fiz aquilo de que gosto", afirma Maria Sílvia Bastos, presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), uma das mulheres mais bem remuneradas do Brasil.

"Todo mundo nasce para fazer alguma coisa, mas são poucos os que têm a sorte de descobrir qual é essa coisa. Eu tive a sorte de descobrir muito cedo qual é a coisa para a qual eu sirvo", diz Washington Olivetto, o publicitário brasileiro mais premiado.

Responsável por um dos programas mais aplaudidos de saúde



pública no mundo, Zilda Arns, indicada para o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho na Pastoral da Criança, disse que, quando vai a uma comunidade, a primeira coisa que pergunta aos líderes, todos voluntários, é se são felizes naquela atividade. Quase sempre levantam o braço contentes. "Então eu sei que vamos ser bem-su-

cedidos, porque eles têm prazer em trabalhar."

A pesquisadora Flávia Pacheco leu todas as transcrições das entrevistas e percebeu que jamais conseguiria dizer, sem escorregar nas levandades da auto-ajuda, qual é o segredo do sucesso. Mas

percebeu que, sem prazer, não há chance de progresso — gostar do que faz é o principal estímulo.

"Para os bem-sucedidos, trabalhar não é nenhum sacrifício. Ao contrário, eles não saberiam viver sem isso. É como se o trabalho fosse um hobby. Os resultados financeiros são simplesmente uma consequência de fazer bem aquilo de que se gosta", diz.

Frequentemente, essas pesquisas costumam evocar, em maior ou menor grau, o senso comum. E tentam explicar o sucesso com argumentos do tipo necessidade de trabalhar duro, descobrir seu talento, estar no lugar certo na hora certa, intuição, e por aí vai.

Mas a verdade é que a imensa maioria dos educadores não descobriu — e, se descobriu, não sabe

sair da teoria — que o principal papel do professor é ajudar o aluno a sentir prazer.

Encontra-se prazer no trabalho quando se encontra a vocação; por isso fazer bem e gostar do que faz sempre andam juntos.

★

Estamos assistindo à argúcia dos vestibulandos, testados em seu conhecimento como se estivessem sendo testados em suas competências e vocações. Grande parte sairá derrotada, não entrará nos mais prestigiados cursos. E muitos, mesmo "vitoriosos", irão mudar de curso sem completá-lo.

A imensa maioria dos alunos vê a escola como uma fábrica de provas baseadas em informações que pouco têm a ver com o cotidiano. Memorizam informações que, muitas vezes, não têm a menor importância.

Poucos experimentam fazeres para descobrir seus prazeres; frequentemente escolhem os cursos influenciados pelos pais e por amigos ou mesmo pela moda.

Podem ir bem nos testes, entrar nas melhores faculdades — e até com as melhores notas —, mas se não souberem de que gostam, tenderão a ser medíocres, medíocres, incompetentes e infelizes.

★

Todas as pessoas têm um potencial para fazer algo bem. E, se a escola tem um papel, esse papel é fazer dessa descoberta sua principal moeda propulsora.

★

PS - O trabalho da pesquisa da Faculdade de Administração de Barcelona deve transformar-se em livro ainda neste trimestre. Coloquei um pequeno trecho na página do Aprendiz: www.aprendiz.org.br/

☞ → E-mail: gdimen@uol.com.br

Sexta-feira 18/01/2002

caderno teen

fluma

291

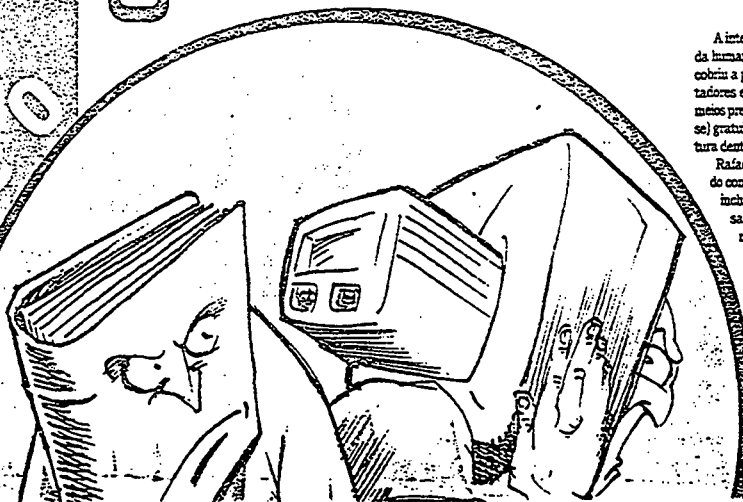
o livro e o computador

Nesta disputa, adolescentes tomam partido, mas professores acham que dá para conciliar os dois meios

A internet rompeu o século 21 como uma das invenções mais importantes da humanidade. Comparável à criação de Gutenberg – que no século 16 descobriu a possibilidade de compor e imprimir palavras – a rede que liga computadores em qualquer ponto do planeta é hoje, ao lado da televisão, um dos meios preferidos dos adolescentes para obter informações rápidas e leves (quase) gratuitas. Como a TV, a internet também é uma grande concorrente da leitura dentro do universo do jovem.

Rafael Vaziera de Souza Pereira, 15 anos, já virou dez horas diante da tela do computador – “com intervalos”, ressalta. Às vezes, o bôlão rende olhos inchados e ardentes e encerra com a irmã mais velha quando ela precisa usar o computador. O garoto, que vai cursar o 2.º ano do ensino médio, gosta de copiar os jogos da web ou ficar conversando com os amigos no ICQ. “O computador te permite interatividade. Acho que aprendo bastante porque estou lendo sempre em português e em inglês”, conta Rafael que diz não ter paciência para ler um livro. “Não consigo prestar atenção”, enfatiza.

Rafael afirma que, em breve, quer tentar criar o costume de ler, pois reconhece que isso vai precisar por causa do vestibular. Isto não é problema para os irmãos Larissa, 13, e Vitor Hermes Santana, 16. Desde muito cedo, eles aprenderam a gostar dos livros e agora aproveitam as férias para ler. Atualmente vivem uma fase *Harry Potter/Senhor dos Anéis*. “O livro dá coisas que te permitem viajar. Não adianta ligar a TV que não é igual”, observa Larissa. Assim como muitos colegas, Larissa usa a rede para fazer os trabalhos de escola. Já Vitor diz não gostar de ficar “pendurado na internet”. Ao mesmo tempo ele acha que



o livro e o

Entre o

A incrível batalha



COISAS

te permitam viajar. Não adianta ligar a TV que não é igual", observa Larissa. Assim como muitos colegas, Larissa usa a rede para fazer os trabalhos de escola. Já Vinor, diz não gostar de ficar "pendurado na internet". Ao mesmo tempo ele acha que os livros são muito caros. "Se fossem mais baratos, as pessoas leriam mais", acredita.

Segundo a mãe de Larissa e Vinor, a professora de Língua Portuguesa Rossana Pacheco, o gosto pela leitura por parte dos filhos foi despertado antes delas aprenderem a ler. "Contava histórias desde que elas eram pequenininhas", revela. É exatamente o lado lúdico da leitura que Rossana aplica junto aos seus alunos de ensino fundamental. Ela tem um sistema de rodízio no qual o estudante adquire um livro durante o ano e a cada dez dias repassa uma obra e recebe outra do colega. Os conteúdos são trabalhados dentro da sala. "Quando chega no final do ano, uma parte deles foi resgatado para a leitura. Isso não significa que vão se transformar em grande leitores, pois isso depende da maturidade", salienta Rossana. A professora vê o computador como um aliado do livro. "O interessante é que o jovem lê de tudo", avalia.

A diretora dos cursos da área de Letras da PUC/PR e pesquisadora de leitura Maria Morais da Costa também acredita numa convivência pacífica entre os dois meios. "Há textos que são perfeitos para serem lidos no computador. A leitura no computador é uma forma de leitura como a música, uma peça teatral, etc". Sobre a questão dos jogos na internet, a pesquisadora observa que a maturidade pode transformar um "viciado" em computador em leitor. "Vai chegar o momento em que o jogo não vai representar nada para ele. Ai, pode ser que o livro venha fazer sentido", diz.

- DANIELLE BRUNO

WEB NO DIVÃ

Interatividade explica

Para Edgar Jamhour, professor de rede de computadores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), não há mistério na opção de muitos adolescentes pela internet. Diferente do livro, o computador oferece os recursos da interatividade, além do quesito velocidade de atualização. "Os sites complementam o conteúdo de um livro", diz Jamhour, que geralmente oferece aos alunos endereços na internet onde eles podem se aprofundar nos assuntos da matéria. O professor ressalta que, não fosse o problema da ergonomia – tem gente que não aguenta ler diante da tela –, o livro perderia definitivamente espaço para o computador. "Além disso, não existem sites com conteúdo oficial, a não ser de alguma universidade", aponta.

A pesquisadora de leitura Maria Morais da Costa é pragmática. "Quem não foi preparado, estimulado para ler, sempre vai arrumar um outro elemento para não ler", diz comparando o computador à TV que também já foi apontada como a vilã que roubou a atenção do jovem. Para ela, o maior desafio é dar respaldo social a questão da leitura. "Temos que deixar de lado a idéia de que o indivíduo pode vencer apenas com os punhos e não com a mente", avalia.

Outro aspecto que preocupa a pesquisadora são os trabalhos pirateados da web pelos estudantes. Para ela, esse hábito cada vez mais comum, faz com que se levante vários questionamentos. "Implica uma falta de compromisso de uma sociedade que vive de faz-de-conta", dispara.

E MAIS: OS 40 ANOS DOS ROLLING STONES
FUNVEST
COISAS PARA FAZER NAS FÉRIAS

FOLHA COTIDIANO

Tel: 011-3224-3452
E-mail: cotidiano@folha.com.br
Fax: 011-3224-2785

Serviço de
atendimento ao assinante:
011-3224-3390

PÁGINA C 1 * SÃO PAULO, DOMINGO, 30 DE DEZEMBRO DE 2001

EDUCAÇÃO *O questionário socioeconômico do provão 2001 mostra que candidato à carreira é filho de pais de baixa escolaridade*

Professor tem família de renda mais baixa

ANTÔNIO GOIS
DA SUCURSAL DO RIO

O professor formado pelas universidades brasileiras é filho de pais que nunca foram à escola ou nem sequer completaram os quatro primeiros anos do ensino fundamental. Vive em famílias com renda inferior a R\$ 1.500/mês e estudou sempre em escola pública.

A profissão, que no século passado abriu espaço no mercado de trabalho para as mulheres, agora ajuda a incluir um novo perfil de trabalhador no mercado formal.

O questionário socioeconômico do provão de 2001 do Ministério da Educação mostra que os formandos de cursos como pedagogia, letras, matemática, biologia, física e química (os mais procurados pelos que pretendem ser professores) têm perfil distinto dos que saem de cursos mais concorridos, como medicina, ou de oferta mais comum nas faculdades, como direito e administração.

Em pedagogia, por exemplo, 9,8% dos pais dos formandos nunca frequentaram a escola, enquanto outros 54,7% não completaram a 4ª série do ensino fundamental. Em medicina, um dos mais elitizados, apenas 0,9% dos formandos têm pais que não frequentaram a escola e 10,7% têm pais que não completaram quatro anos de estudo. Na média dos 20 cursos avaliados pelo provão, essas porcentagens são, respectivamente, de 4,9% e 34,7%.

A renda mensal das famílias em cursos de formação de professores também destoa da média. Em letras e matemática, por exemplo, 23,1% e 24,4%, respectivamente, dos formandos vivem em famílias com renda inferior a R\$ 340. A média de todos os cursos é de 10,9% dos alunos nessa situação.



A professora municipal Célia Regina Cristo de Oliveira, com a mãe, a dona-de-casa Maria do Carmo

centagem é de 38,1%.

Apesar dos conhecidos baixos salários, os cursos que formam professores atraem alunos que, além da vocação, vêem na profissão uma forma de ascensão social.

Foi o caso de Célia Regina Cristo de Oliveira, 31, que se formou em pedagogia pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e

lhe rendem mais R\$ 1.200 mensais. Com isso, seu rendimento passou a ser o maior da casa onde mora com os pais e seis irmãos.

Graças ao salário de Célia, a família saiu do apartamento onde morava num conjunto habitacional em Realengo (zona oeste do Rio) para morar numa casa em Anchieta (zona norte).

mos nada sem professor", diz a mãe de Célia, a dona-de-casa Maria do Carmo Cristo de Oliveira, que, assim como o marido, completou só o ensino fundamental.

A história de Célia se assemelha à de Jorge André de Oliveira, 26, aluno de licenciatura em letras da Uerj. Antes de entrar na universidade, ele morava com a mãe nu-

País forma menos profissionais do que o necessário

DA SUCURSAL DO RIO

Os baixos salários dos professores no Brasil são compensados em parte por algumas características da carreira.

Caso a expansão do ensino básico (que vai da educação infantil ao ensino médio) continue no mesmo ritmo do atual, será necessário formar mais professores. Anualmente, chega a existir um déficit na formação de profissionais capacitados para atender a demanda.

Na prática, isso significa que dificilmente se encontrará professores desempregados num futuro próximo. Um estudo feito pelo sociólogo Simon Schwartzman com base nos resultados dos censos do MEC estimou que, em 1993, o Brasil formava 84 mil professores em potenciais, ou seja, alunos que escolheram carreiras nas quais podiam optar por seguir a carreira do magistério.

De acordo com a estimativa de Schwartzman, considerando que é necessário repor cerca de 10% dos professores que se aposentam ou abandonam a profissão, e que o número de alunos no ensino fundamental e médio cresce a uma taxa média de 2% e 10% na década, respectivamente, seria necessário formar cerca de 231 mil professores por ano.

Por essas contas, que Schwartzman faz questão de frisar que são aproximadas, o Brasil precisaria formar 147 mil

dos os professores no Brasil possuem diploma de nível superior para serem contratados.

Outra preocupação com relação à qualidade da formação dos professores é que a maioria deles está sendo formada em universidades privadas, onde, de acordo com o provão, a qualidade é inferior a de instituições públicas.

"As públicas não formam muitos professores. Além disso, muitas vezes, num curso de física de uma universidade pública a preocupação principal é em formar físicos, e não professores", afirma Schwartzman.

Na rede estadual de São Paulo, a secretária de Educação, Rose Neubauer, afirma que 90% dos professores fizeram universidades particulares.

Mas, de acordo com ela, mesmo que todos os professores formados em universidades públicas resolvessem dar aulas para a rede estadual, o número não seria suficiente.

Qualidade

O desemprego dificilmente preocupará os professores no futuro, mas há outras questões que podem prejudicar a qualidade do ensino.

De acordo com pesquisa feita pela CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) com base em dados do MEC, há carência de recursos pedagógicos, graves ou menos graves, em 65,3% das escolas públicas de ensino médio no Brasil.

Nas escolas de ensino fundamental, essa carência nas instituições públicas são encontradas em 53,2% das escolas de 8ª série e em 46,2% das de 4ª.

ANEXO XV-A

23,1% e 24,4%, respectivamente, dos formandos vivem em famílias com renda inferior a R\$ 540. A média de todos os cursos é de 10,9% dos alunos nessa situação. Em faculdades mais concorridas, como a de odontologia, essa proporção é de apenas 2,2%.

Em letras, matemática, pedagogia, química e física, mais de 50% dos estudantes vêm de famílias cuja renda variava de R\$ 540 a R\$ 1.500 mensais. Entre todos os cursos avaliados no provão, essa por-

são uma forma de ascensão social.

Foi o caso de Célia Regina Cristo de Oliveira, 31, que se formou em pedagogia pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e hoje dá aulas na rede pública municipal de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense (RJ).

O salário de Célia é R\$ 850, incluindo benefícios. Para chegar ao trabalho, ela precisa pegar dois ônibus. Além das aulas, ela participa como monitora de projetos sociais do governo do Estado que

muita sala do apartamento onde morava num conjunto habitacional em Realengo (zona oeste do Rio) para morar numa casa em Anchieta (zona norte).

Ela conta que logo que se formou era motivo de orgulho para os pais e para o conjunto habitacional onde morava. "Eles me incentivaram muito. Eu sabia que ia ganhar pouco, mas queria muito ser professora", afirma.

"Para mim, professor é tudo, abaixo apenas de Deus. Não so-

A história de Célia se assemelha à de Jorge André de Oliveira, 26, aluno de licenciatura em letras da Uerj. Antes de entrar na universidade, ele morava com a mãe numa das favelas do Complexo do Alemão (zona norte). Agora mora num apartamento em Niterói (15 km do Rio). "O sonho da favela é ter uma casa de leite. Eu li muito quando era pequeno porque minha mãe trabalhava como doméstica em casas de pessoas que tinham muitos livros", conta.

Por essas contes, que Schwartzman faz questão de frisar, que são aproximadas, o Brasil precisaria formar 147 mil professores a mais por ano para conseguir cumprir a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Diploma Em 2007, acabou o prazo estipulado na LDB para que to-

mental, essa carência nas instituições públicas são encontradas em 53,2% das escolas de 8ª série e em 46,2% das de 4ª.

A pesquisa, intitulada Retorno da Escola, mostra também que em 73,5% das escolas públicas de 4ª série e em 57,2% das de ensino médio havia problemas de insuficiência de recursos financeiros.

Docente crítica formação pública

DA SUCURSAL DO RIO

Em cursos que formam professores, a maioria dos formandos em 2001 avaliados pelo provão estudou o ensino médio em escola pública. Para muitos dos novos docentes, a experiência que eles tiveram como alunos nesse tipo de escola é um modelo do que não deve ser feito em sala de aula.

"Meu ensino médio teve muitas falhas", afirma Leila Santana, 29, aluna do último ano do curso de letras, licenciatura em literatura, da Faculdade de Formação de Professores da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

Célia Regina de Oliveira, 31, que se formou na Uerj em pedagogia, conta que teve que se matricular num curso pré-vestibular comunitário para conseguir disputar uma vaga no vestibular. "Se tivesse tentado o vestibular só com o conhecimento que tive na escola normal, não teria conseguido passar", diz Célia, que hoje ajuda na coordenação desse curso.

Se há professores que criticam a qualidade da formação que tiveram na escola, há também aqueles que usam como trunfo o fato de terem a mesma origem social que seus alunos na escola pública.

É o caso de Sérgio da Cruz Martins, 42. Ele mora na favela da Rocinha (zona sul do Rio) e dá aula de língua portuguesa no Ciep Ayrton Senna, que fica em frente à favela. "Quando a gente conhece a realidade social do aluno, a gente pode se aproximar com mais facilidade, falar a linguagem dele, entender suas girias", afirma.

Ele diz, porém, que o fato de dar aulas na comunidade onde mora não faz melhor ou pior do que seus colegas. "Escolhi essa escola por ser mais próxima de casa."

PERFIL DOS FORMANDOS

Comparação dos cursos de formação de professores com outros cursos, em %

COR DECLARADA

	Letras	Matemática	Física	Medicina	Direito	Administração	Pedagogia
BRANCA	68,5	67	69,4	82	82,2	82,4	70,1
PRETA	4,3	4,4	3,9	0,9	1,8	1,6	4,5
PARDOS	23,4	25,2	20,5	12,4	11,3	11,9	22,4
AMARELOS	1,2	1,6	2,7	3,8	2,1	3,2	1,1
INDÍGENAS	1,6	1,5	2,1	0,5	0,9	0,8	1,6

RENDA MENSAL DA FAMÍLIA

	Letras	Matemática	Física	Medicina	Direito	Administração	Pedagogia
Até R\$ 540	23,1	24,4	18,0	3,2	4,4	4,0	20,4
Entre R\$ 540 e R\$ 850	52,4	54,3	50,9	19,5	28,7	32,6	52,1
Entre R\$ 850 e R\$ 1.500	17,6	16,5	20,4	27,8	32,0	34,0	19,9
Entre R\$ 1.500 e R\$ 3.000	5,4	4,0	8,3	35,1	26,3	22,5	6,1
Acima de R\$ 3.000	0,6	0,4	1,1	13,6	7,2	6,6	0,8

GRAU DE ESCOLARIDADE DO PAI

	Letras	Matemática	Física	Medicina	Direito	Administração	Pedagogia
Sem escolaridade	9,4	10,4	5,5	0,9	2,9	2,9	9,8
Ensino fundamental incompleto	52,2	54,4	40,2	10,7	24,0	33,3	54,7
Fundamental completo	13,8	13,6	14,4	6,7	11,7	14,9	12,6
Médio completo	15,0	13,4	21,3	17,9	21,4	22,8	13,9
Superior	8,6	7,8	17,8	63,2	38,7	25,7	8,5

GRAU DE ESCOLARIDADE DA MÃE

	Letras	Matemática	Física	Medicina	Direito	Administração	Pedagogia
Sem escolaridade	8,6	9,0	4,7	0,9	2,8	3,4	9,7
Fundamental completo	48,7	50,2	36,3	10,7	22,7	31,7	52,3
Fundamental incompleto	14,6	14,6	17,3	6,7	14,3	17,4	13,5
Médio completo	17,7	16,8	24,8	17,9	27,6	26,4	16,7
Superior	9,6	9,1	16,2	63,2	31,4	20,9	7,6

ONDE CURSO OU ENSINO MÉDIO

	Letras	Matemática	Física	Medicina	Direito	Administração	Pedagogia
Tudo em escola pública	65,7	67,6	60,8	11,9	32,4	42,7	64,4
Tudo em escola privada	19,9	19,2	26,4	76,7	49,7	41,2	20,8
Maior parte em pública	6,0	6,0	5,2	4,7	6,9	6,5	5,9
Maior parte em privada	4,0	3,9	4,3	4,9	6,5	5,9	4,0
Metade em pública e metade em privada	3,7	3,1	2,3	1,3	3,3	3,5	4,7

Fonte: Inep/MEC com base no questionário socioeconômico do provão de 2001

Características das turmas mudam

DA SUCURSAL DO RIO

O perfil da turma da secretária da Educação do Estado de São Paulo, Rose Neubauer, 56, no curso público de formação de professores do Instituto Feminino de Educação Padre Anchieta, mostra o quanto mudou a característica dos professores.

"As minhas amigas eram de classe média e poucas pensavam em fazer universidade. A perspectiva para a mulher na época era ser professora. Ser médica, engenhaira ou aeromoça pegava mal, não fazia sentido", lembrou Rose.

A secretária faz questão de dizer, no entanto, que não tem saudades daquela época: "Naquele tempo [décadas de 50 e 60], apenas uma elite tinha acesso à escola pública. Essa elite tinha aulas também com professores de elite. Ho-

je, a escola se universalizou e grupos a Deus, a profissão de professor também virou uma profissão de massa", diz.

Segundo Rose, naquele modelo de sociedade, muitas mulheres procuravam ser professoras como uma garantia de renda caso o casamento não desse certo. "Das minhas 40 colegas, acho que apenas umas dez tinham vontade de trabalhar como um projeto para ser independente. Ir para a universidade, então, era algo pouco estimulado até pelas famílias".

Segundo Rose, é necessário ter pessoas de diferentes segmentos da sociedade para dar aula. "Hoje temos uma escola para todos. Somos um país com uma grande concentração de renda. Mesmo se triplicássemos o salário do professor, não haveria elite suficiente para dar aula na escola pública."

Mudança é gradual, diz educadora

DA SUCURSAL DO RIO

Na opinião de Marieta Nicolau, professora da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo) e coordenadora-geral do programa de educação continuada da instituição, a entrada no mercado de um profissional de menor renda é um fenômeno que vem ocorrendo gradativamente.

"Há algumas décadas, o perfil do professor era mais elitizado. Hoje, percebemos que é um profissional mais valente, que trabalha muitas vezes em vários lugares para garantir sua renda", diz.

Para ela, a mudança é explicada pela defasagem salarial histórica da categoria, que deixou de atrair um público de maior renda, e pelo processo de democratização da escola pública, que, ao mesmo tempo em que cria demandas por

mais professores, permitiu que uma classe social tradicionalmente excluída dos ensinos médio e superior pudesse ter acesso aos cursos de formação de professores.

Para Guiomar Namo de Mello, integrante da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, os condições do magistério sempre foram de uma camada mais pauperizada da população, em relação ao perfil dos estudantes de outros cursos.

Segundo ela, as eventuais dificuldades de estudantes que ingressam nos cursos de formação resumem a ser de responsabilidade da universidade assim que acolhem esses alunos. "Se esse aluno tem um mau professor na escola, o professor que ele não quer quando estiver dando aula, deve quando começar sua formação ter do a ele o que ele não recebeu."

Edição de Arte/Folha Imagery

Profissão professor ou adeus professores?

Novas tecnologias de produção afetam a organização do trabalho e a competitividade internacional leva à modificações nos padrões de produção e de consumo

José Carlos Tarde

Frequentemente ouve-se dizer que a profissão de professor está fora de lugar, uma profissão heróica que perdeu seu lugar. Há gente que ainda acha que ser professor é um sacerdócio, uma tarefa de pessoas abnegadas que não sofrem pelo bem das crianças. Será assim? Terá chegado o tempo em que não são mais necessários os professores? Os professores serão capazes de competir com os meios de comunicação, recorrer a outros meios de motivação dos estudantes do que a sala de aula? A utilização de computadores nas escolas substituirá a professora? Ou as próprias escolas vão desaparecer, substituídas por Centros de Informática ou Centros de Tecnologia e Multimeios? Ainda haverá condições a professor, com os atuais salários que lhe são pagos? A quem interessa manter esse estereótipo de que a profissão de professor é um "sacramento"?

São perguntas embaraçosas que confundem a cabeça das pessoas. Muitos acham que numa sociedade repleta de meios de comunicação e de informação não haveria mais lugar para a escola e para os professores. Numa sociedade sem escolas, os jovens aprenderiam em Centros de Informação através das novas tecnologias como tv, vídeo, computadores. Os próprios pais de alguns frequentemente caem no delírio de que melhor escola é a que tem computadores, a chance de dessa forma seu filho será melhor preparado para a sociedade informacional. Muitos professores se apavoram pensando perder seu emprego. Alguns técnicos ligados ao Ministério da Educação ou às Secretarias de Educação, por conta do impacto nas novas tecnologias na educação, pensam que o professor de hoje tem que ser um técnico que apenas execute em partes de instituições tirando do professor sua capacidade de refletir e decidir sobre seu próprio trabalho.

É verdade que o mundo contemporâneo, neste momento da história que alguns denominam de pós-moderna, outros de modernidade tardia, está marcado pelas avanços na comunicação e na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência.

Na esfera econômica, o fenômeno mais importante é a globalização dos mercados, ou como outros preferem denominar, a mundialização da economia. A competitividade internacional leva a modificações nos padrões de produção e consumo. Novas tecnologias de produção afetam a organização do trabalho modificando, cada vez mais, o perfil de trabalhador necessário para esse novo modelo de produção.

Surgem novas profissões, desaparecem outras. Há uma tendência de intelectualização do processo de produção implicando mais conhecimento, uso da informática e de outros meios de comunicação, habilidades cognitivas e comunicativas, flexibilidade de raciocínio etc.

As mudanças na política são, também, visíveis, principalmente se pensarmos que os interesses políticos vão sendo subordinados às regras da mundialização da economia. O poder das finanças toma conta do mundo, comprometendo a soberania das nações. Vai desaparecendo a ideia de nação, de valores nacionais, de tradições locais. Os governos dos países periféricos vão perdendo sua autonomia e atribuições que são do Estado, como educação, saúde, previdência e que vão sendo passadas para as empre-

sas privadas. A participação das pessoas na vida política vem perdendo força, enquanto aumenta a necessidade de maior controle da esfera pública pela população.

Na vida cotidiana, cada vez maior número de pessoas são atingidas pelas novas tecnologias, pelos novos hábitos de consumo e indução de novas necessidades. Pouco a pouco, a população vai precisando se habituar a digitar telas, ler a mensagem do monitor, atender instruções. Cres-



cem poder dos meios de comunicação, especialmente a TV, que passa a exercer um domínio cada vez mais forte sobre crianças e jovens. Interferindo nos valores e atitudes, no desenvolvimento de habilidades sensoriais e cognitivas, no provimento de informação mais rápida e eficiente.

No campo ético, também ocorrem mudanças preocupantes. A padronização de hábitos de consumo e de gostos valendo a uma vida moral também descuidável. O individualismo e o egoísmo estão se acentuando. Valem mais os interesses práticos e imediatos dos indivíduos do que princípios, valores, atitudes solidários para a vida coletiva, para a solidariedade, para o respeito à vida.

Como se pode perceber, as mudanças são consideráveis e afetam não apenas a sociedade de um modo geral como a nossa vida cotidiana. Os fatos que apresentamos fazem parte da realidade, são tendências do mundo atual que trazem benefícios mas trazem também prejuízos. Principalmente porque os benefícios não são para todos, ao contrário. O professor Hugo Assmann, da Unimep, escreve em um de seus artigos que as empresas transnacionais trabalham com a

perspectiva de 700 milhões a um bilhão de consumidores potenciais com apreciável poder aquisitivo. Considerando que o mundo tenha de 6,5 a 8 bilhões de habitantes, o recorde de clientela para a qual se planeja a economia corresponde cerca 10% da população mundial. Ou seja, a maioria da população dos países, especialmente os mais pobres, incluindo o Brasil, perdeu relevância econômica e, certamente, entra na imensa lista dos excluídos.

Entretanto, é inútil cruzarmos os braços. Tendência não é destino e a população brasileira pode organizar-se, pensar seu futuro, criar formas de ação. Nesse quadro a escola ganha importância ao invés de perder. Para enfrentarmos os desafios do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, da mundialização da economia, da transformação dos processos de produção, do consumismo, do relativismo moral, é preciso um reaquecimento na educação escolar. É preciso reconhecer a urgência da elevação do nível científico, cultural e técnico da população, para o que se torna inatível a universalização da escolarização básica de qualidade.

Pontando, ao contrário do que alguns pensam, existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela cumpre um papel que nenhuma outra instituição substitui. É verdade que essa escola precisa ser pensada, e um dos aspectos mais importantes a considerar é o de que a escola não deicem sozinho o monopólio do saber. Há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, através de várias agências. Além da família, a educação acontece nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, na rua. As próprias cidades vão se transformando em agências educativas através de iniciativas de participação da população na gestão, de programas culturais, de orga-

nização dos espaços e equipamentos públicos. Não foi por acaso que se realizou, em Curitiba, há meses atrás, um encontro internacional sobre as cidades educativas.

O que deve ser a escola em face dessas novas realidades? A escola precisa deixar de ser meramente uma agência passiva de informação e transformar-se num lugar de análise, crítica e produção de informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (na TV, no rádio, no jornal, no livro didático, nos vídeos, no computador, etc.) e os elementos cognitivos para analisar essa informação criticamente e darem-lhe um significado pessoal... Para isso, cabe-lhe prover a formação cultural básica fundamentada no desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. A escola fará, assim, uma síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experiencial. Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para busca da informação, mas também para a criação da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação mas também de produzi-la, a partir do aluno como sujeito do seu próprio conhecimento.

Nessa escola haverá lugar para o professor? Sem dúvida. Não só o professor tem o seu lugar como sua presença torna-se indispensável para a criação das condições cognitivas e afetivas que ajudando ao aluno a adquirir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multiníguas e formas de intervenção educativa urbana. O valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência através de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor.

Essa escola, concebida como espaço de síntese, estaria buscando uni-

gir ao menos quatro objetivos de uma educação básica de qualidade: formação geral e preparação para uso da tecnologia, desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, formação para o exercício da cidadania crítica, formação ética.

Para isso, professores são necessários, sim. Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação. O novo professor precisa, no mínimo, de sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multiníguas.

Essas considerações promovem a dignificação do professor, mas não pretendem esconder os problemas. A profissão de professor está efetivamente desvalorizada social e economicamente. Tem havido uma tendência crescente de desprofissionalização e um prejuízo de seu conceito social perante a sociedade. É verdade, também, que a sua formação profissional não vem acompanhando as mudanças. Todavia, pode-se resgatar sua profissionalidade, podem ser travadas lutas sindicais pela credibilidade e dignidade profissional. Ou seja, candidatos a professores, professores em exercício, cursos de formação podem unir-se para que a profissão de professor possa realizar-se como missão de ajudar a si e aos outros a se constituírem como seres humanos, que dialeticamente estão colocados no mundo real.

José Carlos Tarde é doutor em Educação e professor da Unimep

20 de out. de 1996 - p. 26 - J. Tarde

FEBEM

Ex-interno agora é doutor pela USP

Hoje professor, ele aconselha jovens a 'mostrarem seu valor' em oportunidades de trabalho

DA REPORTAGEM LOCAL

Dos seus 42 anos de vida, o professor Roberto da Silva passou 24 confinado em instituições do Estado (sendo 14 em diferentes unidades da Febem e sete na Casa de Detenção). Doutorado pela USP na semana passada, defendendo a tese "A Eficácia Sócio-pedagógica da Pena de Privação de Liberdade", ele dá um conselho a Marcos Antonio Nascimento da Silva:

"Se você teve a sorte de alguém te abrir as portas, te dar uma oportunidade de trabalho, agora é hora de mostrar o seu valor pessoal, sem olhar para o passado. Eu nunca esperei que alguém tivesse dó ou pena de mim. Passar seis meses na Febem é pouco tempo para afetar um projeto de vida, não passa de um evento circunstancial."

Roberto fala com conhecimento de causa. Após a separação dos pais, veio com a mãe e três irmãos de São José dos Campos (SP) para São Paulo. Passaram fome e perambularam pelas ruas durante quatro meses, até serem atendidos pelo Juizado de Menores, que determinou a internação das crianças na Febem e, da mãe, num hospital psiquiátrico. A família acabou aí.

Aos 17 anos, ao sair da Febem, Roberto teve muitas dificuldades para enfrentar sozinho a vida em liberdade. Arrumou um emprego de office-boy, foi morar numa pensão, largou a escola



O professor universitário Roberto Silva, doutor pela USP

na 5ª série e, pouco tempo depois, estava começando a praticar pequenos furtos. Fez o caminho inverso ao dos internos da Febem: só começou a delinquir depois de ter saído de lá. E foi novamente morar nas ruas até ser preso e condenado a 36 anos de prisão por crimes diversos.

Na cadeia, começou a estudar Direito por conta própria e tornou-se um autodidata para advogar em causa própria. Teve bons resultados: conseguiu reduzir a pena a um quinto da condenação. Em liberdade, em 1984, ajudou a organizar os que ficaram presos para defender seus direitos. Mas, diante da oposição do Poder Judiciário, resolveu

tentar a vida em outra praia.

Durante 12 anos, foi missionário da Igreja da Unificação do reverendo Moon, onde estudou Teologia num curso livre. Só aos 33 anos resolveu voltar à escola regular e não parou mais. Fez o supletivo de primeiro e segundo graus, formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso e tornou-se mestre pela USP, em 1996, com uma tese que virou livro (*Os Filhos do Governo*, Editora Ática, 1997).

Agora doutor, Roberto da Silva é responsável pela área de Metodologia Científica da Universidade Santana e, na semana passada, contratado pela prefeitura, começou a dar palestras

para professores sobre a relação entre a escola e o Estatuto da Criança e do Adolescente em toda a rede municipal de ensino.

O professor lembra que a Febem é uma herança do regime militar (a Funabem, que originou os órgãos estaduais, é de dezembro de 1964). Hoje, a instituição só cuida de infratores — já teve 16 mil internos, quando abrigava também menores carentes e abandonados —, mas mantém, segundo ele, "a mesma estrutura gigantesca e centralizada", com a média de um funcionário por adolescente.

Para mantê-la, contou no ano passado com um orçamento de R\$ 172 milhões, a um custo de R\$ 1.300 mensais por interno.

Mesmo assim, ele afirma que "a Febem não precisa acabar, apenas mudar". Roberto defende a municipalização da política de atendimento, ficando a Febem apenas como gestora dos recursos e não executora das medidas sócio-educativas. "Não é por falta de dinheiro, de recursos humanos ou de espaço que a Febem tem tantos problemas. É preciso mudar o modelo criado na época do regime militar."

As parcerias com a iniciativa privada podem ser um bom começo para essa mudança, à medida que a sociedade assumir a sua parcela de responsabilidade, em vez de ficar se mobilizando apenas para impedir a construção de novas unidades da Febem em seus municípios.

EDUCAÇÃO ■ PROGRAMA VAI FINANCIAR CRIAÇÃO DE CURSOS PRÉ-VESTIBULARES E DE REFORÇO DO ENSINO MÉDIO

MEC prevê R\$ 9 mi para negros e índios

Ministro Paulo Renato Souza viaja a Washington amanhã para apresentar o projeto ao BID

BRASÍLIA (AG) - ESTUDANTES NEGROS e indígenas receberão atenção especial do Ministério da Educação. Um projeto de US\$ 9 milhões está sendo preparado para financiar a criação de cursos pré-vestibulares e de reforço no ensino médio que dêem prioridade a estudantes negros e índios. "Nossa intenção é que o programa comece já em março a preparar estudantes para o vestibular de 2003", afirmou o ministro da Educação, Paulo Renato Souza.

O ministro vai amanhã a Washington apresentar o plano ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que deve

emprestar ao Brasil US\$ 5 milhões. Os outros US\$ 4 milhões sairão dos cofres do governo federal.

A intenção de Paulo Renato Souza é assinar a liberação do empréstimo em março, em uma reunião do BID que será realizada em Fortaleza (CE). Antes disso, o ministério usará parte dos de outro acordo com o banco para iniciar o trabalho.

Com o recurso, o MEC vai financiar cursos de recuperação paralela e pré-vestibulares tanto para estudantes do último ano do ensino médio quanto para aqueles que já o concluíram, mas não têm

condições de pagar um cursinho. Será feita uma seleção de projetos e uma equipe de consultores escolherá as melhores propostas. Serão beneficiados aqueles que se comprometerem a priorizar o ingresso de estudantes negros, indígenas e também os de baixa renda. O ministério também pretende incentivar universidades públicas a criarem esses cursinhos.

Sete estados - Rio, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e São Paulo - serão incluídos inicialmente no projeto. Além dos cursos, o projeto prevê a capacitação de professores para

trabalhar com inclusão social e preconceito racial e a elaboração de material didático específico. "Esperamos diminuir o desequilíbrio no acesso ao ensino superior", disse o ministro.

No projeto para o BID, foram apontados seis problemas que emperram o acesso de minorias ao ensino superior. O primeiro seria a pouca articulação entre o ensino médio e o superior e a falta de informação. Além disso, o MEC avalia que as iniciativas para tentar levar esses grupos ao ensino superior nem sempre têm continuidade e não há garantias de que realmente funcionem.

PESQUISA

Acesso é limitado

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad) de 1999, apenas 16% dos jovens brasileiros negros, entre 18 e 23 anos, concluíram o ensino fundamental. Entre os brancos, são 37%. Além disso, apenas 2% dos negros entre 18 e 25 anos chegam à faculdade. Entre os brancos, o índice de jovens com ensino superior é de 11%.

O programa proposto pelo Ministério da Educação pretende dar atenção também aos índios. Hoje o acesso deles às universidades é tão limitado que não chega a ser registrado nas pesquisas. Algumas instituições já iniciaram cursos superiores de formação de professores indígenas, mas ainda são poucos os que conseguem terminar o ensino médio.

ANTÔNIO ERMÍRIO DE MORAES

Matemática e português: indispensáveis para uma boa educação

QUANDO chega o Natal, gosto de conversar com os velhos amigos, em especial com os do tempo de escola, ainda que seja por telefone. No caso da Joaquina, que, depois do ginásio, completou a escola normal e lecionou por quase 40 anos, é ela que geralmente se antecipa. Ligou no dia em que eu preparava este artigo. Estava horrorizada com os alunos que, apesar de analífabes (!), passaram no vestibular de várias faculdades do Brasil. De fato, isso é alarmante.

Ela não se conforma ainda com o modismo da "aprovação automática". O seu argumento parece válido: diz que, ao aprovar o aluno automaticamente, a escola vai ver quais são as suas deficiências só no fim de um ciclo. E muitos deles carregam essas deficiências pelo resto da vida, apesar de passarem em vestibulares cujas provas se resumem a testes de múltipla escolha.

No caso das faculdades de direito, muitos chegam a se formar e só são barrados no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, que, em 2001, aprovou apenas 26 mil dos 48 mil que se candidataram ao registro de advogado.

Não sei como uma pessoa pode contribuir para qualquer tipo de empresa e para si própria sem saber redigir. Em uma pesquisa realizada por um instituto da Unesco, o Brasil classificou-se em último lugar entre 32 países nos quais os alunos foram submetidos a provas de redação. Uma parcela substancial dos nossos alunos do ensino médio não compreende o que lê. É uma calamidade.

Contou-me a Joaquina que, no Estado do Amazonas, várias faculdades decidiram eliminar o exame de redação devido aos protestos de alunos aprovados que alegaram "subjetivismo" por parte dos professores que corrigiram a prova.

O professor Paulo Renato Souza tem realizado um bom trabalho à frente do Ministério da Educação e, em boa hora, tornou a prova de redação obrigatória a partir do ano de 2002.

Mas as mazelas do ensino vêm de longe. O Brasil conseguiu matricular todas as crianças na escola. Foi um grande feito, mas insuficiente para atender às necessidades da vida moderna e do mercado de trabalho nos dias de hoje.

No Estado de São Paulo, considerado um dos mais adiantados em matéria de educação, dos 36 mil professores de matemática que lecionam no ensino médio, apenas 12 mil são formados naquela disciplina e foram aprovados em concurso.

O problema qualitativo da educação é mais grave do que foi o problema quantitativo nas décadas passadas. Hoje, temos pela frente a globalização, que impõe uma concorrência acirrada entre as empresas e os profissionais, demandando alta produtividade, que só pode ser alcançada com boa educação.

Bons conhecimentos de matemática (que nos ajudam a raciocinar) e de português (que exigem muita leitura) representam, no meu entender, a grande base para uma boa educação.

Que 2002 traga a todos os brasileiros novas esperanças, novas oportunidades e muito progresso.

Antônio Ermírio de Moraes escreve aos domingos, nesta coluna.

07 de maio de 1997

INFO

NA SALA DE AULA

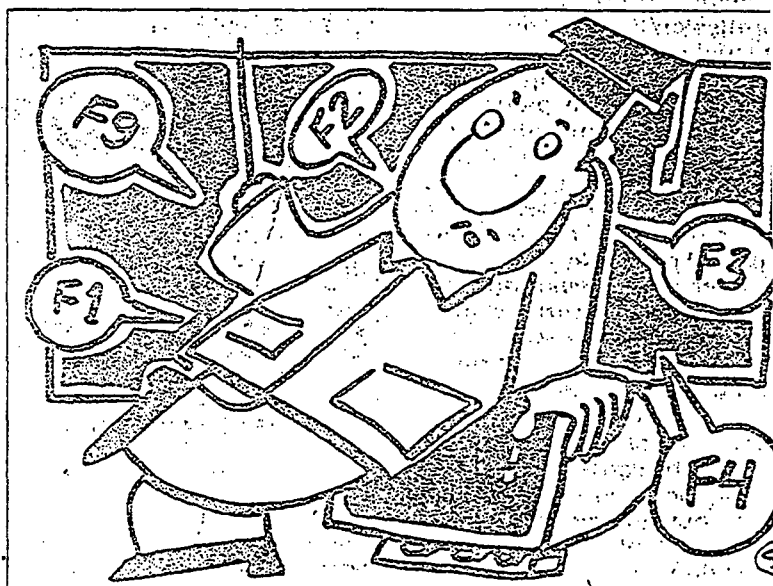
Notebooks já substituem livros e cadernos nos EUA

O futuro do ensino no mundo já começou a ser desenhado nos Estados Unidos, onde as crianças estão estudando com auxílio de notebooks (computadores portáteis). A afirmação é do vice-presidente mundial da Microsoft, Steve Ballmer, durante uma conferência realizada em Osasco no mês passado sobre o desenvolvimento da informática no mundo. "Nos Estados Unidos, já existem escolas em que os alunos estão utilizando experimentalmente os notebooks, que têm um programa que dá fácil acesso à Internet, onde se pode pesquisar uma série infundável de matérias", explicou.



Ainda é caro se ter um notebook de última geração, com os preços podendo chegar a US\$ 4,7 mil, segundo Ballmer. "Mas pais alugam o produto e pagam menos. As crianças têm no notebook o seu livro e o seu caderno ao mesmo tempo para desenvolver seus trabalhos com maior rapidez, além de poder ligá-los sempre a uma rede da escola", disse.

Segundo ele, o notebook poderá chegar em breve a custar de US\$ 500 a US\$ 600. "Há uma tendência para que o pre-



ço caia rapidamente", afirmou.

Ballmer lembrou que quando se começou a usar o computador pessoal no mundo, se pensava em vendas de 15 mil unidades anuais. "Hoje as vendas chegam a 70 milhões de unidades/ano. A Internet está ampliando o uso do computador. A Internet é uma plataforma entre empresas e delas com os seus clientes", explicou. De acordo com Ballmer, essas relações fazem a venda dos computadores duplicarem a cada 18 meses.

O vice-presidente de Microsoft disse ainda que os computadores terão programas que permitirão aos leitores lerem seus jornais na tela, do jeito que gostam: "Ou seja, eu gosto de ler esportes, o basquetebol; a economia e os negócios; e depois vou para o primeiro caderno. Posso

programar o jornal assim para mim. Fica mais fácil. Esse é o futuro".

Ele entende que em menos de cinco anos o computador estará integrado às escolas definitivamente. "Os notebooks assim permitem e já há desenvolvimento específico para isso. Nós estamos participando deste processo nos Estados Unidos", revelou.

No ano passado, quatro das seis empresas que mais investiram em pesquisas são da área de informática: a primeira foi a General Motors, com US\$ 8,3 bilhões; em segundo, a Ford, com US\$ 5,2 bilhões; em terceiro, a IBM, com US\$ 3,7 bilhões; em quarto lugar, a AT&T, com US\$ 2,3 bilhões; em quinto lugar, a Hewlett Packard, com US\$ 2,1 bilhões; em sexto lugar, a Microsoft, com US\$ 2,1 bilhões.

Millon F. da Rocha Filho

AMÉRICA

Sem-computador é o sem-terra do futuro

GILBERTO DIMENSTEIN

Numa aliança com a Microsoft, de Bill Gates, o Citibank decidiu fazer uma experiência com brasileiros que dificilmente teriam conta em banco. Muito menos computador.

Eles resolveram entregar computadores carregados com os mais modernos programas educativos a cem bibliotecas, todas instaladas em favelas e bairros periféricos das cidades brasileiras.

A doação do material é detalhe. Importante é a produção da tecnologia do conhecimento, num país com escassos exemplos de escolas públicas eficientes. Esse projeto vai transformar as bibliotecas, na prática, em laboratórios so-

ciais.

Em parceria com a Fundação Abrinq, os responsáveis e educadores de cada biblioteca serão treinados, suas dificuldades, acompanhadas, e os resultados, avaliados, numa constante busca de soluções.

Se der certo, o projeto tende a inspirar o sistema público, habilitando as escolas a preparar o trabalhador do futuro, obrigado a lidar com tecnologias sofisticadas.

O que é mais estratégico: distribuir terras ou computadores?

O país acompanhou, comovido, o protesto dos sem-terra. Fez da marcha um símbolo da injustiça, omissão e violência — e com razão.

Ao apoiar o movimento, a opinião pública emitiu sinais de que os níveis de tolerância com a pobreza são menores, e as demandas sociais, especialmente por emprego, tendem a ser cada vez mais articuladas.

Mas assentar famílias é, hoje, essencialmente uma questão de justiça e combate à violência. É algo como uma política de renda mínima para evitar que famílias mendiguem pelas cidades. Al tem sentido.

Não tem sentido apresentar a reforma agrária como prioridade estratégica, num final de século movido por globalização e tecnologia informalizada. Aqui nos EUA, menos de 3% da população permanece no campo.

Apesar de atingir poucos milhares de crianças, o projeto do Citibank com a Microsoft é relevante porque sinaliza uma prioridade estratégica, numa ofensiva da elite econômica.

As chances de o Brasil gerar emprego na era da informação, marcada por competição selvagem, dependem em boa parte não só do que se faz nas empresas, aumentando a produtividade, mas do que se produz hoje em sala de aula.

Escola que não ensina a manejar computador, entrar nas redes de informações, mantendo-o em permanente reciclagem, cria novos analfabetos.

O sem-computador de hoje é o sem-terra do futuro. Vai ficar vagando à procura de auxílio social com poucas chances de

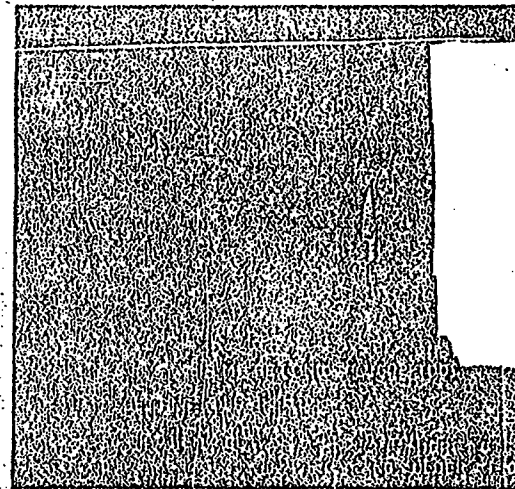
Cedo ou tarde o drama dos sem-computador vai entrar no topo da agenda brasileira.

Existe um vazio na agenda porque, combinado com a anestesia do Real, os partidos de oposição perderam discurso da modernidade; os sindicatos não redefiniram sua plataforma, presos ao corporativismo; lideranças empresariais não são ouvidas fora dos limites de sua categoria; nós, da imprensa, não estamos conseguindo ventilar, como no passado, o debate com idéias contemporâneas.

Por causa desse vazio, os sem-terra conseguiram tanto espaço. Afinal, apenas uma ínfima minoria da população mora hoje no campo.

Há uma série de tensões que não se articularam politicamente. Grave mesmo será quando os sem-emprego, da classe média, tipo bancários, executivos ou operários qualificados das regiões industriais, começarem, de fato, a fazer barulho.

Não existe, por enquanto, o movimento das famílias sem-escola. De gente que sabe da importância da educação para a sobrevivência dos filhos e não se conforma com os níveis do ensino público. Mas não tem dinheiro para escola privada. É só uma questão de tempo.



cas didáticas sobre os impactos da tecnologia. Milhares de empregos são dizimados todos os dias; outros milhares, criados. O problema é que muitos trabalhadores ficam no meio do caminho, sem condições de se reciclar.

Por causa desse massacre, uma das principais tendências americanas é o poder público simplesmente contratar quem não consegue vagas no mercado de trabalho, os desempregados crônicos. É mais barato do que mantê-los na assistência social ou na prisão.

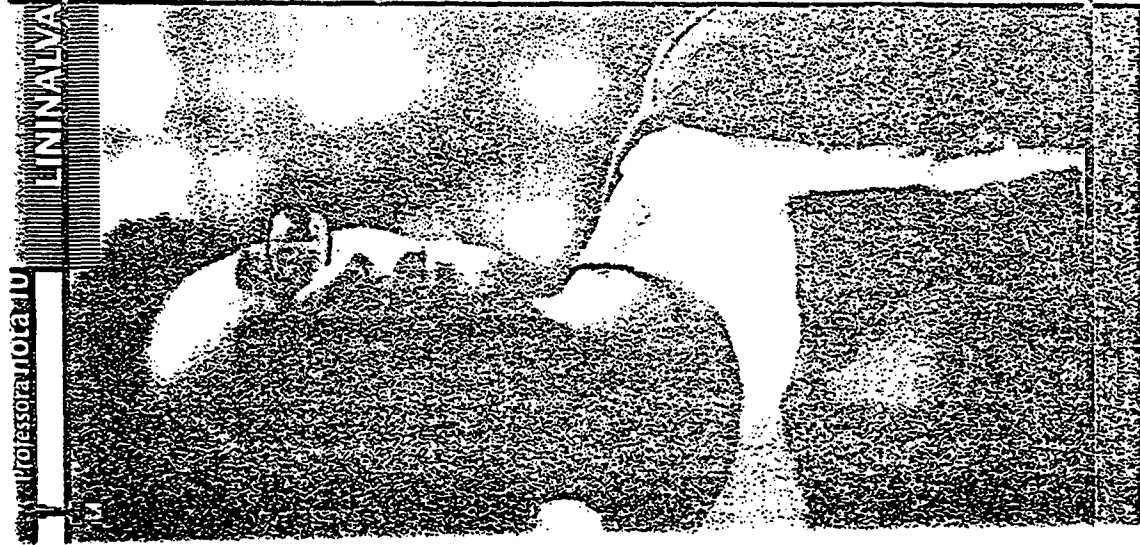
Há um movimento aqui que poderia perfeitamente inspirar o Brasil. Devido à velocidade da informática, os computadores usados perdem vá-

Muitos acham que é melhor fazer doação; um computador usado é útil na escola para quem dá os primeiros passos.

Adultos e crianças fazem mutirões para conectar os computadores à Internet para que, até a virada do século, nenhuma sala de aula fique fora do ar.

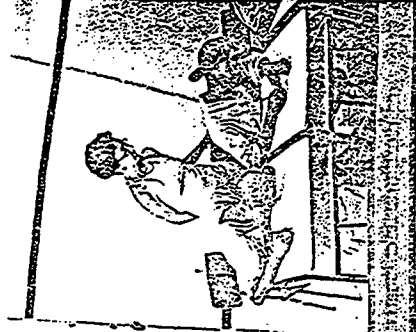
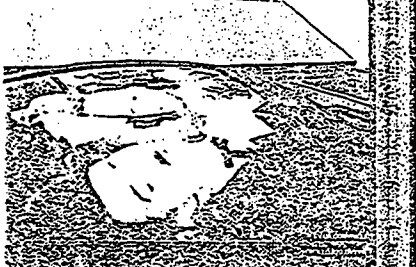
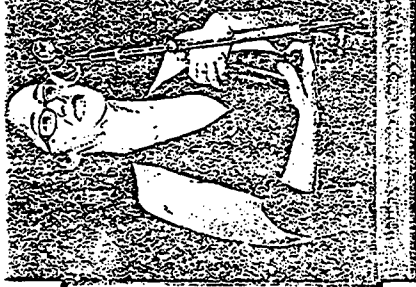
PS - Várias empresas estão lançando no mercado daquelas bibliotecas para Internet e multimídia, por menos de US\$ 800. Antes de se envolver numa enrascada, é bom o governo federal refazer suas contas para comprar 100 mil computadores.

Gilberto Dimenstein escreve às vezes em domingo



A VOZ
nasce
nos
filmes
mudos

Projeto baseado em fitas de Charles Chaplin ajuda adolescentes a melhorar a escrita e a se tornar cidadãos críticos



Lutar para que o Brasil não discrimine nenhuma criança ou adolescente é propósito a eles uma educação de qualidade. Quem é capaz de discernir de um sonho como esse? Quando de nós, porém, conseguimos ir além da retórica? Com certeza, a professora Inivalva Rocha Queiroz está nesse selado grupo. Luit, como é conhecida entre os alunos da Escola Municipal Barbosa Bonato, em Salvador, trabalha diariamente para que ele se torne realidade. Ela apenas dois anos letivos, ela deu início a esperança a um grupo de meninas entre 13 e 21 anos que compartilhava uma história de repressão e exclusão. Depois de alfabetizar as adolescentes, ela passou a consultá-las em situações de verdade, gerar a um trabalho que utilizou filmes mudos de Charles Chaplin (o Caolito) para melhorar a escrita dos textos, desenvolver a oralidade e garantir a todos o direito de pensar e defender as próprias opiniões. Um projeto que muitos julgavam impossível, mas que, realmente, deu a Inivalva o título de Professora da Ano no Técnico Victor Cívola - Professor Ana H, edição 2001.

A prática dessa professora se confunde com a missão da Escola Barbosa Bonato, que atende, além da população carente dos arredores, a crianças e adolescentes ligados ao Projeto Aê (organização não-governamental que oferece atividades

afiliadas a jovens que vivem nas ruas em situação de risco na capital baiana). "Sempre quis ensinar para quem precisa", conta Luit. O que não significa que o descompartimento do projeto mencionado tenha sido um caminho livre de obstáculos. Ao contrário.

"Um meu primeiro dia de aula, fui para a escola cheia de gente. E não apareceu nenhum aluno", lembra ela. No segundo, vieram seis, dos dezesseis inscritos. Compartilha foi uma longa luta. Era preciso acordar os que estavam em dormitório na sala. "Eu via sendo singelo de intercessora" e deixava porque minha filha não ia mais. "Fui muitas as crianças de cinco até o término passar para "decente" ou "mãe professora".

Da clínica para a classe

Quando vê a professora nota 10 em uma prova, seja mediante discussões, seja quando apresenta o resultado, ela sempre diz: "você não tem mais nada para aprender". Ela não tem mais nada para aprender. Ela não tem mais nada para aprender. Ela não tem mais nada para aprender.

A vontade de ser professora existia desde a infância, mas como a profissão não era cobrada em casa, a mãe foi desafiada de lado no início da vida profissional. Depois de tantos anos de espera, a decisão parecia não trazer alegrias logo. "Fui trabalhar numa coleção particular e me sentia uma operária. Não fazia o que me mandavam". A realização veio na escola pública, à qual Luit se dedica em tempo integral. Na Barbosa Bonato, ela auxilia a coordenação de sala e leciona na 3ª fase. Numa unidade da rede estadual, é coordenadora de 7ª a 8ª série no turno da noite. São de cerca de 600 e só volta às 22h30. "Minha filha diz que gosto mais dos momentos do que de trabalhar". Ela não conta de tudo porque o Paulo, seu marido, não dá muita força.

O projeto que ganhou o prêmio a Luit foi realizado em 2000 com uma turma de 3ª série "especial" - formada, inicialmente, por alunos alfabetizados por ela no ano anterior. "Ninguém tinha o nível de aprendizagem necessário para uma classe regular, mas resolvemos assumir o risco em razão da idade deles", conta. O trabalho foi planejado de acordo com a expectativa maior do grupo. O objetivo inicial era desenvolver a competência comunicativa, levar a turma a produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Para atingir esse objetivo, ela sabia que precisava oferecer atividades prazerosas.



**Em voz de oxigênio,
modo de cidadania**

Projeto De Oportunidades Um Trabalho com Resenha: Escrita em língua Portuguesa, História e Arte. O projeto foi desenvolvido em parceria com a comunidade de jovens recém-adaptados em São Paulo. O projeto permitiu aos alunos a escrita crítica, mas não se restringiu apenas à discussão sobre valores, momentos e estruturas, além de temas curriculares, sociais e políticos. As atividades propiciaram o desenvolvimento da consciência crítica e da competência escrita.

"Liniinha demonstrou saber que a aprendizagem só é bem-sucedida quando nós, professores, levamos em conta as competências originais dos alunos e propomos conteúdos que representem um desafio alcançável para eles", analisa Heloisa Cerri Ramos, coordenadora da comissão selecionadora do prêmio e consultora pedagógica de NOVA ESCOLA. No caso, já havia a decisão de utilizar o cinema como tema gerador. A escolha foi perguntar que filmes a garotada já tinha visto (as competências originais). Apenas uma aluna lembrou-se de Chaplin.

A professora não perdeu tempo. Apesar de ter pensado em mostrar produções nacionais, mudou o planejamento e começou a pesquisar formas de trabalhar com as histórias de Carlitos. A princípio, ficou apreensiva, pois os filmes não têm diálogos. "E se eles não estivessem preparados para ler as imagens?", indagava-se. O temor revelou-se sem fundamento. Não só os jovens entendiam perfeitamente as histórias como a cada exibição todos discutiam o enredo e recontavam a narrativa – primeiro, em atividades coletivas, depois em redações produzidas em duplas e, por fim, na criação individual de textos. Em paralelo, foram realizadas pesquisas sobre a história do cinema e a época em que Chaplin viveu.

Senso crítico

Durante as discussões, começaram a aparecer comentários e julgamentos. Os estudantes questionavam o poder de Hitler em *O Grande Ditador* e a situação dos operários em *Tempos Modernos*. As questões abordadas (entre elas, liberdade e diferenças sociais) faziam muito sentido para a turma. "Eles viram que os filmes criticavam a sociedade. Só faltava alguém que os estimulasse a hereditar no próprio conhecimento", diz Liniinha.

Ao perceber tamanho progresso, ela resolveu ousar. Sugeriu a produção de resenhas críticas. "Ela apresentou um desafio, o domínio de um gênero de texto mais elaborado", analisa a consultora Heloisa. "Quando recebi os primeiros textos, comecei a chorar", emocionou-se Lini. "Eram cheios de erros de ortografia, mas as idéias estavam todas lá." O aluno Anderson Góis, de 17 anos, concorda. "Nos filmes, tinha tudo o que acontece no Brasil: desemprego, discriminação. A professora me ajudou a ver."

Para se familiarizar ainda mais com o gênero e aperfeiçoar as habilidades de escrita, todos leram resenhas literárias e cinematográficas nos jornais. A missão final de cada um foi escolher o filme de que mais havia gostado – e fazer a crítica. Era preciso redigir um texto interes-

sante, coerente e sem palavras repetidas. O mesmo cuidado deveria ser dedicado ao uso de parágrafos, letras maiúsculas e pontuação. "Com isso, fizemos análises e reflexões sobre a língua", conta Lini. "E todos passaram a ter grande orgulho do endereço de resenhas."

E ela, orgulho dos alunos. "Este ano, todos pularam para a 5ª série", avisa Lini, que gastou grande parte do prêmio de 15 mil reais com os meninos e meninas. "Comprei calçados, óculos e outros presentes para eles e dei a entrada num carro para minha família." Heloisa diz que o maior mérito do trabalho foi possibilitar a jovens que mal sabiam ler e escrever apropriar-se da palavra escrita. "Com as resenhas, a professora deu voz a quem talvez já não acreditasse na própria capacidade de aprender", avalia. O aluno Silvano Oliveira, de 22 anos, confirma. "No começo, eu não conseguia dizer nada sobre um filme. Agora, falo o que eu penso. Sem medo." Em Salvador, Liniinha continua na correria. Feliz. Ela sabe que está no caminho certo.

Denise Pellegrini, de Salvador

Escola Municipal Barbosa Ramos,
R. São Paulo, s/nº, CEP 41505-140, Salvador, BA.
Tel. (011) 377-4707

Gravar e preciso



A revolução dos informáticos

Escola pública de São Paulo mostra como é possível integrar alunos e professores e dar vida a um grande projeto para usar os computadores de forma significativa para todos

Você ainda duvida do poder revolucionário da informática? Então veja a transformação que os computadores provocaram na Escola Estadual Godofredo Furtado, em São Paulo. Ali, alguns alunos formaram um grupo para pôr em uso o laboratório e terminaram dando aulas aos professores, em oficinas de produção de fanzines. A história começou em agosto de 2000. Inconformados com uma sala fechada e cheia de máquinas desligadas, quatro estudantes do Ensino Médio que haviam feito um estágio na organização não-governamental Projeto Aprender procuraram a dire-

ção do colégio e pediram para assumir o espaço. Estava lançado o Inconformática (leia mais sobre o grupo no quadro da página ao lado).

Com a chave nas mãos, os estudantes fizeram uma faxina na sala e puseram os micros em funcionamento. Não havia rede, os computadores eram velhos e sem acesso à internet. Mas isso não afetou os planos. A ideia podia ser colocada em prática com os equipamentos. "Queríamos mostrar aos colegas como usar a informática de forma significativa", lembra Rafael França, um dos inconformáticos. "Não era nossa intenção dar cursinhos e, muito menos, ficar brincando."

Com a agilidade e o desprendimento típicos dos adolescentes, o grupo organizou as oficinas e, em setembro de 2000, iniciou-se a primeira turma, formada por colegas mais jovens, do Ensino Fundamental. Apostilas foram montadas com as informações básicas sobre a utilização da Windows, do Word e de um software de paginação. O sucesso foi imediato. "Os outros garotos e garotas passavam por aqui e punham as carinhas curiosas na porta e nas janelas para tentar descobrir o que estava acontecendo", lembra Ana Paula Anderson, "ministra mirim". Três meses depois, era lançado o primeiro fanzine (*Recriação*). Nele, alunos de 5ª, 6ª e 7ª séries mostraram as mudanças que estavam ocorrendo na escola, inclusive a criação do Inconformática. Nos textos, abordaram desde a pintura nova do pátio até

Jovens do Ensino Médio mostram a seus professores como operar um micro e a Informática bem empregada rende bons trabalhos educacionais

os projetos pedagógicos realizados, como o Cinema em Sala de Aula, em que analisaram o curta *O Menino, a Favela e as Tampas da Panela*, de Cao Hamburger. Na capa, uma ilustração inspirada em *Tarsila do Amaral*, outro tema das aulas.

Novas máquinas

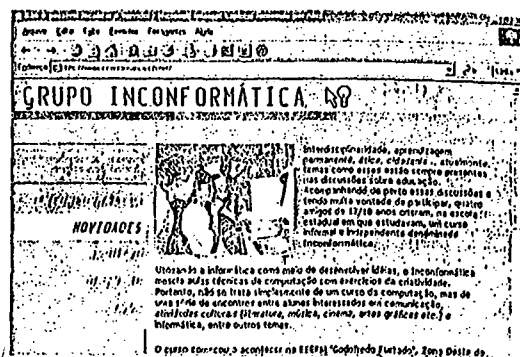
No final do ano, após a primeira reunião com professores e coordenadores da Godofredo, o projeto foi incluído no concurso Sua Escola a 2000 por Hora, do Instituto Avulso Senna. Ganhou. O prêmio foi a modernização do laboratório, que passou a ter acesso de alta velocidade à internet, dezesseis novos computadores, três impressoras e um scanner. Em agosto de 2001, os papéis se invertiram de vez. Teve início a primeira oficina voltada exclusivamente para professores. O tema do fanzine, escolhido pelos docentes transformados em alunos, não poderia ser outro: educação. Boa parte do grupo jamais tinha ligado um computador. Outros, já familiarizados, aproveitaram o trabalho para tocar experiências com os colegas de curso.

"Eu já sabia usar, mas foi muito bom descobrir o que cada um pensa sobre educação e como vem trabalhando em sala de aula", diz Wanda Del Vecchio, que leciona Filosofia. Já para Roseli Anacleto Silva, de Língua Portuguesa, tudo foi novidade. "Eu não sabia nem ligar nem desligar a máquina", conta. "No final do ano, levei minha turma do 3º ano para a sala de informática e percebi que já me sentia à vontade", completa. "Até a diretora acabou participando da oficina", recorda-se Heloisa Helena Madella, de História.

Além dos fanzines, o Inconformática



Alguns dos fanzines produzidos nas oficinas ministradas na Escola Estadual Godofredo Furtado. Inverso de papéis e em nestes e aprendizes



pretende desenvolver oficinas de criação de websites. A primeira página deve ser a da própria escola. "É um projeto ensado e, por isso, ainda não conseguimos estruturá-lo", conta Ana Paula. Ou seja, alié, é o que não falta. O site do Inconformática, por exemplo, já está no ar. Visite www.inconformatica.cjb.net para conhecer um pouco mais sobre esse grupo de jovens revolucionários.

Ricardo Falzetta

Página inicial do site do Grupo Inconformática: desde o detalhado do projeto e embaixo dos sites que devem ser produzidos neste ano

Projeto quer apoio para crescer

Fundadores do Inconformática já se formaram, mas continuam trabalhando até preparar substitutos entre os colegas

Os integrantes do Inconformática, quatro deles da própria Escola Godofredo Furtado e, a quinta, uma colega que se juntou ao grupo voluntariamente, já concluíram o Ensino Médio. Portanto, não têm mais vínculo oficial com a escola onde desenvolveram o projeto. Hoje, cada um toca sua vida procurando seguir os estudos e se colocar no mercado de trabalho. Apesar disso, todos continuam frequentando a Godofredo. "Não vamos deixar o projeto terminar", afirma Renata Carneiro. A ideia é formar novos coordenadores para ministrar as oficinas, comandar a sala de informática e buscar apoio financeiro para ampliar os projetos desenvolvidos, tanto por alunos como

por professores. "Precisamos, por exemplo, de um suporte técnico mais eficiente", diz Ana Paula Anderson. Com a conexão à Internet e a investigação dos micros em rede vieram também os problemas com vírus. A escola tem dado todo o apoio que pode, mas como a intenção é ampliar o projeto, será necessário mais dinheiro. Mas... "Perá, por que vocês fazem tudo isso?", pergunta um título do próprio material de apresentação do Inconformática preparado pelo grupo. A resposta vem na sequência: "O Inconformática é apenas parte de um objetivo muito maior, do qual alunos, pais, professores, governo e sociedade são co-responsáveis: a melhoria do ensino público brasileiro".

Gravado e montado por

Só ensina bem quem sabe fazer

Não é só o domínio técnico do desenvolvimento tecnológico que o professor precisa admitir seu ofício



No início da carreira, Tatiana Almeida Vieira sofria para despertar o interesse de sua turma de 2ª série pela leitura. Ela já tinha concluído o Magistério e frequentava o curso de Pedagogia, quando percebeu que era parte do problema. "Eu não gostava de ler", reconhece. "Eu trabalhava a leitura apenas por obrigação." Tatiana tem 24 anos, leciona na Escola Cecerista São José, em São José da Mata, interior da Paraíba, e conseguiu reverter a situação. Na verdade, ela enfrentava um problema que atinge milhares de colegas, principalmente agora, que a sociedade cobra cada vez mais - na verdade, exige que o professor ensine de uma maneira que ele mesmo não aprendeu. "Quem não adquiriu determinado competência jamais vai conseguir desenvolvê-la nos alunos", afirma Gisela Wajskop, diretora do Curso Normal Superior do Instituto Singularidades, de São Paulo.

Essa dificuldade é comum porque a maioria dos docentes foi formada apenas para transmitir informações, sem desenvolver as habilidades dos estudantes. Só que a escola mudou. "Portanto, cabe a nós, educadores, mudar também", afirma Marcos Masetto, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No dia-a-dia, isso inclui dominar competências básicas, como buscar informações ou ler com desenvoltura.

No caso de Tatiana, a estufa por ter

passado no vestibular foi um estímulo para estudar mais. "Eu queria crescer", lembra. Em conversas com professores, ela pediu sugestões de textos e livros. Com base nessas leituras, foi modificando a forma de pensar. "Sóinho em ser uma profissional atualizada e percebi que ler é o caminho para chegar lá." A determinação provocou um efeito colateral. Na sala de aula, começou a criar situações para fazer da leitura algo útil e agradável - exatamente como havia se tornado para ela. Como? "Procuro entender os interesses da turma", ensina.

As crianças adoravam música. Tatiana, então, ensinou que era possível aprender as letras lendo os encaites dos CDs. Além disso, os gibis, verdadeira paixão da moçada, passaram a frequentar as aulas. Ela conta, orgulhosa, que a leitura deixou de ser obrigação para grande parte dos estudantes. "Eles sabem buscar as informações de que necessitam e se divertem com textos, tanto na escola como em casa". "Percebi que quando você gosta de algo, transmite isso para a classe naturalmente."

Para garantir esse aprimoramento, um passo foi fundamental: a auto-avaliação. "O professor precisa ter consciência das capacidades que possui e das que lhe faltam", afirma Masetto. NOVA ESCOLA selecionou seis competências essenciais para todo educador e meios para que você comece a desenvolvê-las já, caso ainda não as possua. Avalie sua situa-

ção e, se perceber dificuldades, não se aflija. Tanto Masetto como Gisela garantem que sua formação pode ser feita junto com a dos alunos.

ler e escrever
Para ser um bom leitor é preciso ler muito e recorrer a fontes variadas - jornais, diários, revistas e livros. Gisela Wajskop lembra que é importante estabelecer um critério de escolha do texto (por prazer ou obrigação, por exemplo). Assim, fica mais fácil emitir uma opinião sobre o material. "Isso é fundamental", garante. No que se refere à escrita, frequência e avaliação também são pontos básicos. Escreva bastante, leia e releia em voz alta. Para praticar, a consultora Odmar Araújo de Oliveira, de São Paulo, sugere o seguinte exercício: experimente escrever a própria biografia. "Além de nos permitir pensar a vida pessoal e profissional, essa tarefa nos leva a redigir em estilo muito diferente do que usamos nos planejamentos e relatórios com os quais estamos acostumados."

precisar a cultura
Veja os filmes e as peças em cartaz, vá a shows e espetáculos de dança, canteira bailes

de forró, karankês e festas populares. Patrícia Miriam Celeste Martins, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Paulo, é preciso opinar sobre o que se viu e não se afastar daquilo que não agradou à primeira vista. "Se o espetáculo provoca estranhamento, procure mais informações sobre o tema", sugere. Segundo ela, há obras que não existem para ser amadas, mas para fazer pensar. A quem reclama da falta de dinheiro, Miriam destaca: "A TV e as locadoras de vídeo têm material de qualidade." Além disso, praças, igrejas e cemitérios refletem a cultura local. "Um bom trabalho é refletir sobre o artesanato de sua cidade. Será que ele é criativo?" Está lançando o desafio.

ornar-se criativo
É necessário viver diferentes experiências e ter vários modelos, para poder criar. Você se tortura mais inventando experimentando coisas e sensações. Isso vale até na hora de resolver um problema cotidiano. Antes de optar por uma solução, abra um leque de possibilidades, evitando repetidas atitudes. Na opinião de Miriam, é importante ficar atento para observar fatos que ocorrem no tempo todo ao nosso redor e estabelecer relações. A receita dela é buscar o estanho ao familiar. "One, procure alternativas para os ingredientes do café da manhã, para o lanche do dia seguinte em direção ao trabalho ou mesmo na combinação das roupas."

localizar informações
Seja curioso e passe a olhar tudo com mais atenção. Assim, você vai localizar diferentes fontes de pesquisa, muito além da internet, dos livros, das revistas, dos jornais e dos vídeos. Não hesite em consultar um monitor antigo da cidade ou o padre da igreja matriz. "O professor é professor 24 horas por dia", avisa Ricardo Ribeiro, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara, interior de São Paulo. "Tudo o que vê, ou mesmo as histórias que lhe são contadas, servem para alimentar o acervo pedagógico." Seus alunos nunca vão aprender a recorrer a

diferentes fontes se você se vale apenas do livro didático.

trabalhar em grupo
Saber pedir ajuda e ouvir são fundamentais para quem quer trabalhar em grupo. Para Gisela, é preciso aprender a escutar o que os outros falam e selecionar o que interessa. "Assim, você mantém sua individualidade", ensina. Da mesma forma, esteja disposto a ajudar quando necessário, oferecendo as informações de que os colegas necessitam e não aquelas que você quer dar. Lembre-se: as trocas só acontecem quando há objetivos comuns e a responsabilidade pelo ensino é coletiva. O que você acha de começar a conversar com quem deu aulas para seus alunos no ano passado - e com quem vai receber sua antiga turma? "Solidão é garantia de frustração", alerta Ricardo Ribeiro.

ser ético
Um caminho para se tornar ético passa pela reflexão sobre ações de ordem moral e atitudes do dia-a-dia, o que inclui os conflitos entre os estudantes. Busque também ter coerência e introduza critérios de avaliação justos na sua prática cotidiana. Além disso, procure entender de pressupostos éticos, como a solidariedade e a generosidade. "Alguns princípios e valores essenciais para dar base à competência ética estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento de referência", diz Ulisses Araújo, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Escola Cecerista São José, R. João Miguel Leite, 484, CEP 58113-000, São José da Mata, PB, tel. (019) 331-214-1073 Instituto Singularidades, Av. Faria Lima, 380, CEP 05510-200, São Paulo, SP, tel. (011) 3034-3415 Marcos Masetto, e-mail: masetto@uol.com.br Miriam Celeste Martins, e-mail: ep@uol.com.br Ricardo Ribeiro, e-mail: ricardo@uol.com.br Edição Diária, 11 páginas, R\$ 4,00, Ed. Nova Escola, tel. (011) 6090-1500, 19/04

PAULO
compromissos
com a CULTURA

Colsas do amor

Colsas que dão alegria

Colsas da alma

Colsas da vida com tranças selecionadas do Roberto Alves

PREMIO
MÉTODOS INOVADORES DE AVALIAÇÃO

O COCO DA FANTASIA

O maior livro de histórias para
numerosas crianças
em um único volume

Produzido e editado por
NOVA ESCOLA em parceria com
a Editora Nova Cultural